



CELSO AUGUSTO UEQUED PITOL

**VOZES EM OPOSIÇÃO:**  
UM ESTUDO DAS NARRATIVAS MEMORIAIS DE INTEGRANTES DO  
SETOR JOVEM DO MDB DE CANOAS (1972-1979)

CANOAS, 2018

CELSO AUGUSTO UEQUED PITOL

**VOZES EM OPOSIÇÃO:**  
UM ESTUDO DAS NARRATIVAS MEMORIAIS DE INTEGRANTES DO  
SETOR JOVEM DO MDB DE CANOAS (1972-1979)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Memória Social e Bens Culturais pelo programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza Berwanger da Silva  
Co-orientadora: Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

CANOAS, 2018

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer às minhas orientadoras, professoras Maria Luiza e Cleusa, que deram, ao longo dos dois anos de pesquisa, um exemplo definitivo do que significa orientar. Além dos autores e das metodologias que me apresentaram – e que, sem a menor dúvida, me abriram novos caminhos acadêmicos - recebi delas lições quase diárias de companheirismo e dedicação.

Agradeço, ainda, a cada um dos entrevistados por terem emprestado tempo e paciência. Agradeço, também, a generosidade com que fui recebido em suas casas e em seus escritórios.

Faço um agradecimento especial ao Fernando Rotta Weigert, pela dedicada ajuda, e ao José Augusto Reinelli, pelas valiosas informações sobre o cotidiano do período estudado. Também lembro aqui dos funcionários do Memorial da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, aos quais devo o acesso a fotografias e documentos de grande valor.

Por último, deixo minha gratidão a meus irmãos Fábio, Lúcia e Yasmine, por serem grandes parceiros de caminhada, e a meus pais, Celso e Linda, por tudo.



## RESUMO

O presente trabalho investiga as narrativas memoriais de integrantes do Setor Jovem do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de Canoas, Rio Grande do Sul, o qual existiu de 1972 a 1979. O objetivo principal deste trabalho foi o de reconstruir as trajetórias desses integrantes, dentro do período analisado, a partir de suas narrativas - as “vozes em oposição” ao regime civil-militar instalado no Brasil a partir de 1964. Busquei, assim, compreender a constituição dos entrevistados como atores políticos, assim como suas percepções sobre os outros atores, a época e o espaço onde atuavam. As narrativas obtidas foram alvo de interpretação e confronto pontual com outras fontes, incluindo depoimentos de integrantes de outros Setores Jovens. A fim de alcançar esses objetivos, fiz uso da metodologia da História Oral e dos estudos de Paul Ricoeur nas áreas de memória, narrativa e hermenêutica. Também conduziram a investigação os trabalhos de René Rémond sobre o papel do político na História. Os resultados denotaram a presença de releituras daquele período e uma ideia comum de geração. O produto final escolhido foi um documentário.

**Palavras-chave:** MDB – Setor Jovem – Memória - Canoas

## **ABSTRACT**

The present study investigates the memorial narratives produced by the members of the Youth Group of the Brazilian Democratic Movement (MDB) from Canoas, Rio Grande do Sul, that existed between 1972 and 1979. The main goal of this work is a reconstruction of the trajectories of these members based on their narratives – the “voices of opposition” to the civil-military regime installed in Brasil in 1964. This research aimed to understand the constitution of the interviewees as political actors and their perceptions of the other actors, when and where acted. The narratives were object of interpretation and confrontation with other sources. For the completion of this study I used the methodology of the Oral History and the studies of Paul Ricoeur on memory, narrative and hermeneutics. The investigation was also conducted by the studies of René Rémond about the role of politics in History. The results revealed the presence of reevaluations of this period and a common notion of generation. The final product is a documentary.

**Keywords:** MDB – Setor Jovem – Memória - Canoas

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ARENA	Aliança Renovadora Nacional
ASCAPAM	Associação Canoense de Proteção ao Meio Ambiente
CEBRAP	Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
IEPES	Instituto de Estudos Políticos e Sociais
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MR-8	Movimento Revolucionário Oito de Outubro
MTR	Movimento Trabalhista Renovador
PC do B	Partido Comunista do Brasil
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDC	Partido Democrata Cristão
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PL	Partido Libertador
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PPL	Partido Pátria Livre
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PSP	Partido Social Progressista
PST	Partido Social Trabalhista
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTN	Partido Trabalhista Nacional
UDN	União Democrática Nacional

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1.1 As escolhas e os caminhos da pesquisa</b> .....	<b>9</b>
<b>1.2 As condições para a realização da pesquisa</b> .....	<b>10</b>
<b>1.3 O cenário e o contexto da criação do Setor Jovem do MDB em Canoas</b> .....	<b>12</b>
<b>1.4 Justificativas para o desenvolvimento da pesquisa</b> .....	<b>16</b>
<b>1.5 A organização da dissertação</b> .....	<b>17</b>
<b>2 NOTAS SOBRE A AÇÃO OPOSICIONISTA DO MDB</b> .....	<b>19</b>
<b>2.1 A oposição nos regimes autoritários: voz, adesão e saída</b> .....	<b>19</b>
<b>2.2 A formação do MDB</b> .....	<b>22</b>
<b>2.3 Da oposição consentida à “sigla mágica”</b> .....	<b>24</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>29</b>
<b>3.1 Memória</b> .....	<b>29</b>
<i>3.1.1 A crítica de Ricoeur: o homem capaz de recordar</i> .....	<i>29</i>
<i>3.1.2 Próximos</i> .....	<i>30</i>
<i>3.1.3 Memória e geração</i> .....	<i>31</i>
<b>3.2 Narrativa</b> .....	<b>32</b>
<b>3.3 História Política</b> .....	<b>33</b>
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>35</b>
<b>4.1 Tipo de entrevista</b> .....	<b>35</b>
<b>4.2 Escolha dos entrevistados</b> .....	<b>36</b>
<b>4.3 Elaboração de roteiro</b> .....	<b>39</b>
<b>4.4 Condução das entrevistas</b> .....	<b>39</b>
<b>4.5 História Oral e Narrativa</b> .....	<b>41</b>
<b>4.6 O valor do episódico</b> .....	<b>42</b>
<b>4.7 Memória e participação do entrevistador</b> .....	<b>42</b>
<b>4.8 Uma proposta de leitura</b> .....	<b>43</b>
<b>4.9 Produto final – Documentário “Vozes em oposição”</b> .....	<b>46</b>
<b>5 AS VOZES DOS ENTREVISTADOS</b> .....	<b>49</b>
<b>5.1 Procedimento de leitura</b> .....	<b>49</b>
<b>5.2 Leitura ingênua</b> .....	<b>50</b>
<b>5.3 Análise estrutural e compreensiva</b> .....	<b>51</b>
<i>5.3.1 Antecedentes</i> .....	<i>51</i>
<i>5.3.1.1 Subtema 1: “Canoas era assim”</i> .....	<i>52</i>
<i>5.3.1.2 Subtema 2: “A política surgiu para mim...”</i> .....	<i>55</i>

5.3.1.3 Subtema 3: “O golpe de 1964 e a legalidade” .....	61
5.3.2 “Ingressar na oposição” .....	64
5.3.3 “Ser oposição” .....	67
5.3.3.1 Subtema 1: “Participação nas eleições” .....	68
5.3.3.2 Subtema 2: “Ações e estratégias” .....	75
5.3.3.3 Subtema 3: “Espaços de atuação” .....	81
5.3.4 <i>Eu, nós e os outros</i> .....	83
5.3.4.1 Subtema 1: “A condição de jovem” .....	84
5.3.4.2 Subtema 2: “A visão de si” .....	85
5.3.4.3 Subtema 3: “Relação do Setor Jovem com outros” .....	86
5.3.4.4 Subtema 4: “Visão do Setor Jovem do MDB” (“Olhar para dentro”) .....	92
5.3.5 <i>Fim do MDB e reeleições</i> .....	94
5.3.5.1 Subtema 1: “O que o Setor Jovem me deu” .....	94
5.3.5.2 Subtema 2: “Fim dos tempos de pureza” .....	97
<b>5.4 A memória de uma geração</b> .....	<b>99</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>101</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>104</b>
<b>APÊNDICE A – Cópias dos termos de consentimento livres e esclarecidos</b> .....	<b>109</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no campo de estudos em memória social e faz parte da Linha de Pesquisa Memória e Linguagens Culturais do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Tem como objeto as memórias de ex-integrantes do Setor Jovem do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de Canoas, Rio Grande do Sul, o qual existiu de 1972 a 1979, agrupando filiados entre 18 e 35 anos de idade.

Constituído no ano de 1966, o MDB foi, desde o começo, marcado pela heterogeneidade de posicionamentos políticos: agrupou diversas correntes de opositores ao golpe que depôs o presidente João Goulart em 1964, desde os integrantes do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)<sup>1</sup> até os comunistas do PCB<sup>2</sup>, passando pelos membros do Partido Social Democrático (PSD)<sup>3</sup>, entre outros, conforme Kinzo (1988).

### 1.1 As escolhas e os caminhos da pesquisa

Para desenvolver a pesquisa, dediquei-me à elaboração de um projeto que partiu dos seguintes questionamentos: como os ex-integrantes do Setor Jovem do MDB de Canoas narram as trajetórias por eles empreendidas no partido em que militaram entre 1972 e 1979? Como, a partir da construção de suas memórias, pode-se estudar a sua constituição como atores políticos? É possível notar, em suas narrativas, a presença de percepções, leituras e releituras sobre eles mesmos, os outros, a época e o espaço onde atuavam?

Assim, o objetivo principal do trabalho é estudar as narrativas memoriais desses ex-integrantes. A partir desse objetivo podemos desdobrar outros dois, específicos. O primeiro é estudar as narrativas tendo em conta os significados atribuídos no processo de construção de memória; o segundo é analisar a atividade política desenvolvida pelos entrevistados naquele período a partir dos relatos de suas ações.

Para responder às questões e cumprir os objetivos, registrei as narrativas memoriais de

<sup>1</sup> Criado em 15/05/1945, no Rio de Janeiro, na época Distrito Federal do Brasil.

<sup>2</sup> Criado em 25/02/1922 no Rio de Janeiro, na época Distrito Federal do Brasil.

<sup>3</sup> Partido político fundado em 17 de julho de 1945, aliado constante do PTB em termos de política nacional. Foi extinto pelo Ato Institucional nº 2, como os demais partidos, em 27 de outubro de 1965 (PSD. **Verbetes**. CPDOC/FGV. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-social-democratico-psd-1945-1965>>. Acesso em 25, maio 2018.

seis ex-integrantes do Setor Jovem do MDB, as quais intitulei “vozes em oposição” ao regime civil-militar<sup>4</sup> que se instalou no Brasil a partir de 1964. O produto final exigido pelo curso é um documentário intitulado “Vozes em oposição: narrativas memoriais dos integrantes do Setor Jovem do MDB de Canoas (1972-1979)”.

Nesse processo, utilizei a metodologia da História Oral (HO), que Portelli informa ser, “[...] primordialmente, uma *arte da escuta*” (2016, p. 12). Como arte da escuta, a História Oral envolve diálogo, que se tornou possível pela minha proximidade com os narradores, estabelecendo uma relação de confiança e de troca de conhecimentos – ressaltando que, no momento da entrevista, eu estava em posição de aprendizagem (PORTELLI, 2016).

O itinerário que escolhi para a pesquisa envolveu uma caminhada: ao sair, tomei uma via e segui nela. Mas há buscas e buscas - assim como há caminhos e caminhos. No trajeto, passei por esquinas inesperadas; alguns trechos tiveram margens mais largas, outras mais estreitas e outras difíceis de definir. E esse trajeto envolveu, também, um percurso por aspectos pessoais: de formação e de visão de mundo.

## **1.2 As condições para a realização da pesquisa**

A fim de explicar minha proximidade com os narradores, é necessário rememorar sobre minha família: meus pais, Celso e Linda, foram militantes do Setor Jovem nos anos 1970, junto a outros parentes meus que, em maior ou menor grau, participaram das ações do MDB e do seu Setor Jovem na mesma época. Quanto aos demais entrevistados, vim a conhecer a maioria deles durante a realização do trabalho; seus nomes, contudo, já haviam circulado em menções pontuais nas lembranças familiares que chegaram aos meus ouvidos.

Cumprida a elucidação de meu envolvimento pessoal com o tema, cabe tratar sobre a formação acadêmica que permitiu a realização deste trabalho. Terminado o Ensino Médio, meu primeiro destino acadêmico foi o curso de jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Foi, até certo ponto, uma escolha natural: já escrevia colunas sobre literatura em jornais e participava, ocasionalmente, de algumas reportagens ligadas à cidade.

<sup>4</sup> O termo ditadura civil-militar foi proposto pelo historiador Daniel Aarão Reis para caracterizar o período iniciado a partir do golpe de 1964. Justifica o uso do termo híbrido - civil-militar - porque, segundo o autor, importantes setores da sociedade civil participaram ativamente do golpe, dando-lhe sustentação política e econômica.

Já intuía, na época, que meu destino seria algo ligado à escrita, à palavra e ao texto. Na Unisinos fiquei dois proveitosos anos. Ali cursei, sobretudo, disciplinas ligadas à História e à Sociologia da Comunicação. Logo concluí que o curso de Letras satisfaria melhor os meus horizontes profissionais e pessoais. Prestei vestibular para a UFRGS e fui aprovado.

Avaliando hoje, entendo que os anos passados na Universidade Federal constituíram o centro de minha trajetória acadêmica na graduação. A convivência com alunos de diversos cursos no velho prédio de aulas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), para onde acorriam os graduandos em História, Filosofia, Ciências Sociais e Geografia, além dos de Letras, foi de fundamental importância para minha formação. Além disso, a participação em grupos de investigação, sob a orientação das professoras Ana Rocha e Sandra Maggio, contribuíram de maneira decisiva para me constituir como estudante, promovendo aquele salto qualitativo que nos retira do ambiente de sala de aula e nos leva para o da pesquisa acadêmica. Os anos no Instituto de Letras da UFRGS me proporcionaram muitos momentos dignos de nota. Para citar apenas uma: lembro-me de uma aula de Literatura Portuguesa, ministrada pela professora Elisabeth Peiruque, em que ela, a propósito da obra de Almeida Garrett, discorreu longamente sobre a “sede de narrativa” que todos os seres humanos têm. O homem, segundo a professora, precisa de narrativas como quem precisa de água. Essa disposição para a narração, conforme pontua Portelli, “[...] abre o espaço narrativo para o entrevistador entrar” (2016, p. 15).

Logo depois, ingressei também no curso de Direito, satisfazendo outro foco de interesse que sempre tive: o das questões ligadas ao Estado, à política e à sociedade. Tendo familiares ligados à área, posso dizer que ela sempre me acompanhou de uma forma ou de outra, seja nas discussões sobre temas contemporâneos, seja em conversas ocasionais sobre o passado.

Em meio a tantas atividades, outra área em que desempenhei funções foi a do cinema. Em fins de 2003, participei da elaboração, como roteirista e argumentista, do documentário “Jesus, o Verdadeiro”, sobre o cineasta canoense Antônio Jesus Pfeil. Estruturado a partir de entrevistas, com locações em espaços onde Jesus Pfeil costumava frequentar (seu escritório e o Bar Naval, no Mercado Público de Porto Alegre), o filme foi escolhido como melhor curta do Festival de Cinema de Gramado em 2004. Essa experiência tornou viável a produção do documentário “Vozes em oposição”.

O gosto pelo trabalho com entrevistas pôde ser exercitado alguns anos depois. Em fins de 2009, passei a ser o responsável pelas entrevistas do jornal onde trabalhava. Por entender

que o tema escolhido não poderia ser inteiramente separado da existência dos entrevistados, em todas elas, procurei dar um tom de trajetória de vida. Minha primeira frase, ao encontrar-me com os entrevistados, era: “vamos começar pelo começo”.

Meu projeto para ingressar no Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais buscou aproximar narrativa, caminhos, identidade e política. Surgiu aí a ideia de trabalhar com o Setor Jovem do MDB de Canoas. Tendo já algumas noções do objeto de pesquisa – inclusive com participação de familiares – decidi focar as trajetórias de jovens em um período particularmente duro da história nacional. E aborda-las justamente a partir das narrativas pessoais dos integrantes, colhidas em depoimentos.

### **1.3 O cenário e o contexto da criação do Setor Jovem do MDB em Canoas**

Passo agora a descrever o cenário em que se desenrolou a trama, ou seja, a cidade de Canoas.

Emancipada de Gravataí em 1939, Canoas ganhou um privilégio reservado a não muitas localidades do mundo: o de ter sido mencionada em uma grande obra literária antes mesmo de se constituir em cidade. O autor dessa honraria foi ninguém menos do que Érico Veríssimo. Em “Um lugar ao sol”<sup>5</sup>, publicado em 1936, ele descreve assim a localidade vizinha à sua Porto Alegre:

Clarissa saia todas as manhãs às sete para tomar o ônibus que a levava a Canoas. Já começava a gostar dos alunos. Canoas era bonita, com suas vivendas no meio de jardins verdes e floridos. Ouvia-se o canto dos passarinhos. Um silêncio fresco envolvia as casas, árvores e as criaturas (1982, p.223).

Um típico quadro bucólico, bem adequado ao que era, então, pouco mais do que uma estância de veraneio para famílias tradicionais porto-alegrenses. Canoas tinha, naquele momento, aproximadamente quinze mil habitantes fixos, espalhados por uma pequena área que pouco se afastava da região central, onde funcionavam alguns prédios públicos, pequenos comércios e o imponente edifício do Internato São José, colégio regido pelos Irmãos Lassalistas. Se algum habitante daquele mero distrito de Gravataí pudesse opinar sobre o futuro do espaço onde vivia, provavelmente responderia que as coisas continuariam assim por muito tempo.

<sup>5</sup> A primeira edição do livro data de 1936. Para este trabalho, utilizei a edição de 1982.

Responderia, e erraria. Caso a personagem de Érico Veríssimo, a menina Clarissa, tomasse o mesmo ônibus para dar aulas em Canoas no começo dos anos 1970, desceria em uma cidade muito diferente. Naquela altura, Canoas talvez ainda fosse “bonita” no sentido dado pelo grande escritor gaúcho; já não era, contudo, apenas uma cidadezinha com casas em meio a jardins, envoltas por um silêncio quebrado apenas pelo canto dos pássaros. A menina sensível provavelmente não reconheceria aquele espaço de quarenta anos depois: de pequena localidade verdejante ao lado de Porto Alegre, Canoas passara a uma importante cidade metropolitana de mais de cento e cinquenta mil habitantes.

Como bem lembra Paul Ricoeur (1998), o homem constrói edificações pelo mesmo motivo que conta uma história: para humanizar os espaços. O tempo, segundo Ricoeur, torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo. Da mesma forma, o espaço é humanizado quando incorporado ao mundo da vida do homem por meio da construção. E mais do que isso: cada nova edificação está inscrita no tempo: um prédio novo apresenta em sua construção a memória petrificada do seu processo de estruturação (RICOEUR, 1998). O espaço construído, diz ele, é tempo condensado - e o passar do tempo reconfigura os espaços.

Clarissa certamente perceberia essa reconfiguração. E não só ela: se algum de nós, canoenses de hoje, fosse transportado para a Canoas do começo dos anos 1970 também notaria diferenças importantes. Mas, ao contrário da moça, muito provavelmente, não deixaria de reconhecer a cidade. No alvorecer da sétima década do século XX, Canoas já apresentava boa parte do desenho urbano que tem hoje. Um visitante de 2018 não tardaria em reconhecer as principais vias da cidade: ao caminhar pelo centro, encontraria sem dificuldade a Rua XV de Janeiro, a Praça do Avião, o prédio da prefeitura municipal e as ruas centrais. Estranharia, decerto, a falta dos ruídos urbanos na Avenida Victor Barreto, acostumados que estamos com aquela procissão interminável de buzinas, faróis, arranques de veículos e frenagens súbitas: nos anos 1970, na mesma avenida, havia muito menos automóveis, e os solavancos dos poucos ônibus que circulavam no local não chegavam a perturbar.

Afastando-se em direção aos bairros, o visitante encontraria um cenário muito diferente do atual. Perceberia, por exemplo, que boa parte das ruas não era asfaltada e que a carência de estruturas básicas era maior do que a registrada hoje. Os bairros sofriam com cheias periódicas e grande parte de Niterói, Fátima, São Luis e São José não era pavimentada com asfalto, não recebia luz elétrica e muito menos linhas telefônicas: essas três comodidades modernas só eram plenamente disponíveis para os moradores do centro da cidade. E, quando falamos em “centro da cidade”, precisamos ter em mente o quão pequeno era esse espaço: a

poucos quilômetros da sede do município, nas proximidades do que é hoje a Estação Mathias Velho da Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A.(Trensurb)<sup>6</sup>, os habitantes da região da Rua Itororó criavam animais, colhiam frutos das árvores, plantavam hortaliças dos quintais e, no fim da tarde, sentavam em cadeiras à beira dos ipês, em frente de suas casas de madeira, para o descanso diário. Da varanda, esses habitantes miravam a BR-116, que pareceria silenciosa e calma para quem a conhece hoje. Os resquícios da - ousa chamá-la assim - Canoas de Érico Veríssimo ainda estavam presentes: ali, naquele espaço, ainda existiam as “vivendas no meio de jardins verdes e floridos” (VERISSIMO, 1982, p. 223) que encantaram a menina Clarissa.

Estas vivendas eram, em grande parte, ocupadas por migrantes de outras regiões do Rio Grande, do Brasil e do mundo: eram gaúchos da Fronteira Oeste e do Planalto; brasileiros de todas as partes, vindos para cumprir serviço militar na Base Área e/ou para as indústrias crescentes na Região Metropolitana de Porto Alegre; e estrangeiros: ucranianos, portugueses e palestinos refugiados da Guerra dos Seis Dias<sup>7</sup>.

O ritmo das informações seguia o padrão de qualquer localidade metropolitana da época - caso a informação desejada fosse a da capital. A proximidade com Porto Alegre fazia com que as rádios e as redes de TV sintonizadas fossem as mesmas dos porto-alegrenses. Para as novidades locais em tempo real, havia outra importante fonte: o café Imperial, comandado pelo imigrante português Amadeu Mota na esquina da Rua Tiradentes com a Avenida Victor Barreto, onde se reuniam profissionais liberais, políticos e figuras importantes de Canoas para debaterem os principais temas do dia – e, não raro, definirem os rumos que a cidade tomaria.

Nas proximidades dali, no transcorrer da Avenida Victor Barreto, podia-se avistar o mesmo prédio que, nos anos 1930, se destacava no horizonte: o do Internato São José, então já transformado em Centro Educacional La Salle. Era um dos dois maiores colégios da cidade, destinado apenas aos meninos; o outro, do outro lado da avenida, nas proximidades da Igreja São Luís, era o Colégio Maria Auxiliadora, da Congregação Notre Dame, destinado apenas às meninas. A rede pública, por sua vez, tinha como destaque o colégio Marechal Cândido Rondon. Para muitos jovens, o Ensino Médio, então chamado de Segundo Grau, encerrava o processo educativo; para outros, que podiam cursar uma faculdade, a saída era deslocar-se até

<sup>6</sup> Empresa criada em 1980 para implementar e operar a linha ferroviária urbana na Região Metropolitana de Porto Alegre.

<sup>7</sup> A Guerra dos Seis Dias envolveu as forças do exército israelense, de um lado, e da coalizão entre Egito, Síria, Jordânia e Iraque, de outro, no contexto do conflito entre israelenses e palestinos. Teve como resultado a expansão do território israelense em áreas então povoadas por árabes palestinos e a consequente emigração massiva destes últimos para vários países.

Porto Alegre, São Leopoldo (onde funcionava a Unisinos) ou, então, ingressar na recém-criada Faculdade de Direito Ritter dos Reis, que alugava as dependências lassalistas para ministrar suas aulas. Ali, um incipiente Diretório Acadêmico reunia uma juventude ansiosa por participação política.

Falar em participação política é tratar sobre os espaços onde ela se dá. Um deles - talvez o mais icônico - era o da Prefeitura Municipal de Canoas. Inaugurado em 1953, o prédio da Prefeitura continha também a Câmara de Vereadores local, situada ao lado do gabinete do prefeito (RANINCHESKI, 1998) e dominada eleitoralmente pelos vereadores do PTB (RANINCHESKI, 1998), que chegaram a ocupar a maioria absoluta das vagas.

Mas a Câmara e a Prefeitura não esgotavam os espaços de participação política. Como bem lembra Besse, o espaço público é a esfera por excelência da ação política (2010): é onde se toma consciência da presença do outro, através dos cruzamentos mais ou menos regulares com os desconhecidos mais ou menos familiares (BESSE, 2010). É onde o homem pode fazer ouvir a sua voz, e ouvir a voz dos demais: é, em suma, a arena onde a voz se exprime (BESSE, 2010). E, na cidade de Canoas dos anos 1970, o espaço público era movimentado: muitas vozes diferentes procuravam um espaço para serem ouvidas. Mas estes eram escassos. Poucos anos antes, em 1965, o golpe civil-militar recém-instalado havia extinguido todos os partidos políticos então existentes, pondo fim a um período de dominância eleitoral do PTB na cidade. A partir de 1966, surgiriam duas legendas: uma, a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), que se dedicava a apoiar o novo governo; a outra, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) congregando as forças de oposição ao regime recém-instalado. Foi o início da “longa noite” de que falou, certa vez, o presidente do MDB, Ulysses Guimarães – e que, no caso canoense, tornou-se ainda mais escura em 1968, com a decretação da condição de Área de Segurança Nacional (ASN), pondo fim às eleições diretas para prefeito na cidade e impedindo a posse do mandatário então eleito, Carlos Giacomazzi.

Reduzida à ação parlamentar e à militância vigiada de perto, a oposição representada pelo MDB canoense oscilava em popularidade e em grau de enfrentamento ao regime, dependendo da dureza da repressão. Tal como o MDB nacional, enfrentou, em 1970, o medo da quase extinção: naquele ano, a votação total recebida pelo partido foi inferior à da soma de brancos e nulos. Até então, o MDB tinha um discurso difuso, tocando apenas superficialmente questões sociais e econômicas e concentrando-se – limitadamente – no tema das liberdades políticas fundamentais. O tom mudou a partir de 1971, quando Ulysses Guimarães assumiu a direção do partido e implantou uma série de modificações no discurso e na prática dos

emedebistas: as críticas ao regime foram reforçadas e passaram a incluir menções às consequências sociais e econômicas do chamado “Milagre brasileiro”. Além disso, procedeu-se uma reforma da estrutura do partido, que incluiu a criação de um agrupamento destinado aos jovens. Era o chamado Setor Jovem do MDB, criado em 1972 nacionalmente e em 1974 em Canoas<sup>8</sup>.

A historiadora Ana Maria Colling delimita bem a esfera da atuação política naquele período: era preciso falar. “A palavra era mais importante que a ação” (COLLING, 1997, p.34). Não por acaso, um dos slogans mais conhecidos do MDB para se autodefinir era, justamente, “a voz dos que não têm voz” (KINZO, 1988, p.193). Quanto aos integrantes do Setor Jovem, suas vozes também se fizeram ouvir: nos fundos das casas onde faziam suas reuniões, ao longo das avenidas povoadas por fuscas ou nas ruas sem calçamento da cidade dos jardins verdes e floridos envoltos pelo silêncio.

#### **1.4 Justificativas para o desenvolvimento da pesquisa**

O trabalho justifica-se no que tange à sua contribuição para a compreensão do processo de constituição de atores políticos na metade final do período da ditadura civil-militar brasileira, sobretudo na cidade de Canoas. Ademais, se concordarmos com Gianfranco Pasquino quando ele afirma que o estudo das oposições se justifica porque um dado regime político se explica, também, a partir da presença do opositor político (1997), o trabalho aqui empreendido também ajudará a lançar luz sobre o período da ditadura civil-militar como um todo. Entende-se, assim, que as narrativas colhidas pelos ex-integrantes deram conta dos objetivos supramencionados.

Trata-se de um tema ainda pouco explorado: o do estudo da atuação da juventude ligada ao Movimento Democrático Brasileiro no período da ditadura na cidade de Canoas. Os trabalhos dedicados à atuação do Partido, como os de Maria Dalva Gil Kinzo (1988), Ana Beatriz Nader (1998) e Rodrigo Patto Sá Motta (1997), não abordam a inserção dos jovens nos quadros do partido de maneira aprofundada. O Setor Jovem do MDB no Rio Grande do Sul foi estudado na dissertação “Juventude, Intelectualidade e Política”, de Eliane Tavares dos Reis (2001), enfocando principalmente a constituição de grupos no interior da juventude

<sup>8</sup> Apesar disso, os primeiros tempos de ação do Setor Jovem do MDB em Canoas remontam a 1972, quando foi criada a comissão provisória para a sua instalação.

emedebista. Quanto ao MDB na cidade de Canoas, destaca-se o trabalho de conclusão de curso de Douglas Souza Angeli (2011), dedicado ao estudo da construção de um discurso de oposição dentro do MDB canoense, no qual o Setor Jovem é mencionado em algumas passagens. Assim, no caso específico do Setor Jovem do MDB canoense, a lacuna é imensa. E é nela que este trabalho procura situar-se.

Ressalte-se, ainda, a pertinência do tema em estudo para o momento presente. Vivemos em uma época em que a democracia brasileira enfrenta desafios em âmbito político, social e econômico, exigindo, assim, o maior número possível de elementos que contribuam para um debate nacional amplo e profundo acerca de nossos rumos. Alguns desses elementos, espero, serão fornecidos pelo presente trabalho, cuja estrutura apresento a seguir.

### **1.5 A organização da dissertação**

A dissertação foi organizada em capítulos da seguinte forma:

O primeiro capítulo, a “Introdução”, esboça as linhas gerais que definem o trabalho, como os objetivos, as motivações básicas, a justificativa e o cenário onde se passa o estudo.

O segundo capítulo do trabalho, “Notas sobre a ação oposicionista do MDB”, aborda alguns aspectos da ação oposicionista do MDB e dos seus integrantes, tomando como base a construção do espaço da “voz”, conforme definida por Albert Hirschman e seus intérpretes.

O terceiro capítulo trata de apresentar o referencial teórico empregado, trazendo discussões nas áreas de História Política, Memória e Narrativa.

O quarto capítulo, intitulado “Percurso Metodológico”, enfoca questões ligadas à História Oral e apresenta uma proposta de interpretação dos relatos memoriais, fundada na hermenêutica de Paul Ricoeur (autor que foi, também, central no capítulo dedicado ao referencial teórico).

O quinto capítulo, “Vozes em oposição”, consiste na análise dos depoimentos a partir da proposta de interpretação apresentada no capítulo anterior.



## 2 NOTAS SOBRE A AÇÃO OPOSICIONISTA DO MDB

Neste capítulo, a partir do conceito de “voz” formulado por Albert Hirschman e aplicado por Dale Krane à situação brasileira pós-1964, lanço algumas notas sobre a trajetória da ação oposicionista do MDB. Meu principal foco será a ação desenvolvida a partir dos anos 1970, inserindo aí a criação dos Setores Jovens do MDB como parte da renovação da estratégia da oposição.

### 2.1 A oposição nos regimes autoritários: voz, adesão e saída

A situação de uma oposição inserida em um regime autoritário, como foi o caso da ditadura civil-militar brasileira instalada a partir de 1964, parece fugir um pouco aos esquemas conceituais frequentemente utilizados. Como bem nos lembra Gianfranco Pasquino, o autoritarismo brasileiro teve uma maneira específica de tratar a atividade oposicionista (1997). Ao estudá-lo, é preciso levar em consideração essa especificidade.

Segundo a conhecida definição do cientista político Juan Linz, o regime autoritário é aquele com pluralismo limitado, baixa mobilização política e poder circunscrito a uma pequena elite dentro de limites (1987). Tomando o começo dessa definição – a limitação ao pluralismo político –, enfatizo que Linz fala em “limitação”, e não em “supressão”. De fato, alguns regimes autoritários permitem a ação de movimentos ou partidos de oposição – inclusive em eleições majoritárias. Tais partidos e movimentos funcionam, frequentemente, como legitimadores desses regimes, permitindo que se apresentem ao mundo como democráticos e livres.

Esse tipo particular de regime autoritário permite, segundo Linz (1987), três tipos de ação oposicionista: leal, desleal e semi-leal. A oposição leal é aquela que pouco se distingue da “situação” daqueles regimes: apresenta uma atitude de quase submissão a eles, tendo raríssimas (ou nulas) ações que os contrariem. Já a desleal é aquela que emprega todo tipo de meios – inclusive violentos – para atacar o regime onde está situada. Por fim, a oposição semi-leal está inserida no molde jurídico-institucional estabelecido pelo regime autoritário e o aceita, mas faz o possível – dentro desse molde – para combatê-lo.

A classificação de Linz dialoga com a proposta pelo sociólogo Albert Hirschman a

partir do modelo, racionalmente orientado, de resposta de integrantes de organizações políticas e econômicas que estão em declínio ou com problemas. Segundo Hirschman, nessas situações, três são as opções: a lealdade (tolerância a níveis mais baixos de performance), saída (trocar de produção/organização ou deixá-la) ou, ainda, a voz - a tentativa de mudar as práticas e políticas da organização permanecendo dentro dela (HIRSCHMAN, 1970). Das três opções, a voz é a mais difícil de ser posta em prática: segundo Hirschman, os indivíduos possuem a tendência a escolher entre a saída e a lealdade. Ser voz é estar numa situação complexa, que permite gradações, indo de uma simples reclamação a um protesto violento (HIRSCHMAN, 1970). E ele completa: a voz é a ação política por excelência (HIRSCHMAN, 1970).

Segundo o politólogo norte-americano Dale Krane, em um artigo dedicado às estratégias dos atores políticos da oposição à ditadura civil-militar brasileira que optaram pelos espaços legalmente aceitos de atuação (o que exclui, naturalmente, grupos de resistência não oficiais, como a guerrilha), o regime vigente no Brasil entre 1964 e 1985 pode ser definido como autoritário misto: ainda que não pudesse ser classificado como uma democracia liberal no sentido tradicional do termo, ainda permitia algum espaço, inclusive institucional, para as atividades oposicionistas. Não é fácil, segundo ele, compreender e reprimir opositores nesse tipo de regime: os vários graus de “semiliberdade” de que desfrutam os agentes políticos de oposição são um quebra-cabeças tanto para os governantes quanto para os governados (KRANE, 1983). Por outro lado, os limites toleráveis para a oposição não são muito claros, e o ator político que nela se insere vive numa permanente zona “gris”.

Dale Krane parte da classificação de Hirschman para compreender a ação da oposição legal brasileira à ditadura civil-militar. Identifica a condição de “saída” como o exílio voluntário ou a participação de indivíduos em grupos de guerrilha (KRANE, 1983): neste caso, a saída procura mudanças por fora do regime, a partir de ações de rejeição que seriam classificadas como criminosas por muitos (KRANE, 1983).

A diferença entre voz e lealdade já não é tão evidente: a voz, afinal de contas, sempre mantém um certo elemento de lealdade ao regime, já que atua dentro dele e dos limites por ele impostos (KRANE, 1983). A diferença está na atitude tomada no interior do sistema: enquanto o indivíduo leal é o cidadão que atua para apoiar ou submeter-se ao regime, aquele ligado à voz atua para buscar mudanças. E o faz num intermédio entre adesão e antagonismo, entusiasmo e inimizade, colaboração e conflito (KRANE, 1983).

Partindo de uma classificação do cientista político Gino Germani, Krane descreve esse

tipo de opositor da seguinte forma: sua atuação não faz parte, naturalmente, do poder constituído, mas tampouco está inserida na lógica protetiva e coletiva dos grupos de clandestinidade, que dispõem de proteção física para os seus membros (KRANE, 1983). Assim, essa atuação, nesse tipo particular de regime misto, tem recursos políticos muito mais frágeis, numa situação muito mais instável. Krane, baseado, novamente, em Hirschman, aponta quatro dimensões derivadas do comportamento ligado à voz (KRANE, 1983):

a) A primeira dimensão indica a fonte de insatisfação: se as reclamações vêm de um indivíduo em particular, de um grupo informal, de uma organização ou de uma aliança;

b) A segunda dimensão indica o remédio para o problema: se a voz procura resolver os problemas, o benefício de um grupo, uma ação de classe ou mudança nacional;

c) A terceira dimensão refere-se à centralidade da política de oposição em relação aos interesses do regime: se é por uma preocupação trivial, contra uma pequena ou irrelevante política nacional, contra uma específica mas crítica política nacional ou contra a própria natureza do regime;

d) A quarta dimensão é sobre o grau de publicidade: se a voz descontente se expressa de maneira direta, explícita, ou por trás de declarações coletivas; se circula de declarações anônimas ou é compreendida apenas por aqueles lêem nas entrelinhas.

Assim, analisar os métodos e estratégias de expressão pode nos levar a:

a) Compreender como esses cidadãos atuam e se constituem politicamente, e

b) Contribuir para o melhor entendimento de sistemas não-democráticos (KRANE, 1983).

O trabalho de Hirschman, através da leitura de Krane, nos fornece elementos importantes para estudar a atuação política da oposição brasileira, em particular a do MDB, que se constituiu como força de oposição a partir, sobretudo, da metade da década de 70 (KRANE, 1983). Mais: serve-nos para tipificar o opositor – o homem dono da voz, de que fala Hirschman.

Krane aponta que, para compreender aspectos tão cambiantes e instáveis de uma oposição - como origens, motivos, temas e estratégias – faz-se necessário um esquema conceitual que adote o indivíduo como unidade de análise (KRANE, 1983). Da mesma forma, as incertezas, as escolhas e as consequências das articulações em uma zona de semiliberdade devem ser alvo de pesquisa. Em ambos os casos, o indivíduo emerge como elemento decisivo

para o estudo. Segundo Norberto Bobbio (2007), é fundamental que, na análise dos militantes dentro de movimentos, consideremos os fatores individuais que lhes são intrínsecos, como os valores, as expectativas e os objetivos – sem jamais descurar, é claro, do aspecto grupal envolvido.

## **2.2 A formação do MDB**

A instalação do golpe civil-militar de 1964 não tencionava apenas pôr fim ao governo de João Goulart e de seus apoiadores Brasil afora: sua consolidação, a partir dos atos institucionais baixados à razão de quase um por ano, buscava eliminar todo o sistema político-partidário de representação que vigia no Brasil desde a Constituição de 1946.

Marca desse objetivo foi a outorga do Ato Institucional número 2, no dia 27 de outubro de 1965, que, em seu artigo 18, punha fim aos partidos políticos então existentes. A ele seguiu-se o Ato Complementar número 4, em 24 de novembro de 1965, que estabelecia as normas para a criação de novos partidos, com a expressa proibição de uso do nome das agremiações anteriores (artigo 15). Com isso, o regime recém-instalado dava um passo importante para – citando aqui uma expressão utilizada no preâmbulo do AI-2 - erradicar por completo a situação anterior.

Um passo importante, mas não definitivo. O sonho de “erradicar” a situação anterior era, no fundo, apenas um sonho: uma coisa era dissolver o quadro partidário então existente; outra, muito diferente, era pôr fim à ação política dos integrantes daqueles partidos. Com a imposição de uma reorganização partidária, esses integrantes, com suas bases e suas ideias, procuraram novos campos para disputar espaço político.

O sistema que o golpe de 1964 dissolveu era composto por treze partidos, entre os quais se destacavam três: a UDN (União Democrática Nacional), partido de linha conservadora nos costumes e liberal na economia, era liderada por Carlos Lacerda e opunha-se frontalmente ao legado político de Getúlio Vargas, representado sobretudo pelo trabalhismo; o PSD (Partido Social Democrático), agremiação criada pela mão de Getúlio Vargas, reunia os grupos que controlavam as administrações públicas estaduais durante o Estado Novo (KINZO, 1988); e, por fim, o Partido Trabalhista Brasileiro, também criado por Vargas, ligado aos meios sindicais e operários. Em boa parte das eleições, os dois partidos de inspiração varguista - o PTB e o PSD - compunham uma aliança que era entendida como

imbatível (SÁ MOTTA, 1996), forçando a UDN a contentar-se como uma oposição que, em alguns Estados, era pouco relevante. Além disso, nos anos imediatamente anteriores ao golpe de 1964, verificava-se uma tendência de crescimento do PTB e dos demais partidos reformistas (KINZO, 1988).

Esse quadro manteve-se inalterado na primeira eleição realizada após a instalação do golpe: a de 1965, para governadores de Estado. O resultado foi uma grande derrota das forças ligadas aos militares: em estados-chave, como a Guanabara e Minas Gerais, dois dos principais líderes do golpe, Carlos Lacerda e Magalhães Pinto, foram vencidos por Francisco Negrão de Lima e Israel Pinheiro, políticos ligados à oposição ao quadro revolucionário. Nas palavras de Sylvio Frota, ministro do Exército durante o governo Geisel,

Foram ambos eleitos em outubro de 1965, por ironia, nos dois estados dirigidos pelos chefes civis da Revolução, num triste e desalentador teste. Fervilhou a reação militar à posse dos eleitos, considerada uma afronta aos revolucionários. [...] A posse desses dois homens - um juscelinista, em Minas Gerais, e outro vinculado ao getulismo, votado em massa por comunistas e "pelegos", na Guanabara - retumbaria como uma traição para aqueles que lutaram pela Revolução com idealismo sem o encantamento das posições de mando (FROTA, 2006, p.79)

Diante desse “triste e desalentador teste”, que deixava à mostra a força da antiga aliança PSD-PTB e a inesperada debilidade eleitoral dos autores do golpe, era preciso criar um novo arranjo partidário que favorecesse a manutenção do regime. Nas palavras de outro importante ator político ligado ao recém-empossado governo,

Houve a intenção de forçar o bipartidarismo, que é um sistema válido, democrático e viceja nas democracias saxônicas, como na Inglaterra e nos Estados Unidos [...] Eu tive influência nessa decisão [...] Houve uma conveniência política. Se continuassem vivos o PSD e o PTB, haveria um partido conservador ao lado de um partido progressista, socialista mesmo. Esses dois partidos ganhariam sempre as eleições. Foram consultadas as lideranças políticas. Ouvi vários companheiros da UDN. Assisti à morte da UDN com pesar, porque ela foi grande parte da minha vida [...] (MAGALHÃES apud KINZO, 1988, p.28)

Assim, mais do que instalar um novo regime, o movimento de 1964 dava mostras de, em primeiro lugar, promover uma depuração dos quadros políticos do país e criar uma nova *cultura política* (OLIVEIRA, 2013), onde estavam proibidas as referências a “nomes, siglas, legendas e símbolos dos partidos extintos” na designação das novas agremiações e mesmo nas propagandas escritas ou faladas, conforme o artigo 14 do Ato Complementar nº 4, de 20 de novembro de 1965.

Na esteira desse processo, surgiram, em seguida, as duas novas forças: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Os dois assumiram, desde o começo, um caráter de frente, congregando vários elementos de diversas

origens.

Uma análise do quadro de filiados ao MDB oriundos do antigo sistema de partidos nos fornece alguns indicativos do que viria a predominar em sua ação política. Na Câmara formada em 1966, os deputados do MDB eram oriundos dos seguintes partidos: 50 eram do PTB; 39 do PSD; 14 da UDN; 8 do PSP; 5 do PDC; 7 do PTN; 2 do PST; 2 do PL; e um do PSB. Quanto aos senadores, dez eram oriundos do PTB; 5 do PSD; um da UDN; um do PTN; um do PL; e um do PSB. (SÁ MOTTA, 1996). Esses números nos mostram que, na formação do MDB, houve uma predominância de parlamentares com origem em partidos trabalhistas e reformistas. A maioria dos integrantes vinha do PTB, partido de origem do antigo governo deposto. Registra-se, também, a presença de ex-integrantes de partidos trabalhistas de menor expressão, fruto de dissidências do PTB, como o PTN, PST e MRT. Merece também destaque a presença de ex-integrantes do Partido Democrata Cristão (PDC) e do PSB (Partido Socialista Brasileiro): quando ao primeiro, era uma agremiação marcada pela visão social do catolicismo proposta pelo filósofo francês Jacques Maritain, e seu principal nome, Franco Montoro, viria logo a desempenhar papel de liderança no MDB; já o segundo, um partido de esquerda com programa socialdemocrata, tinha em seus quadros o deputado Roberto Saturnino Braga, que, como Montoro, seria uma das principais figuras da oposição.

Apesar da diversidade de origens dos parlamentares, nenhum partido teve mais influência na formação do MDB do que o PTB. Da antiga agremiação trabalhista veio a maioria dos parlamentares, e a partir dela foram ocupados os principais espaços de mobilização política, como os diretórios municipais (SÁ MOTTA, 1996) e os núcleos eleitorais já consagrados pelos antigos candidatos do partido. Além disso, deve-se destacar a origem urbana da maioria dos integrantes do novo MDB, em consonância com a base eleitoral do trabalhismo (SÁ MOTTA, 1996). Em outras palavras: o sonho de erradicar por completo a situação anterior não parecia ter sido realizado. Mas ninguém poderia negar que a ditadura havia, de fato, mudado o Brasil. Ou, nas palavras de Daniel Aarão Reis, “no fim dos anos 1970, quando se anunciava o “amanhã”, nada mais era igual ao que havia quando ‘se fez escuro’, em 1964” (REIS, 2014).

### **2.3 Da oposição consentida à “sigla mágica”**

O novo partido surgiu e deu seus primeiros passos em meio às pressões: do regime,

vinham os cerceamentos naturais de um governo que endurecia a cada dia que passava, promovendo perseguições, prisões e cassações; do eleitorado, vinha a desconfiança tanto do setor mais conservador, que identificava a oposição à ditadura com os comunistas subversivos, como dos mais progressistas, que consideravam a participação nas regras eleitorais do regime uma maneira de referendá-lo (KINZO, 1988); e, por fim, dos próprios grupos internos que o constituíam, divididos entre moderados e radicais.

Todas essas pressões concorreram para conformar uma situação cheia de desafios, aos quais o recém-criado partido teve de aprender a responder. Já em 1966, logo após a sua fundação, o MDB teve de enfrentar eleições parlamentares. As ambiguidades decorrentes da múltipla origem dos deputados impediam uma ação conjunta efetiva. As perseguições aumentavam: em 1968, um discurso duro do deputado Márcio Moreira Alves leva à sua cassação e acende o estopim para a promulgação do AI-5, centralizando ainda mais o poder nas mãos do Executivo dominado pelos militares.

As eleições posteriores - as de 1970 - seriam marcadas pelo recrudescimento dos atos institucionais do regime e a redução da votação do MDB, que foi inferior à da soma de votos brancos e nulos. O MDB chegou, ali, a cogitar a autodissolução.

O quadro começou a se alterar partir de 1971. Nesse ano, o primeiro presidente do partido, Oscar Passos, renunciou, dando lugar ao vice-presidente, o deputado paulista Ulisses Guimarães, ex- ministro da Indústria e Comércio do gabinete parlamentarista de Tancredo Neves. Na sequência, o deputado Pedroso Horta, integrante da ala mais combativa da oposição, assumiu a liderança na Câmara Federal, endurecendo o discurso do partido no parlamento. A atividade oposicionista dava seus primeiros passos para uma mudança de direcionamento.

A primeira delas foi a incorporação de críticas de caráter social e econômico ao regime militar. Até então, o MDB enfocava primeiramente a defesa dos direitos e garantias fundamentais, deixando os ataques ao chamado “milagre econômico” brasileiro para segundo plano. A partir desse momento, um grupo de deputados, chamado de “autênticos”, passou, além de reforçar as críticas à repressão, a denunciar o empobrecimento da população e a penetração do capital estrangeiro na economia (CARVALHO, 2012) – discurso que, aos poucos, seria incorporado ao “mainstream” do partido.

Ao lado disso, o MDB recebeu a participação de um grupo até então praticamente ausente da oposição partidária: a intelectualidade de esquerda. Em 1973, Ulysses Guimarães e

outros parlamentares emedebistas promovem uma aproximação com acadêmicos do CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), como Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer e Francisco de Oliveira, com o objetivo de criar um grupo de apoio para elaborar as diretrizes do novo discurso político do MDB (REIS, 2014)<sup>9</sup>. Essa estratégia culminou na apresentação da anticandidatura de Ulysses Guimarães em 1973, levando para o palanque uma proposta de ação que conjugava a defesa das liberdades fundamentais e a promoção do desenvolvimento social e econômico (CARVALHO, 2012).

O seguinte trecho do discurso da anticandidatura de Ulisses expressa bem esse novo ideário:

A liberdade e a justiça social não são meras consequências do desenvolvimento. Integram a condição insubstituível de sua procura, o pré-requisito de sua formulação, a humanidade de sua destinação. A liberdade e a justiça social conformam a face mais bela, generosa e providencial do desenvolvimento, aquela que olha para os despossuídos, os subassalariados, os subempregados, os ocupados em ínfimo ganha-pão ocasional e incerto, enfim, para a imensa maioria dos que precisam para sobreviver, em lugar da escassa minoria dos que têm para esbanjar (GUIMARÃES, 2017).

A leitura do discurso revela outro aspecto da mudança da atividade oposicionista:

Não é o candidato que vai percorrer o País. É o anticandidato, para denunciar a antieleição, imposta pela anticonstituição que homizia o AI-5, submete o Legislativo e o Judiciário ao Executivo, possibilita prisões desamparadas pelo habeas corpus e condenações sem defesa, profana a indevassabilidade dos lares e das empresas pela escuta clandestina, torna inaudíveis as vozes discordantes, porque ensurdece a Nação pela censura à Imprensa, ao Rádio, à Televisão, ao Teatro e ao Cinema. [...] Somos todos cruzados da mesma cruzada. Dispensável, assim, pretender convencer o convicto, converter o cristão, predicar a virtude da liberdade a liberais, que pela fé republicana pagam até o preço de riscos e sofrimentos (GUIMARÃES, 2017) .

A caracterização de Ulisses Guimarães como “anticandidato”, disposto a percorrer o país para denunciar as arbitrariedades do regime à maneira que um Quixote, acompanhado dos militantes definidos como “cruzados” e integrantes de uma mesma “cruzada”, revela a intenção de revestir a atividade oposicionista com uma aura quase épica, como uma epopeia. Estavam, aí, os fundamentos do que o próprio Ulisses denominaria de “sigla mágica”. A partir disso, o MDB passa a criar uma série de *slogans* distintivos : “A voz dos que não têm voz”, “Sem ódio e sem medo” e talvez o mais famoso deles: “Vote no MDB - você sabe por quê” - uma referência velada à repressão.

Os resultados viriam na eleição de 1974, considerada a da "grande virada" da oposição à ditadura. O partido aumenta significativamente a bancada na Câmara dos Deputados e

<sup>9</sup> Um dos integrantes do grupo, Francisco de Oliveira, chega mesmo a afirmar que o encontro do Cebrap com os líderes do MDB pôs os temas da socialdemocracia na agenda política e elaborou a "matriz de todos os partidos brasileiros" a partir daí (SEREZA, 2018).

obtem a maioria das vagas para o Senado Federal naquele ano. Completa-se, assim, a criação de uma imagem de identificação com o público. Essa imagem, segundo Bolívar Lamounier, trouxe para o MDB

[...] predominantemente os underdogs: os menos instruídos, os assalariados de renda baixa, os que exercem ocupações manuais, e assim por diante. [...] Confirma-se inclusive a associação, também encontrada em São Paulo, entre a afiliação emedebista e uma autoimagem de “pobre” ou “trabalhador”. (LAMOUNIER, 2017, p.52).

Da “oposição consentida”, criada de cima para baixo, o MDB passava a cumprir o papel de um verdadeiro partido de oposição, a “sigla mágica” que unia diversas tendências em uma estrutura unificada (MOREIRA ALVES, 1989). Ou, nas palavras de Maria Victoria Benevides, o partido da sociedade civil (1986, p. 26).

Vale a pena retornar a outro trecho do discurso da anticandidatura de Ulisses para compreendermos outro aspecto da transformação do MDB na “sigla mágica”:

Serei mais explícito e minudencioso ao longo da jornada, quando falarei também a nossos irmãos postados no outro lado do rio da democracia. Aos que aí se situaram por opção ou conveniência, apostasia política mais rebelde à redenção. Prioritariamente, aos que foram marginalizados pelo ceticismo e pela indiferença, notadamente os jovens e os trabalhadores, intoxicados por maciça e diuturna propaganda e compelidos a tão prolongada e implacável dieta de informações (GUIMARÃES, 2017).

A referência aos jovens e aos trabalhadores, “marginalizados pelo ceticismo e pela indiferença”, situados “no outro lado do rio da democracia”, marca a reestruturação do partido, com a fundação de diretórios municipais, a homogeneização do discurso, a criação de institutos de formação política - dentre os quais se destacava, no Rio Grande do Sul, o IEPES (Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais) - e a criação do Setor Feminino, do Setor Trabalhista e do Setor Jovem (CARVALHO, 2012).

No Rio Grande do Sul, a ação oposicionista foi marcada por uma ligação quase umbilical com o PTB (KINZO, 1988), de onde saíram os quadros fundadores do MDB gaúcho. Em Canoas, é importante ressaltar que os resultados pouco expressivos que o MDB obteve nacionalmente na virada dos anos 60 para os 70 não se verificaram: na eleição de 1968, foi vencedor o candidato Carlos Giacomazzi, com 20.536 votos (ANGELI, 2015). Somente a inclusão da cidade como Área de Segurança Nacional – escolha justificada oficialmente pela presença de Base Aérea no território (RANICHESKI, 1998) - impediu que Giacomazzi assumisse. O desempenho do partido sempre superou o da ARENA no plano legislativo: em 1968, o MDB elegeu sete vereadores em Canoas, contra seis da ARENA; em 1972, treze contra oito; e em 1976, quatorze contra sete (ANGELI, 2015). Nas eleições para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, dois candidatos residentes na cidade foram eleitos nesse período: o próprio Carlos Giacomazzi em 1970, 1974 e 1978, e Elygio Meneghetti, em 1974 e 1978. Nas eleições para a Câmara Federal, Jorge Uequet foi vencedor em 1974 e 1978.

Nesse cenário foram lançadas as bases para a criação do Setor Jovem do MDB na

cidade de Canoas. Em julho de 1974 foi eleito o primeiro diretório do setor jovem do MDB de Canoas, em reunião que contou com a presença de vereadores da sigla, do presidente do diretório municipal, Paulo Enor, e do presidente do Setor Jovem Estadual do MDB, Paulo Ziulkowski. No entanto, a atividade dos jovens do partido já estava presente desde 1972, quando Jurandir Pedro Bonacina assumiu a presidência da comissão provisória para o Setor Jovem.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Memória

No campo da memória, o trabalho foi desenvolvido, sobretudo, a partir dos estudos do filósofo francês Paul Ricoeur.

##### *3.1.1 A crítica de Ricoeur: o homem capaz de recordar*

A fenomenologia da memória proposta por Paul Ricoeur está ancorada em sua concepção de homem, presente em obras como “O Si-mesmo como outro” (RICOEUR, 1990), em que é apresentado o conceito de “homem capaz”. Dele faz parte uma fenomenologia do “eu posso”, que define as capacidades do homem racional: eu posso falar, agir, ser capaz de imputação moral e narrar.

A essas capacidades, Ricoeur inclui outra: a de poder recordar (RICOEUR, 2007). O homem que se constitui pela fala, pela ação, pela narração e pela reflexão moral tem, também, a capacidade de recordar. E essa memória, potência humana, tem um caráter declarativo (RICOEUR, 2007): ela pede para ser contada. No momento em que é contada, a memória individual, pessoal, ganha um caráter social: ela é feita no idioma de quem a enuncia, idioma este que é partilhado com uma coletividade. O elemento social já aparece aí. Mas a consideração de Ricoeur sobre o caráter coletivo da memória vai além - e aí se inicia seu diálogo com o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2006), autor de “A Memória Coletiva”, marco decisivo dos estudos de memória social.

Ricoeur estabelece as bases de sua reflexão passando em revista os pensadores que se dedicaram ao assunto. De um lado, há aqueles que sequer consideram a possibilidade de uma memória coletiva, tratando-a apenas como um ato individual; do outro, há os que entendem a memória como necessariamente social.

No primeiro grupo, o dos que enfatizam a memória como uma elaboração individual, Ricoeur coloca Santo Agostinho, John Locke e Edmund Husserl. Do outro, coloca Maurice Halbwachs (RICOEUR, 2007).

Diante destes dois grandes grupos, Ricoeur posiciona-se. Critica a teoria da memória de Halbwachs e seus “quadros sociais da memória”, que reduziriam a consciência humana individual a esquemas coletivos. Para contrapô-la, busca um elemento unificador que toma em consideração tanto a experiência individual quanto a dimensão coletiva. E encontra-o nas reflexões de Peter Strawson. Para o filósofo britânico, os predicados, tanto práticos quanto psíquicos, podem ser atribuídos tanto ao homem em si mesmo como aos outros (RICOEUR, 2007) – o que torna a relação do homem com o outro uma experiência tão fundamentalmente constitutiva do sujeito como a relação consigo mesmo.

Essas relações desenrolam-se em espaços. Tais espaços serão públicos, onde os homens convivem uns com os outros, conhecidos e desconhecidos, ou privados – como o espaço da casa, que é também do abrigo e da convivência com os amigos, familiares e com todos aqueles que nos são próximos. Segundo Ricoeur, “as lembranças de ter morado em tal casa de tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas” (RICOEUR, 2007, p. 157).

Nem todos os homens recordam da mesma forma: um fato de indiscutível caráter público – o início de uma guerra, uma revolução, um golpe de estado – pode ser lembrado de maneira distinta por cada pessoa. E há eventos que partilhamos com um grupo de pessoas que não são nem nós, nem “outros” impessoais, membros integrantes da grande coletividade da qual fazemos parte.

A esse grupo – que é decisivo para o nosso processo de recordação - Ricoeur denomina “próximos”.

### *3.1.2 Próximos*

Os próximos, na definição de Ricoeur, operam num espaço intermédio entre o "eu" e "os outros", entre o subjetivo individual e o coletivo impessoal, entre a memória individual e a memória social (RICOEUR, 2007). São pessoas que partilham experiências umas com as outras e, conseqüentemente, lembranças e memórias comuns. Assim, Ricoeur lança-nos o desafio de pensar a memória sob o ponto de vista de três elementos: o eu, os outros e os próximos. Ele salta por cima da dicotomia aparentemente invencível entre a memória individual e a coletiva. E fundamenta, a partir da conceituação dos próximos e da atribuição, a

possibilidade de se falar em uma memória compartilhada por vários sujeitos – um dos pontos decisivos de nosso trabalho.

A proximidade, na formulação de Ricoeur, desempenha um papel semelhante ao que, na filosofia clássica, cabia à *philia* – a Amizade. Era o caminho do meio entre o indivíduo solitário e o cidadão habitante da pólis (RICOEUR, 2007). São aqueles que vivem conosco e conosco partilham memória.

Conecta-se aí, a questão da geração - comunidades que partilham essa proximidade e convivem em um mesmo espaço, em um mesmo período.

### 3.1.3 Memória e geração

Tratar do tema da geração leva, inevitavelmente, a Karl Mannheim e a seu estudo fundador “O problema das gerações” (1993). Nele, o sociólogo alemão aponta que uma geração não se define apenas pela data de nascimento de seus possíveis integrantes, como era frequente na sociologia europeia até aquele momento. A fim de superar alguns problemas de seus antecessores que abordaram a questão, Mannheim propõe que, mais do que critérios de ordem biológica, seja considerada a participação ativa em processos históricos comuns, formando, assim, uma comunidade de ação. O laço que une essa comunidade é produzido por eventos decisivos, que os membros potenciais dela partilham nos anos de formação dos esquemas cognitivos para a interpretação do real – isto é, no período da juventude (MANNHEIM, 1993).

No entanto, o simples acontecer não é suficiente para que se possa falar de uma geração. No dizer de Pierre Favre, “são os homens que fundam o evento e que lhe conferem seu valor de evento” (FAVRE, 1989). É preciso que a memória atue nesse evento cristalizador, conferindo-lhe um valor específico no conjunto da vida dos indivíduos. Por isso, proponho aqui, baseado nas conclusões do historiador holandês Robbert-Jan Adriaansen (2016) , entender as gerações não como comunidades de ação, como queria Mannheim, mas como *comunidades de recordação* - comunidades que baseiam sua identidade numa narrativa memorial com elementos em comum. Como pontua Ricoeur, “a experiência do mundo compartilhada baseia-se aqui numa comunidade tanto de tempo quanto de espaço” (1997, p.192).

Essa experiência de homens vivendo em proximidade – isto é, na condição de próximos, segundo a definição de Ricoeur – e partilhando eventos demarcadores será capaz de produzir uma narrativa memorial comum, na qual estarão presentes os elementos identificadores que a constituem.

Passamos agora a entender como se dá a tessitura dessa narrativa.

### 3.2 Narrativa

Segundo Paul Ricoeur (1994), a narrativa se estrutura a partir do mistério do tempo. Partindo da noção agostiniana da impossibilidade de compreendê-lo plenamente, Ricoeur (1994) entende que o homem, em resposta a esse mistério, elabora narrativas, buscando colocar o tempo em proporções inteligíveis. A narrativa é, portanto, uma maneira de apropriação do tempo por parte do sujeito - tempo em que ele, sujeito, está inserido.

A constituição de uma narrativa necessita de um elemento fundamental: a intriga, também denominada representação da ação (RICOEUR, 1994). Nessa representação, as ações são entrelaçadas de modo a constituir um enredo, dilatando ou reduzido os espaços temporais à maneira da *mimesis* aristotélica. Opera, aí, o que Ricoeur chama de “síntese do heterogêneo” (1994).

As narrativas de vida, segundo Ricoeur (1994), permitem a compreensão dos fatos vividos filtrados sob a ótica do sujeito. A narrativa não existe sem o sujeito que as estrutura. Para que se possa falar em um “quem” da ação, é preciso que a esse sujeito se possa atribuir todos os fatos narrados; é preciso que haja nele uma estabilidade, mantendo-o idêntico a si mesmo em todos os momentos de sua existência; é preciso, em suma, que exista uma identidade individual. Surge a pergunta: quem é esse sujeito? Quem é o autor dessas ações narradas? Esses questionamentos nos levam, segundo Ricoeur, ao tema da identidade e ao antigo debate, presente na tradição filosófica desde Locke e Hume, entre duas concepções de sujeito: uma que o entende como idêntico a si mesmo na diversidade de seus estados - o cogito cartesiano -, e outra que o reduz a uma “ilusão” substancialista - o anticogito nietzschiano (OLIVEIRA, 2017). A identidade seria, assim, uma mera construção ilusória – e também o seriam as narrativas de vida, resultado imediato dessa ilusão. Eis o problema central para quem narra experiências humanas de longa duração.

Ricoeur, em vez de buscar esse sujeito "estável", prefere colocá-lo diante do mistério

do tempo. Propõe que se substitua uma identidade compreendida como um mesmo (*idem*) - isto é, substancial, formal - por uma identidade compreendida como um si mesmo (*ipse*), estruturada pela narrativa. Diferentemente da mesmidade, a ipseidade é estruturada a partir da aplicação reflexiva das configurações narrativas. "Ao contrário da identidade abstrata do Mesmo" - diz-nos Ricoeur - "a identidade narrativa, constitutiva da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida" (RICOEUR, 1997, p.425).

De forma taxativa, Ricoeur responde a todos os questionamentos:

Qual é o suporte da permanência do nome próprio? Que justifica que se considere o sujeito da ação, assim designado por seu nome, como o mesmo ao longo de toda uma vida, que se estende do nascimento à morte? A resposta só pode ser narrativa. [...] A história narrada diz o quem da ação. A identidade do quem é apenas, portanto, uma identidade narrativa (RICOEUR, 1997, p.424).

A identidade que emerge daí decorre de uma lembrança, associada a uma reflexão e a um reexame de sua própria vida, que culmina em um trabalho de representação das ações através de intrigas - formadoras das narrativas.

### 3.3 História Política

A História Política nasceu como a história do poder exercido pelos "grandes homens": seu foco era o estudo da vida e das ações políticas dos líderes nacionais, dos chefes militares, dos ministros e de todos os indivíduos que, de uma forma ou de outra, tomavam decisões fundamentais para a condução dos povos e dos Estados nacionais.

Seu prestígio permaneceu intacto até a chegada do século XX, quando passou a sofrer reproches de historiadores de diversas tendências: os marxistas viam nela uma ciência elitista, que não dava a devida importância às grandes movimentações das massas proletárias; já os ligados à Escola dos Annales, mais atentos à "longa duração" e aos macroprocessos históricos, viam na História Política uma tendência ao individualismo e à narratividade, o que a aproximava da literatura e a distanciava dos trabalhos científicos (RÉMOND, 2003). Nessas duas grandes tendências vê-se a passagem da história dos tronos e das dominações para a dos povos e sociedades (RÉMOND, 2003), onde as relações jurídicas, institucionais e políticas perdiam espaço.

O quadro permaneceu assim até a chegada dos anos 1970, quando, segundo Rémond (1994), o fenômeno político voltou a ser considerado<sup>10</sup>. Marca dessa recuperação foi o livro

<sup>10</sup> Rémond (1994) enfatiza que não se trata propriamente de um retorno no sentido estrito de volta ou

“Por uma História Política”, de 1988, coordenado pelo próprio Rémond (que dele também participou como autor). Ali, o historiador francês afirma: “A política não segue um desenvolvimento linear; é feita de rupturas que parecem acidentes para a inteligência organizadora do real” (RÉMOND, 2003). Com essa frase, temos um ataque às tendências totalizantes dos críticos da História Política e uma reafirmação da especificidade irreduzível do político.

Rémond incorpora, ainda, as referências intelectuais do individualismo metodológico, adversário do coletivismo metodológico tão bem representado pelo marxismo. Ao opor-se à visão demasiado coletivista do homem (RÉMOND, 2003), o individualismo metodológico busca "um meio-caminho entre o discursivo e o associativo, a análise objetiva e análise da fluidez, a continuidade e a ruptura" (RÉMOND, 2003, p. 169).

A proposta de René Rémond e seus companheiros postula a valorização do acontecimento, da narrativa e do sujeito na história (RÉMOND, 2003). E esse acontecimento, encadeado em uma narrativa com outros acontecimentos, pode ser, segundo Rémond, marca fundadora de mentalidades:

O acontecimento solda uma geração, e sua lembrança continuará sendo até o último suspiro uma referência carregada de afetividade, positiva ou negativa, até que, com o desaparecimento desta, ele mergulha na inconsciência da memória coletiva, onde continuará no entanto a exercer alguma influência insuspeitada (RÉMOND, 2003, p.449)..

O uso de narrativas pessoais, nas quais a vida dos agentes é contada pelos próprios, insere-se, portanto, nesse marco. Dá-se, enfim, a partida para os novos estudos sobre os processos eleitorais, os partidos políticos, as ideias políticas e a própria experiência de vida dos atores políticos – estudos que recebem, também, o aporte de métodos e abordagem teórica das ciências sociais (HOBSBAWM, 1998).

A partir dessas reflexões, trato, no próximo capítulo, do percurso metodológico que me levou ao trabalho de realização de entrevistas e interpretação dos depoimentos.

restauração, mas sim de uma história que se beneficiou do enriquecimento de todas as gerações anteriores e trouxe o político de volta à baila.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO

Quanto à natureza dos dados, foi uma pesquisa com viés qualitativo, trabalhando, como tal, com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2011).

As fontes mais importantes para este trabalho foram as orais. Parti de uma definição de História Oral dada pela pesquisadora Verena Alberti, cujos trabalhos guiaram a realização desta pesquisa:

A História Oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo (ALBERTI, 2013, p.18).

A História Oral é, portanto, um método de pesquisa. E um método no qual a entrevista cumpre um papel central. A entrevista, em História Oral, tem o condão de produzir elementos que não se encontram em outros documentos, como experiências pessoais e percepções particulares (ALBERTI, 2005), além de trazer novas informações que não constam em arquivos e em outras formas de armazenamento de informações (ALBERTI, 2005).

No entanto, um trabalho de História Oral não utiliza apenas entrevistas: a consulta a outras fontes para formar um cabedal de conhecimentos prévios do tema é fundamental nas etapas de escolha do entrevistado (ALBERTI, 2005) e na análise das entrevistas (ALBERTI, 2005). E não só nelas: o cruzamento das fontes orais com outros tipos de fonte ocorre durante todo o trabalho. Nesta pesquisa, a coleta envolveu bibliografia teórico-metodológica, obras de História, Ciência Política, Sociologia Política e Filosofia, dissertações e teses. Quanto à coleta documental, foi composta por jornais, revistas, fotos e áudios (já que são raras as referências ao Setor Jovem de Canoas em obras de consulta). Busquei também o depoimento de dois ex-integrantes do Setor Jovem de Santa Maria (mencionados nos demais depoimentos como sendo especialmente próximos do Setor Jovem de Canoas), em uma entrevista pontual sobre a relação que mantinham com o Setor Jovem de Canoas. Tudo isso foi fundamental para a escolha dos entrevistados e a análise mais aprofundada das entrevistas.

### 4.1 Tipo de entrevista

Escolha importante foi do tipo de entrevista. Segundo Verena Alberti, há dois tipos: a

*temática*, aquela que versa sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, ou uma entrevista de *história de vida*, que se interessa pelo indivíduo na história, com sua trajetória desde a infância até o momento em que fala. Em geral, entrevistas do primeiro tipo seriam mais adequadas para temas que versam sobre um período específico da trajetória de vida do entrevistado, uma função específica desempenhada ou um envolvimento com acontecimentos particulares, ao passo que as entrevistas de história de vida seriam mais úteis para estudos em que a trajetória inteira do entrevistado é mais importante do que um período ou espaço específicos. Essa classificação não é, contudo, estanque, e a própria professora Alberti enfatiza a proximidade que elas guardam entre si: as duas, segundo ela, têm como eixo a biografia dos entrevistados e suas vivências (ALBERTI, 2005).

Essa proximidade foi verificada nesta pesquisa. Por isso, posso dizer que o trabalho desenvolvido situa-se em uma zona de confluência entre as entrevistas temáticas e as histórias de vida. Por um lado, as entrevistas realizadas tendem a encaixar-se na categoria de histórias de vida; têm, afinal, como interesse a vivência e as experiências dos indivíduos, levando em consideração seus anos de vida e de formação. Por outro lado, por enfocarem, sobretudo, um período da vida dos entrevistados, elas se aproximam da definição de entrevistas temáticas. No trabalho que aqui se desenvolveu, há, sem dúvida, um tema central, para o qual concorrem todos os questionamentos. No entanto, para a consecução dos objetivos propostos, foi fundamental que se considerasse também aspectos biográficos anteriores e posteriores ao período estipulado na pesquisa.

#### **4.2 Escolha dos entrevistados**

Surge, então, a questão fundamental: quem deve ser entrevistado? Primeiramente, deve-se ter em mente que os critérios para a escolha devem ser sobretudo qualitativos, e não quantitativos (ALBERTI, 2005) – ou seja, importa menos a quantidade de entrevistados do que a posição que eles ocupam no grupo e o significado de sua experiência, tendo eles vivenciado, participado, vivido ou se inteirado de ocorrências ou situações que lhes permitam criar depoimentos produtivos (ALBERTI, 2005).

Os entrevistados escolhidos tiveram participação militante no Setor até os momentos finais da existência do órgão (1979), tendo ocupado cargos de direção e comando naquele período – além de cargos eletivos, caso de dois dos entrevistados. Os nomes surgiram a partir da leitura de documentos, livros e da menção nas pré-entrevistas.

## Os interlocutores de pesquisa



**Celso Pitol** - Natural de Venâncio Aires, tem 67 anos e é técnico em contabilidade. Mudou-se para Canoas na adolescência, junto com a família. Casado, tem quatro filhos. Foi vereador em Canoas entre 1976 e 1992 e secretário municipal das gestões dos prefeitos Hugo Simões Lagranha e Jairo Jorge. Escolheu o PMDB após o fim do bipartidarismo.



**Rubert Janke** - Natural de Caçapava do Sul, tem 70 anos e é comerciante aposentado. Mudou-se para Canoas com a família aos quatro anos. Ex-militante do PCB clandestino, ingressou no MDB nos anos 70. Depois do fim do bipartidarismo, filiou-se ao PT.



**Gelson Nascimento** - Natural de Canoas, tem 68 anos, é advogado e perito da Justiça do Trabalho. Presidente do Setor Jovem do MDB em 1975, escolheu o PMDB após o fim do bipartidarismo.



**Jorge Luis Dupont** - natural de Farroupilha, tem 68 anos, é administrador de empresas e servidor público. Mudou-se para Canoas nos anos 60, com a família. Ingressou no

Setor Jovem do MDB na época de sua fundação. Após o fim do bipartidarismo, filiou-se ao PDT.



**Jurandir Pedro Bonacina** - natural de Pouso Novo, tem 72 anos e é advogado. Mudou-se para Esteio na infância e, posteriormente, foi residir em Canoas. Vereador de Canoas entre 1972 e 2008, foi presidente da Comissão Provisória que criou o Setor Jovem do MDB. Escolheu o PMDB logo após o fim do bipartidarismo.



**Linda Lúcia Uequed Pitol** – natural de Porto Alegre, tem 64 anos e é advogada. Vive em Canoas desde o nascimento. Ingressou no Setor Jovem do MDB em 1973, assumindo funções de direção e coordenação de campanhas eleitorais, além de trabalhos ligados ao Setor Feminino (que chegou a presidir). Após o fim do bipartidarismo, optou pelo PMDB.

#### Quadro 1 -

<b>Nome</b>	<b>Entrada no Setor Jovem*</b>	<b>Data da Entrevista</b>
<b>Jorge Luiz Dupont</b>	<b>1974</b>	<b>06/05/2017</b>
<b>Celso Pitol</b>	<b>1974</b>	<b>09/12/2017</b>
<b>Linda Lúcia Uequed Pitol</b>	<b>1974</b>	<b>18/06/2017</b>
<b>Rubert Janke</b>	<b>1974</b>	<b>08/11/2017</b>
<b>Gelson Nascimento</b>	<b>1974</b>	<b>21/11/2017</b>
<b>Jurandir Pedro Bonacina</b>	<b>1974</b>	<b>13/10/2017</b>

Fonte: Elaborado pelo autor (2017)

\*Nesta tabela, registramos a entrada formal no Setor Jovem do MDB canoense (o qual, como vimos anteriormente, se constituiu legalmente apenas em 1974). No entanto, todos os entrevistados já apresentavam atividades políticas no interior do partido antes daquele ano, como foi mencionado em outros momentos dessa dissertação.

### **4.3 Elaboração de roteiro**

A elaboração de um roteiro básico de entrevista foi feita a partir das leituras realizadas nos meses anteriores, do contato com documentação primária e do estudo das pré-entrevistas realizadas.

Esse roteiro não trouxe perguntas no sentido tradicional, mas de *temas básicos* a serem abordados na condução da entrevista. Tais temas podem ser desdobrados em uma ou mais intervenções no decorrer da narrativa do entrevistado, seguindo o caminho proposto no item “Condução da entrevista”. Os temas surgiram a partir da leitura de obras de História política, História do MDB, documentos do MDB da época e jornais.

No decorrer das entrevistas, outros temas surgiram – afinal, a narrativa decorrente de uma entrevista de História Oral jamais pode ser plenamente prevista pelo entrevistador. O roteiro de condução das entrevistas partiu de questionamento sobre a infância e a adolescência dos entrevistados; seus primeiros contatos com a política e o mundo político; o momento de ingresso no Setor Jovem do MDB e o começo de sua participação; suas ações desempenhadas nas campanhas eleitorais e nos demais momentos da vida militante; as relações estabelecidas com outros Setores Jovens, assim como com outros grupos dentro do MDB e fora dele; e a maneira como esse período é lembrado pelos entrevistados.

### **4.4 Condução das entrevistas**

Em seu “Manual de História Oral”, a professora Verena Alberti discorreu sobre a experiência do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) em conduzir as entrevistas através do diálogo e da interferência - controlada - do entrevistador. Segundo ela, nesse tipo de entrevista “o entrevistador ouve muito, mas também conduz a entrevista; ou seja, também fala” (ALBERTI, 2005, p. 119).

Uma objeção a esse tipo de abordagem - a de que o entrevistador interferiria na produção das narrativas - é respondida da seguinte forma: em História Oral, sempre há

interferência do entrevistador nas respostas do entrevistado, de uma forma ou de outra: são, afinal de contas, dois seres humanos em contato. Conforme pontua a professora Alberti, a simples presença do pesquisador diante do entrevistado, mesmo nas entrevistas que supostamente não são dirigidas, intervém no conteúdo e na forma do depoimento. Segundo ela, “se admitirmos a interferência de nossa própria visão de mundo na forma de conduzir uma pesquisa, teremos andado meio caminho em direção à ‘objetividade científica’ nas ciências sociais” (ALBERTI, 2005, p. 120).

A relação entre o entrevistador e o entrevistado é marcada, assim, pelo encontro de subjetividades. Há um processo de conhecimento e reconhecimento entre aquele que entrevista e aquele que conta a história, atuando, cada um em seu papel, no sentido de produzir a narrativa. Com isso, não se quer dizer que o entrevistador é tão relevante quanto o entrevistado: quer-se, apenas, pontuar que ele não pode ser desconsiderado nesse processo.

A professora Verena Alberti fala da existência de um “bom entrevistado” (ALBERTI, 2005, p. 33), aquele

que, por sua percepção aguda de sua própria experiência, ou pela importância das funções que exerceu, pode oferecer mais do que o simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre impressões de época, comportamentos de pessoas ou grupos, funcionamento de instituições e, num sentido mais abstrato, sobre dogmas, conflitos, formas de cooperação e solidariedade grupal, de transação, situações de impacto, etc. Tais relatos transcendem o âmbito da experiência individual e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais abrangentes – por que não? - ao denominador comum à espécie humana”.

Dessa forma, é fundamental que, além do bom entrevistado citado acima, haja na entrevista um *bom entrevistador*. Embora o termo não seja usado pela professora Alberti, podemos depreender que ela elabora um conceito análogo a esse quando diz que

-A posição do entrevistador é tão relevante nesta criação do concebido sobre o vivido [...] [que] é imprescindível contar com sua honestidade, sensibilidade e competência. O entrevistador deve ter consciência de sua responsabilidade enquanto co-agente na criação do documento de história oral. Sua biografia e sua memória são outras, e não estão propriamente em questão, mas ambas são decisivas em sua formação de pesquisador; sua memória a respeito do tema e/ou ator em evidência na entrevista vem em grande parte de suas pesquisas (afinal, é esse seu trabalho), e é preciso que ele tenha consciência da importância desse trabalho para o exercício de sua atividade (ALBERTI, 2005, p.23).

Diante disso, e observando os resultados bem sucedidos nas entrevistas do CPDOC, decidi conduzir as entrevistas de forma dialogada entre o entrevistador e o entrevistado. Iniciamos com uma consideração sobre os primeiros anos de vida do entrevistado. Na sequência, enfoquei a percepção que o entrevistado tinha da cidade e dos eventos políticos que marcaram sua infância e adolescência. Prosseguimos para questionamentos sobre a formação do MDB e do Setor Jovem, bem como o ingresso e a participação do entrevistado

dentro no período analisado (entre 1972 e 1979). Finalizamos com uma avaliação feita pelos integrantes sobre a sua participação no Setor Jovem.

Meu encontro com os entrevistados deu-se na residência deles ou em escritórios profissionais, conforme a disponibilidade. As entrevistas foram gravadas com câmera digital, a fim de captar imagem e som, e duraram entre 50 minutos e 1 hora e 15 minutos (valores aproximados), dependendo do entrevistado. Apresentei a eles o documento de autorização para uso de imagem para fins acadêmicos. Procurei criar um ambiente de tranquilidade e à-vontade, a fim de que os entrevistados se sentissem tranquilos. Também deixei claro que as interrupções solicitadas e as conversas “em off” seriam respeitadas.

A minha posição como entrevistador foi particularmente delicada. Dentre os entrevistados estavam familiares meus, e a menção a eles ocorreu em vários momentos das entrevistas. Diante disso, procurei manter uma postura de isonomia em relação a todos os entrevistados, participando e atuando na condução de maneira idêntica.

#### **4.5 História Oral e Narrativa**

No entender da professora Alberti, sempre há narrativas na história oral. A partir disso, devemos iniciar uma breve reflexão sobre o tema da narrativa. A visão de narrativa que a professora Alberti espousa aproxima-se daquela presente na teoria da literatura. Em artigo acerca da nova edição do Manual de História Oral, ela afirma: "é no momento da entrevista que o diverso, o irregular e o acidental entram numa ordem, dada pelo entrevistado e pela presença ou pela ação dos entrevistadores" (ALBERTI, 2012). Enfatiza, assim, o caráter elaborativo da narrativa por parte do entrevistado e o aspecto de "experiência de vida".

Percebe-se, aqui, que a visão da professora Alberti guarda estreita proximidade com a de Paul Ricoeur. Assim, a narrativa é muito mais do que um veículo onde o homem expressa a sua história: é o lugar onde o homem constitui a si mesmo, dando forma e sentido à sua experiência. E ressalte-se, aqui, a ênfase na ação dos entrevistadores, que trabalham também no sentido de ordenar o “irregular e o acidental”.

#### **4.6 O valor do episódico**

Segundo Verena Alberti, a História Oral tem uma possibilidade singular:

A de permitir o conhecimento de realidades sociais através da narrativa de histórias que condensam determinados significados sobre o passado. São momentos especiais de uma entrevista, breves narrativas inseridas na grande narrativa de história de vida, que encerram uma riqueza tal que se tornam especialmente “citáveis” para dar conta de determinadas experiências. (ALBERTI; PEREIRA, 2004)

Assim, podemos perguntar: o que aprendemos com as narrativas? Serão elas apenas “versões”? Quando elas podem ser mais do que “versões” dos diferentes acontecimentos? A resposta parece ser: quando a narrativa vai além do caso particular e nos fornece uma chave para a compreensão da realidade; ela nos permite ter acesso ao “conhecimento de realidades sociais através da narrativa de histórias que condensam determinados significados sobre o passado” (ALBERTI; PEREIRA, 2004)

Essas narrativas surgem a partir de uma reconstrução verbal baseada na memória dos agentes. Por isso, não se pode pensar História Oral sem memória (ALBERTI, 2005). Faz parte da peculiaridade do uso desse método, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu (ALBERTI, 2005)

#### **4.7 Memória e participação do entrevistador**

No caso da História Oral, acrescenta-se, nesse trabalho de memória, a presença do entrevistador – que, ao atuar junto ao entrevistado, acrescenta-lhe, também, a sua própria vida e a sua memória (ALBERTI, 2005): elas estarão presentes em todo o decorrer do trabalho, da formulação do roteiro à condução das entrevistas. As duas partes, entrevistado e entrevistador – cada um com sua subjetividade, sua memória, sua biografia, suas experiências de vida – trabalham conjuntamente para construir uma abordagem sobre o passado (ALBERTI, 2005). O entrevistado ganha, sem dúvida proeminência, mas o entrevistador estará também presente.

Assim, o entrevistador não tem acesso à experiência direta do entrevistado. As vivências, que se transformam em narrativa, possuem um sentido dado pelos agentes durante

a entrevista. O sentido original do ato é reelaborado no momento da narrativa.

#### **4.8 Uma proposta de leitura**

No começo do segundo volume da sua obra magna “Tempo e Narrativa”, Paul Ricoeur lança a seguinte frase: “Explicar mais é entender melhor” (RICOEUR, 1995, P. 60). Para que ela faça sentido, é preciso concatená-la com as reflexões do autor na área de hermenêutica, tarefa que procuro realizar a partir de agora.

Inicialmente, devemos ressaltar a íntima relação que Ricoeur vê entre experiência humana e linguagem: para ele, a experiência humana contém uma dizibilidade que não pode jamais ser afastada (RICOEUR, 1989). Ela pede para ser enunciada. A experiência humana carrega, portanto, o dizer - o dizer-se - em seu bojo, diante do qual o homem que a experiência é convidado a articular.

A partir daí, a narratividade ocupa espaço decisivo. A experiência, que pede para ser dita, ocorre no tempo humano, sendo este articulado, segundo Ricoeur, como um processo temporal. E tal processo só é reconhecido quando ele é narrado: é a narratividade que marca, clarifica e articula a experiência temporal humana (RICOEUR, 1989), integrando o heterogêneo numa totalidade inteligível (RICOEUR, 1989).

Diante dessa experiência que pede para ser narrada, e dessa narrativa que articula a experiência humana e integra o heterogêneo, qual a tarefa da hermenêutica?

Ricoeur debruça-se, em primeiro lugar, sobre a oposição, estabelecida por Wilhelm Dilthey, entre explicação e compreensão: a primeira é, aí, entendida como um processo próprio das ciências da natureza, que exigem que um fenômeno seja explicado; a segunda liga-se às humanidades, que operam a partir da compreensão dos processos vitais e da vida psíquica presentes na obra diante da qual se coloca o leitor ou intérprete.

Ricoeur propõe um modelo em que explicação e compreensão sejam considerados como dois momentos diferentes da interpretação. Em vez de oposição, ele vê aí complementaridade: a explicação e a compreensão não seriam, assim, dois modos irreduzivelmente distintos de conhecer um objeto de estudo, e sim dois momentos do processo de interpretação de um texto. A compreensão parte de uma ligação ontológica entre o homem e o objeto, marcada por um abrir-se “ingênuo” ao texto; a explicação, por sua vez, é um

passo metodológico que não é necessariamente alheio às ciências humanas. Nas palavras de Ricoeur, “explicar é destacar a estrutura, quer dizer, as relações internas de dependência que constituem a estatística do texto” (RICOEUR, 1989, p. 159).

Assim, segundo Ricoeur,, “o termo interpretado deve, pois, aplicar-se não a um caso particular da compreensão, a das expressões escritas da vida, mas a todo processo que abarca a explicação e a compreensão” (RICOEUR, 1987, p. 84)

Estabelecida essa distinção nuclear, Ricoeur dispõe os elementos da dialética da compreensão e da explicação que estruturam a sua proposta interpretativa - que serve, em particular, para a interpretação de textos, como as narrativas.

O primeiro momento é a compreensão que ele denomina ingênua, ou seja, decorrente de um contato imediato com o texto, onde ele se apresenta ao leitor na sua totalidade, formando uma série de conjecturas. No segundo momento, opera-se a explicação, onde ocorre um distanciamento entre o leitor e o texto, fundamental para que se perceba a estrutura das relações internas de dependência das partes do discurso. A esse momento segue-se um terceiro, que é um retorno à compreensão - agora não mais “ingênua” mas sim mediada pelo arcabouço metodológico da explicação.

Segundo ele,

Entendo por compreensão a capacidade de retomar em si mesmo o trabalho de estruturação do texto e por explicação a operação de segundo grau enxertada nesta compreensão e que consiste na clarificação dos códigos subjacentes a este trabalho de estruturação que o leitor acompanha” (RICOEUR, 1989, p.44)

A hermenêutica tem, assim, uma dupla tarefa:

[...] procurar, no próprio texto, por um lado, a dinâmica interna que preside à estruturação da obra, por outro lado, o poder de a obra se projetar para fora de si mesma e engendrar um mundo que seria, verdadeiramente, a “coisa” do texto (RICOEUR, 1989, p.43).

E aí Ricoeur faz apelo a Aristóteles, ao apontar a chave proposta para a composição:

o poeta, ao compor uma fábula, uma intriga, um muthos, oferece uma mimesis, uma imitação criadora dos homens que agem. Do mesmo, uma lógica dos possíveis narrativos, a que pode aspirar uma análise dos códigos narrativos, só se conclui na função mimética pela qual a narrativa refaz o mundo humano da ação (RICOEUR, 1989, p.170).

Quanto ao momento intermédio da explicação, onde o distanciamento metodológico tem lugar - e que constituía, segundo o pensamento de Dilthey, o processo típico das ciências naturais - Ricoeur afirma que, para que ele se dê, não precisamos nos preocupar com a divisão, também diltheyana, entre natureza e espírito (RICOEUR, 1989). Ao contrário: dentro do

próprio campo epistemológico da linguagem podemos encontrar um modelo de explicação em nada inferior aos da ciência da natureza e, ao mesmo tempo, bem ajustado às necessidades dos estudos de narrativa (RICOEUR, 1997).

A hermenêutica ricoeuriana vem sendo usada para a interpretação de um sem-número de textos, de narrativas jornalísticas a obras literárias (PAULA; SPERBER, 2011). No caso de relatos memoriais obtidos a partir de entrevistas - que é o meu foco neste trabalho -, um exemplo é o estudo desenvolvido pelos pesquisadores suecos Anders Lindseth e Astrid Norberg (2004) para a análise e interpretação de relatos de médicos e enfermeiras acerca dos aspectos éticos de suas atividades profissionais. Minha proposta de leitura baseia-se, em grande medida, nas reflexões de Lindseth e Norberg, adaptando-as para as necessidades do trabalho aqui desenvolvido.

Assim, o primeiro passo para a leitura é a produção de um texto escrito para ser lido. Partimos, portanto, da transcrição do material oral gravado.

O segundo passo é aquele onde adentramos na leitura propriamente dita: procede-se, aqui, uma leitura - para usar a expressão de Ricoeur - “ingênua” (naive). Nesse momento, o texto é lido em sua totalidade e apreendido em sua totalidade, e a leitura é feita num espírito de abertura ao texto, a partir do qual se extraem algumas conjecturas iniciais (LINDSETH; NORBERG, 2004). É o momento da compreensão - o primeiro ponto do círculo hermenêutico, o primeiro estágio da dialética da interpretação ricoeuriana.

Tais conjecturas serão validadas ou invalidadas a partir do próximo passo: o da leitura metódica e estrutural. O texto, uma vez lido, é submetido a uma análise estrutural que busca identificar temas fundamentais abordados pelos entrevistados - entendendo-se tema como uma trama de sentido que unifica uma parte de um texto (LINDSETH; NORBERG, 2004). Um tema pode aparecer em uma frase, uma sequência de frases, um parágrafo inteiro ou várias páginas; pode ser uma narrativa ali inserida, uma descrição ou uma interpretação, desde que um sentido unificador esteja ali presente. O resultado é um mapeamento do conteúdo do texto, cujas partes, aqui, devem ser abordadas o mais independentemente possível do texto como um todo e da maneira mais particularizada possível (LINDSETH; NORBERG, 2004). É o momento da explicação: o caminho do meio do círculo hermenêutico, o estágio central - central porque decisivo, e central porque intermediário - do processo de interpretação.

Uma vez identificadas as unidades temáticas de sentido, elas serão postas em confronto com a leitura “ingênua” do texto que as precedem, reforçando as primeiras

observações, rejeitando-as e, finalmente, integrando-as, de modo que um sentido seja apreendido em sua totalidade. As unidades de sentido, que no estágio anterior eram vistas o mais independentemente possível, agora são reunidas e relidas de acordo com o todo do texto.

Também assume papel importante a literatura ligada ao assunto, de modo a esclarecer os pontos obscuros. São estabelecidas, assim, categorias explicativas que auxiliam nesse processo. É o passo final do processo de interpretação- o retorno à atitude compreensiva perante o texto, onde se fecha o círculo hermenêutico. O leitor, ao apreender o sentido de um texto, dá também um passo no sentido de compreender-se a si próprio e ao mundo que o cerca. É a chamada compreensão abrangente.

A leitura que emerge daí incorpora, assim, o todo (o texto completo) e o particular (as suas diversas unidades temáticas) num mesmo processo dinâmico, configurado e pleno de sentido, onde o leitor apreende o mundo do texto. As diferentes experiências vividas presentes nas narrativas são, assim, apreendidas no sentido que os agentes a elas conferem.

#### **4.9 Produto final – Documentário “Vozes em oposição”**

O produto escolhido foi um documentário sobre o tema da pesquisa.

Meu entendimento sobre a narrativa documentária está estruturado a partir das considerações de Paul Ricoeur sobre a narrativa – isto é, que o tempo torna-se humano a partir do momento em que está organizado de modo narrativo. A narrativa, segundo Ricoeur, ao elaborar uma intriga, recupera o tempo.

Mas a narrativa a que Ricoeur se refere não é apenas a ficcional: segundo ele, toda história é narrativa (RICOEUR, 1994). No caso do documentário, temos uma narrativa elaborada filmicamente, onde elementos imagéticos e sonoros são dispostos de maneira a elaborar um efeito inclusive estético.

Ricoeur entende, portanto, que o fazer historiográfico está impregnado de uma estrutura narrativa em tudo análoga à da ficção. Mesmo assim, comporta diferenças. Marca dessa diferença está no uso de documentos: para ele,

as construções do historiador visam a ser reconstruções do passado. Através do documento e mediante a prova documentária, o historiador é submetido ao que, um dia, foi. Tem uma dívida para com o passado, uma dívida de reconhecimento para com os mortos, que faz dele um devedor insolvente. (RICOEUR, p. 242, 1997).

Assim, o simples configurar narrativo, conforme Ricoeur nos ensina em sua obra magna “Tempo e narrativa”, já incorpora os recursos típicos da ficcionalização ao historiográfico; e o documentarista, também ele, elabora uma intriga, uma narrativa per se (TOMAÍM, 2013). A ação do editor ocupa, assim, um papel central para a formatação dessa narrativa.

Como bem lembra Walter Benjamin, em seu conhecido trabalho sobre o narrador, a narração não tem a pretensão de transmitir pura e simplesmente um acontecimento: ao repassa-lo para o ouvinte, deixa marcas dele, narrador, como os artigos das mãos do obreiro no vaso de argila (BENJAMIN, 1994).

O formato vídeo justifica-se pelo grande potencial imagético, dando a possibilidade de se registrar o momento da narrativa e captar a voz e rosto do narrador. Compõe-se, assim, um quadro do momento atual (o narrador expondo sua história) e do momento passado (a própria narrativa).

Busquei fazer uso do documento histórico de maneira a produzir - a partir destes documentos, que, por si, já são narrativas - uma narrativa documentária estruturada. Como diz Gauthier, “o gênio do documentarista está, mais do que na utilização do documento, na sua possibilidade de leva-lo à existência, de colocá-lo à disposição da história sem retirar nada de sua fatura artística” (GAUTHIER, p. 202, 2001). Opinião semelhante tem Sérgio Puccini, quando afirma que o documentário exige a intervenção criadora do cineasta. Essa intervenção se manifesta em etapas de seleção, elaboradas a partir de escolhas subjetivas do realizador, que orientam os recortes e a edição final do filme (PUCCINI, 2009).

Apresento aqui a proposta do documentário, baseando-me largamente na estrutura indicada por Sérgio Puccini (2009).

**Título:** Vozes em oposição

**Assunto:** A atuação de ex-integrantes do Setor Jovem do MDB de Canoas (RS)

**Duração:** Aproximadamente 120 minutos.

**Apresentação:** O documentário estrutura-se a partir dos relatos memoriais da trajetória de ex-integrantes do Setor Jovem do MDB canoense, concedidos para a elaboração deste trabalho.

**Abordagem:** Ao recepcionarem as narrativas decorrentes das entrevistas, procurei ordená-las de acordo com os objetivos do trabalho. Procurei, também, produzir efeitos estéticos, a partir da sobreposição de imagens e depoimentos. Neste trabalho, é fundamental a presença da subjetividade dos entrevistados, trazendo as leituras e releituras dos momentos vividos no Setor Jovem do MDB de Canoas.

### **Estrutura básica:**

O documentário tem início com uma música de fundo, à qual se segue uma introdução geral à época e ao local de instalação do Setor Jovem do MDB.

O desenrolar do documentário é constituído pelos depoimentos dos entrevistados, divididos de modo a contemplar as unidades temáticas que emergiram do trabalho de leitura e interpretação das entrevistas.

Assim, da mesma forma que as entrevistas foram elementos centrais para a dissertação, também o foram para o documentário. Ele finaliza com uma declaração, de autoria de um dos entrevistados, sobre a sua releitura do período passado no Setor Jovem.

## 5 AS VOZES DOS ENTREVISTADOS

### 5.1 Procedimento de leitura

A partir da proposta de leitura apresentada anteriormente, fundada no círculo hermenêutico ricoeuriano, realizei os seguintes passos do estudo interpretativo das entrevistas.

O primeiro passo – imediatamente após as transcrições das entrevistas - envolveu a chamada leitura “ingênua” – ou seja, a leitura imediata, realizada num espírito de abertura ao texto (LINDSETH; NORBERG, 2004). As entrevistas foram lidas várias vezes, de modo a captar um sentido de todo e elaborar uma série de conjecturas. Tais conjecturas foram submetidas à validação a partir da segunda etapa. As entrevistas foram lidas em dois momentos: primeiro, individualmente; depois, em conjunto.

O segundo momento de interpretação, o da leitura metódica e estrutural, buscou encontrar temas - as tramas de sentido que unificam uma parte de um texto, conforme definição dada anteriormente. Tais temas foram constituídos de frases, sequências e parágrafos, sempre levando em consideração as conjecturas lançadas a partir da leitura ingênua.

Sobre a formação das unidades temáticas, cabe destacar que enfocaram momentos das entrevistas que guardavam relação direta com os objetivos do projeto. Quanto aos demais momentos - os que não tinham relação direta com os objetivos -, resalto que foram levados em consideração para a interpretação, mas não constituíram unidades temáticas. Tais unidades, por vezes, deram origem a subtemas - subpartições da unidade temática em unidades menores que estavam a ela ligadas umbilicalmente.

A esse estágio intermediário - o da explicação - seguiu-se a última etapa do círculo hermenêutico ricoeuriano: a compreensão em profundidade, ou abrangente.

Nesse último momento, confrontei as conclusões obtidas a partir da leitura ingênua (primeira etapa) e da leitura analítica (segunda etapa) com outros textos, submetendo-as posteriormente à análise a partir dos referenciais teóricos escolhidos e da bibliografia especializada. Pus em operação uma série de conceitos e categorias explicativas, como “juventude”, “militância”, “espaço”, “filiação política”, “socialização política”, “condição política” e “geração”.

Passo, a seguir, a expor os resultados obtidos a partir dos passos acima elencados. Primeiramente, exponho os resultados da leitura ingênua das entrevistas. Logo em seguida, destaco os resultados da análise estrutural, onde são apresentados os temas e subtemas encontrados. Por fim, apresento os resultados da análise das entrevistas e de sua compreensão aprofundada.

## **5.2 Leitura ingênua**

A leitura ingênua das entrevistas revela-nos uma descrição de infância e adolescência passadas em um momento muito distinto, em alguns casos oriundo de migração do interior para a cidade de Canoas. Os participantes descrevem uma cidade muito menor do que a atual, com muito menos estrutura urbana e serviços públicos muito mais precários. Nesse cenário, aparece uma visão da política local marcada pela forte presença do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e de alguns agrupamentos de oposição a ele.

Deve-se ressaltar, também, que todos os integrantes da pesquisa revelam ter origem familiar trabalhista, sendo um deles filho de vereador ligado ao PTB.

Os eventos marcantes da política nacional e local dos anos 60 também são mencionados. A Campanha da Legalidade, o golpe de 1964 e a decretação da Área de Segurança Nacional em Canoas são momentos de grande impacto pessoal para os participantes.

A virada dos anos 60 para os 70 marca, nas entrevistas, o momento em que os entrevistados começam a ter contato com a política no seu sentido mais institucional. Esse movimento irá desembocar na filiação ao MDB no seu Setor Jovem. Esses movimentos têm o seu desenrolar entre 1972 e 1974. As motivações para o ingresso na oposição vão no sentido de recuperar a democracia, dar mais liberdade e tentar melhorar a sociedade.

Os entrevistados revelam a participação nas eleições transcorridas na década de 70, com atuação direta em muitas delas. Dão especial relevo para a eleição de 1976, que coloca, pela primeira vez, uma candidatura diretamente ligada ao Setor Jovem. Esse momento é descrito como fundamental para a inserção dos jovens na política daquele período.

A mobilização política aparece como relacionada a atividades constantes cotidianas, em uma militância diária. As críticas ao regime foram o principal mote, segundo eles, para o apoio popular ter se consolidado. Depreende-se também a ideia de que a moderação na relação com as pessoas era fundamental.

O Setor Jovem de Canoas é descrito por eles como relevante em termos estaduais, e a relação com os de outras cidades seguia o padrão de buscar sempre os grupos mais progressistas. São mencionados especificamente os de Caxias, Pelotas e, sobretudo, o de Santa Maria, com os quais os integrantes de Canoas afirmam ter tido estreita proximidade.

A participação no Setor Jovem é descrita pelos entrevistados como um momento fundamental tanto para a sua constituição como atores políticos, no sentido de formá-los política e ideologicamente, como também para a sua formação pessoal, onde puderam desenvolver uma série de habilidades e aprofundar visões de mundo. Os entrevistados definem aquele período como sendo mais “puro” do que o de hoje: era uma época, segundo eles, onde a militância atuava porque queria participar, e não por dinheiro. Identificam o período do fim do bipartidarismo e a formação de muitos novos partidos com o fim desse momento de “pureza”.

Os entrevistados ressaltam que o Setor Jovem de Canoas deu importantes frutos do ponto de vista político, com um impacto relevante. O período passado no Setor Jovem revela-se importante para eles, cheio de atribuições importantes para as suas vidas.

### **5.3 Análise estrutural e compreensiva**

O segundo passo do processo de interpretação revelou a existência das seguintes unidades temáticas: “Antecedentes”, “Ingressar na oposição”, “Ser oposição”, “Eu, nós e os outros”, “Fim do MDB”. Cada uma dessas unidades – exceto “Ingressar na oposição” - é composta de subtemas (com exceção da segunda).

#### *5.3.1 Antecedentes*

No tema “Antecedentes”, os entrevistados narram eventos ocorridos antes do ingresso de cada um no Setor Jovem do MDB. Estão presentes a origem familiar dos entrevistados, as percepções sobre a cidade onde residiriam e os primeiros contatos com o mundo político.

A ele estão relacionados os subtemas “Canoas era assim”, “ A política surgiu para mim...” e “O golpe de 64 e a legalidade”.

Nesses subtemas verificamos a presença de unidades de sentido contendo leituras sobre o passado, o espaço em que os entrevistados residiam e desempenhavam atividades políticas, o surgimento da política na existência dessas pessoas e o impacto dos eventos marcantes daquele período em suas vidas.

### 5.3.1.1 Subtema 1: “Canoas era assim”

Integrando todos eles uma mesma faixa etária de nascidos entre 1946 e 1953, os entrevistados variam quanto à origem: alguns nasceram em cidades do interior do RS, outros na capital ou na própria cidade de Canoas. Em três narrativas vemos um percurso comum naquela época: a vinda do interior para a cidade de Canoas:

**Jorge Dupont:** *“Acontece que quando o Meneghetti ganhou...foi o Meneghetti...ou o prefeito da cidade, acho que foi o prefeito, acho que foi da UDN... ganhou a eleição, eu sei que eu não dormi aquela noite..., mesmo interior...os caras pararam um caminhão, em cima de um caminhão tocando foguete lá, porque o PTB tinha perdido a eleição na cidade de Farroupilha...isso são alguns detalhes assim...muito bem. Aí meu pai resolveu o seguinte, o meu pai disse assim: “não vocês têm que estudar, aqui não vai dar”. Eu morava a 12 km, se bem que minha irmã a mais velha já tinha estudado semi-internada na cidade e ela ficava a semana na cidade e...e aí a minha avó já estava viúva e veio morar em Canoas, [inaudível] a mãe da minha mãe. E aí nos viemos a Canoas, onde eu fui morar na rua Rio grande do sul, 239, onde a minha mãe ficou uns 40 anos morando até falecer. [...] [Vim em] 1963 ou 64.”*

**Jurandir Bonacina:** *“Eu, a exemplo da grande maioria dos meus contemporâneos, sou migrante. Sou natural, hoje é o município de Pouso Novo. Na época pertencia a Arroio do Meio. Nasci nos idos de onze de janeiro de 1946 [...] Aí, nós, migrantes, como te disse, o pai em 1951, eu tinha cinco anos de idade, nós viemos do interior”.*

**Celso Pitol:** *“Eu nasci na cidade de Venâncio Aires. Lá no vale, chamado Vale do Rio Pardo, e vim para Canoas com 12 anos e aqui me estabeleci junto com meu pai. Minha mãe e com meus irmãos, alguns deles terminando o Ensino Médio aqui no Município de Canoas”.*

**Rubert Janke:** *“[Meus pais] são de Camaquã. Nós tínhamos comércio muito forte em Porto Alegre, mas meu pai perdeu tudo em dívidas de jogo, daí, a gente morava na casa da rua 1331, barão da Silvério. A gente era rico, tinha dinheiro, e meu pai perdeu tudo para o ex-governador Ildo Meneghetti, famoso, perdeu num jogo de pôquer e prado. De repente a gente ‘tava numa miséria. Tinha um galpão velho, lembro como se fosse hoje, e ele disse assim, ‘eu não quero que a sua família passe mal, pegue esse galpão velho que eu vou te dar 3 terrenos no banhado da Harmonia’, era um banhado aquilo ali, banhado da Harmonia na Maia filho ali embaixo [...] nós chegamos ali, se não me engano, em janeiro de 54, é mais ou menos isso aí, e veio uma baita duma enchente, foi a primeira enchente que teve na época e não tinha infraestrutura nada, hoje graças a Deus nós temos [...]”.*

O contato com a cidade que os recebeu revelou uma Canoas pequena e situada em um meio urbano um tanto diferente daquele que conheciam. Revela-se, aí, uma diversidade de percepções sobre a cidade que encontravam naquele momento.

A recuperação daquele momento nas narrativas dos entrevistados revela uma constante comparação entre o espaço de então e o de hoje, feita a partir de releituras.

**Gelson Nascimento:** *“Olha...era...Canoas como todos os...chamava-se vila à época...hoje é bairro...a época vila Rio Branco...como tinha Niterói, Estância, Mathias, Harmonia, enfim todos os bairros de Canoas eram muito tranquilos, você podia a qualquer hora do dia e da noite transitar...olha eu tô falando lá da década de 60 e 70, não tinha problema nenhuma de segurança, as ruas todas eram ruas de chão batido, não tinham o asfalto que tem hoje, muitos campos de futebol, a Rio Branco tinha incontáveis campos de futebol e a gente conseguia, digamos assim, ter, começando pela...pela...como criança, ter as tradicionais brincadeiras de crianças que não se tem hoje, jogar taco, brincar de pandorga, funda, sela...”*

**Linda Lúcia Uequet Pitol:** *“Canoas era uma cidade ao meu olhar, né, carente de quase tudo. Era uma cidade onde não existia autoestima dos seus habitantes. Ninguém amava canoas, ninguém gostava de Canoas. A sensação que eu tinha era que as pessoas estavam aqui, estavam por estar, basicamente por razões econômicas, seria a terra, a meu juízo que quem vinha era buscar alguma maneira de melhorar na posição social, financeira, então como ela não oferecia nada, ninguém vinha [...] o único lugar, ponto melhorzinho era o centro, tanto que as pessoas eram divididas entre as que moravam no centro, que seria uma classe social melhor, e quem morava nas vilas, como era chamado todo o resto. Então, na época a cidade tinha 50 mil habitantes, eu acho, então não existia....existiam os cinemas, os cinemas existiam, em cada vila tinha um cinema, tinha o da Niterói, tinha o da lá na Itororó, tinha um cinema, tinha no Centro onde agora é o Calçadão, tinha o Rex, mas a única coisa que tinha era o cinema, fora isso, nada.”*

**Jurandir Bonacina:** *“[Canoas era] pequena e provinciana, quer dizer tinha as vilas [...]a gente não tinha essa mobilidade conforme eu te falei antes, que tem hoje, então tu vivia como? No teu bairro, no final de semana dificilmente saía, ia muito longe, a não ser pra uma reunião dançante, a vida era completamente diferente. Madrugada sem problema, a pé [...], sem medo nem preocupação, toda uma outra realidade, uma cidade bem diferente de hoje, esse centro aqui, muito mais modesto, onde hoje é o Golden Center tinha uns prédios antigos ali uma telefonia, uma casa modesta de alvenaria, o trilho do trem, era a Maria-fumaça, aquela coisa, mas a vida da gente ficava muito dentro do bairro que tu vivia”.*

**Celso Pitol:** *“[Me pareceu] uma cidade muito grande, uma cidade basicamente operária, e que ainda é, obviamente que cresceu muito mais, mas Canoas naquele período, quando nós chegamos aqui, tinha 200 e poucos mil habitantes, hoje é uma cidade com, pra começar tem 234, 235 mil eleitores, e em torno de 450 , 500 mil habitantes”.*

O relato dos entrevistados dá conta de uma cidade onde a existência transcorria basicamente nas chamadas “vilas”, numa vida comunitária onde faltavam muitos dos melhoramentos urbanos hoje comuns. Percebe-se aqui, como em vários momentos dos relatos dos entrevistados, uma diferenciação entre a vida de hoje e a de ontem, a da Canoas dos primeiros tempos e a atual.

Um ponto de referência mencionado é o frigorífico Frigosul, localizado do Bairro Rio Branco, onde funcionou até o começo dos anos 80. Sua importância econômica e social no local é enfatizada.

**Gelson Nascimento:** *“Eu me recordo que ali na Rio Branco toda a vila Rio Branco girava em cima, em torno do Frigosul [...] A fábrica, o frigorífico que tinha o campo de futebol, que eu joguei durante muitos anos ali...e ali no Frigosul tinha uma coisa interessante...esse frigorífico, ele apitava para chamar os funcionários, ele apitava às 7 horas da manhã pra dizer, ‘tá na hora do trabalho’, ele apitava 15 para o meio dia para avisar as famílias que ‘tava terminando o expediente, que os maridos iriam para casa para prepararem, então para deixarem o almoço pronto, depois apitava quinze para uma, para dizer, ‘ó, tá nas horas de vocês virem’, e voltava a apitar a uma hora da tarde para dizer que começou o expediente, e voltava a apitar às 5 horas da tarde. Mas olha, era um apito estridente, que toda a vila Rio Branco escutava (...) E uma outra coisa muito interessante que hoje tu fica à meia noite do dia 31, ou próximo da meia noite, contando as horas no relógio, ou olhando na televisão que hora a Globo vai dizer que é meia noite. Não se tinha esse problema porque meia noite em ponto do dia 31.....(embarga a voz, emocionado)....disparava a sirene do Frigosul avisando, é meia noite”.*

Nesse momento, o entrevistado se emociona e começa a chorar.

**Gelson Nascimento:** *“São coisas que a gente vai lembrando. Eu tô te falando de um fato, genérico né, que você tá ouvindo, mas eu nesse momento eu tô lembrando eu, há sessenta anos atrás, tantos anos atrás, e eu lembro o que que isso representava, eu me recordo que às vezes a gente ‘tava dormindo...que não se tinha a tradição de esperar Natal e Ano Novo como hoje, né, não tinha isso, então era comum, nós éramos em dez irmãos em casa. [...] Então tu imagina o seguinte, a gente não tinha porque, não tinha o glamour que tem hoje, show de fogos, isso aí, não se tinha, então a gente ia dormir cedo, não te esquece que eu tô falando lá na década de 50, nem televisão se tinha, então se ia dormir cedo, e não raro se acordava meia noite com o Frigosul apitando [...] Não existiam fogos, aquele ali era o aviso, é meia noite do dia primeiro, pode comemorar.”*

A relevância simbólica deste evento mencionado – o de que, na falta de uma celebração de Réveillon, havia apenas a sirene do Frigosul – contrapõe, na narrativa, o “glamour que tem hoje” e serve para marcar a diferenciação – já explicitada em outros momentos dos relatos – entre a Canoas comparativamente mais desenvolvida de hoje e a cidade de então, mais “rústica”.

O relato dos entrevistados sobre a visão que possuíam da cidade mostra também considerações sobre a situação política encontrada. A cidade de Canoas é descrita, mais de uma vez, como sendo um rincão trabalhista:

**Celso Pitol:** *“Ah, era uma cidade efervescente, sempre foi uma cidade muito efervescente politicamente, mas quem dominava aqui ainda era o PTB (...) Era o PTB. já tinham forças reacionárias e antagônicas ao PTB, lideradas se não me falha a memória pelo PRP, pelo PL mas a maioria da composição da Câmara inclusive de Canoas eram vereadores que eram do espectro político daquele momento, eram vereadores do PTB, e depois com o bipartidarismo passou a ser o predomínio por parte do MDB, elegendo sempre a grande maioria dos vereadores, sempre foi vereadores ligados ao MDB, portanto de oposição ao regime militar (...) e a grande maioria oriundos do PTB”.*

Como Ricoeur nos lembra (1998), a história de vida transcorre em um espaço de vida: a ação é inscrita no curso das coisas dentro de um espaço determinado, onde ocorrem eventos aos quais os narradores atribuem significados.

As narrativas fazem uma leitura de mundo urbano onde a vida transcorre nas vilas, em espaços menores. Essa leitura do espaço social presente nas memórias narradas pelos entrevistados será importante para compreender a leitura que farão da ação política.

A condição de migrante de alguns entrevistados gera, nas imagens de memória que representam nos depoimentos, interpretações diversas sobre o espaço urbano. Assim como a cidade recebe quem vem de fora, aquele que migra recebe a cidade em sua memória – e, assim como a cidade é modificada pelo migrante, também o migrante, que recebe o espaço e o incorpora ao seu mundo vivido, é por ele modificado. Afinal, “o espaço social pode estar carregado de múltiplas interpretações contraditórias [...] O que parece comum é que a cidade é o espaço onde se encontra a solução para os problemas da roça” (LUCENA, 1999, p.55).

A cidade de Canoas aparece, assim, como um espaço onde o migrante resolve os problemas que encontra: de estudo, de trabalho e muitos outros. É o espaço onde o homem irá construir a sua vida.

Essa vida será construída em espaços pequenos, em pequenos "feudos" (nas palavras de Gelson Nascimento) onde se desenrola a vida dos homens – incluindo, aí, a ação política.

### 5.3.1.2 Subtema 2: “A política surgiu para mim....”

A origem familiar dos entrevistados, ainda que variada, tem, no entanto, um elemento comum: a preferência política pelo trabalhismo. Todos os entrevistados, sem exceção de nenhum, enfatizam que seus pais, ou pelo menos um deles, era simpatizante do PTB. Não se trata de um dado de menor monta quando temos em mente a relação quase umbilical que o MDB - e, em particular, o MDB do Rio Grande do Sul - manteve com o trabalhismo.

**Jorge Dupont:** “*Meu pai era funcionário do DAER, mas um funcionário simples do DAER, entretanto nós morávamos em 6 ou 7 hectares, 5 , não lembro bem, onde também tínhamos atividades agrícolas de subsistência para complementar a renda [...] e nós tínhamos uma rixa muito grande, porque o distrito tinha um subprefeito e era PSD de então, e a UDN que dominavam o pedaço, e o meu pai e mais 2ou 3 eram ligados ao PTB*”.

**Jurandir Bonacina:** *“Meu pai era getulista, trabalhista, PTB, e eu menino lá fora esses detalhes... eu dizia em 1951 quando Getúlio retornou, começou a campanha ne, eu, dizem que quando passava um carro, dizem as minhas irmãs, eu era menino, devia ter uns 3 ou 4 anos, é, uns 4 anos, 3 anos, quatro anos, eu gritava ‘viva Getúlio’”.*

**Rubert Janke:** *“O meu pai, na época, ele era militante do PTB [...] ele era trabalhista convicto. Ele...inclusive eu com seis anos de idade, eu já fazia, em 54, eu fazia campanha política já entregava santinho com seis aninhos de idade pro Alberto Pasqualini”.*

**Celso Pitol:** *“O meu pai era oriundo do antigo PTB, que era liderado naquele momento pelo Brizola, Leonel Brizola, integrou o grupo dos 11 lá Município de Venâncio Aires, depois também veio a se filiar no MDB [...] eram grupos que faziam oposição às forças reacionárias lideradas pelo Brizola, obviamente, quando houve a revolução de 31 de março, muitos deles foram perseguidos. Meu pai também, mas não chegou a ser preso, torturado, mas ocorreram atos de perseguição em casa, bateram em casa, queriam saber, queriam informações, qual era a atividade política dele, enfim, mas nada muito sério, sem nenhuma dificuldade no que tange à vida pessoal dele. Não ocorreu, graças a Deus, como tantos outros que além de torturados foram presos, mortos, desaparecidos no país inteiro, meu pai não sofreu esse tipo de dificuldade”.*

Os relatos acima deixam claro essa afiliação e agregam episódios de participação em campanhas, em eventos públicos relevantes e até mesmo em perseguições. Essa experiência é particularmente relevante no caso de Gelson Nascimento - filho de Alcides Nascimento, ex-mecânico do Frigosul que ingressou na vida pública como vereador do PTB, depois ingressando do MDB.

**Gelson Nascimento:** *“Ele era mecânico, se aposentou ali, trabalhou a vida inteira ali, então o que acontecia? Ele trabalhava a semana inteira, e de noite, uma ou duas vezes por semana, ele pegava o ônibus ou um carro, quando tinha, e ia pra Câmara, ou seja, gastava pra ir, não ganhava nada, e era muito comum isso. Eu lembro muito bem, não se tinha à época o serviço de SAMU que tem hoje, não se tinha os advogados que se tem hoje, então era muito comum no fim de semana, de madrugada, bater alguém lá, ‘seu Nascimento, a minha mulher tá ganhando um filho, o senhor pode levar ela pro hospital’, ou então bater alguém lá, ‘a polícia prendeu o meu filho, tá ali na delegacia, o senhor pode ir lá ver o que que aconteceu’ [...] Ia lá. Ele sempre ‘tava disposto a tudo. Então, na verdade era feito um trabalho como político e como vereador voltado exatamente para a comunidade. Ele ‘tava 24 horas disponível para a comunidade, então ele pagava para ser vereador, né, diferente de hoje, que recebe. Então, em casa a gente, na adolescência praticamente pouco se falava em política, mas uma cena que eu me lembro muito bem até hoje é que todo político candidato a, digamos, governador que queria vir, digamos, na Rio Branco, a primeira coisa que ele tinha que fazer era ir na casa do seu Nascimento, pro seu Nascimento leva-lo ao local onde iam fazer o comício, como era feito na Mathias com o Suca, ali na Igara, não me recordo o nome do vereador, na Niterói...cada vereador era o cara aglutinador do bairro [...] daquela comunidade, todo mundo respeitava, admirava, se socorria dele. Então quando vinha, e eu me recordo que foi lá, em 1957, 58, quando o Brizola era candidato a governador, o Brizola veio, eu me lembro o Brizola chegando lá em casa com sua comunidade e a cena seguinte, eu, que devia ter 6, 7, 8 anos, eu no colo do Brizola [...] Porque claro, ele fazendo, né, batendo papo com o pai, ficava lá conversando, e daqui a pouco, vamos lá pro comício, e aí o único onde estava determinado, ne....aí quando eu tinha 16, 17 anos eu comecei a gostar disso, até porque já estamos em 1967, já estamos entrando, eu sentindo a ditadura de perto...”*

A narrativa acima deixa claro um conjunto de referências simbólicas advindas da experiência familiar da política, ligadas à noção do vereador como um servidor permanente da comunidade que não espera nada em troca. Essas referências vão aparecer no decorrer da narrativa do entrevistado e, em menor medida, na de outros.

As primeiras aproximações enquanto jovens com o mundo político incluíam também o contato com espaços de organização e mobilização política. Um deles era a Assembleia Legislativa:

**Jorge Dupont:** *“Aí um dia o meu pai me convidou e disse, ‘vou na Assembleia, e vou te levar pra tu ver a Assembleia Legislativa, tu vais conhecer o Ludovino Fanton’, aí foi minha primeira ida. Cheguei na Assembleia, [tinha] quase 16, aí faço o meu aniversário em janeiro. Chegando lá o meu pai me apresentou à assessoria do Fanton, que era só dois assessores que cada deputado tinha. Um era o [inaudível] da Silva, advogado, que foi até diretor-geral da Assembleia quando o Simon foi governador, se não me falha a memória, e o outro era o José Nilton Machado, o Machadinho, que era um economista. Bom, nesse interim, lá na Assembleia, nesse mesmo dia, o pai me conduziu quase que transversalmente ao Gabinete do Simon, ‘Jorge, este é o Pedro Simon, nosso grande deputado’, só que o meu pai tinha uma fidelidade com o Fanton, como te falei, eu morava num distrito a 12 km, em Farroupilha, nesta mesma estrada, e exatamente no meio, a 6km, morava a família Fanton, então a minha relação era essa.. [...] Pela segunda ou terceira vez eu comecei a gostar de ir na Assembleia, eu ganhei do Agamenon da Silva um livro chamado ABC do comunismo (risos) [...] Foi no início de 70, eu ganhei o primeiro livro, e ele disse “tu não queres ler isso?”. Era um livro até meio surrado, já, fino, mas era ‘ABC do comunismo’.”*

O trecho narrado acima revela a constituição da Assembleia Legislativa como um espaço de aproximação com a vida política em dois níveis: em primeiro lugar, no encontro com a política da oposição; em segundo lugar, no contato com livros e ideias novos. Esses dois pontos serão atribuídos à Assembleia Legislativa como espaço de convívio em diversos momentos das narrativas, sobretudo quando os ex-integrantes mencionam as convenções realizadas aos sábados à tarde e as reuniões para debates.

O episódio narrado a seguir serve para ilustrar a presença de um evento demarcador para a tomada de posição do entrevistado. Esse evento, ocorrido num espaço público, onde ocorre uma manifestação, serve para qualificar de maneira definitiva a escolha política feita a partir dali: em vez de uma situação como aquela, de conflito aberto contra as forças de ordem, o objetivo era “ir contra a ditadura na paz”.

**Gelson Nascimento:** *“[...] Eu vou te contar um fato, 1970, eu acredito, eu trabalhava no Unibanco, na rua da Praia, em Porto Alegre, e eu me lembro que eu saía do Unibanco 5 e meia da tarde, com a minha pastinha, 68 ou 69, eu saía e eu ia na Praça Parobé, se não me engano, pegava o ônibus, e ia pra escola, por isso que foi nesse 68 e 69. E eu lembro, um dia, eu saí, podia sair pela rua da Praia ou pela Sete de Setembro, eu saía pela 7 de Setembro que era mais rápido pra chegar no terminal, e quando eu tô passando, chegando perto da prefeitura, o rolo tá feito, uma zoeira, gente pra tudo que é lado, milico baixando o sarrafo em todo o mundo,*

*eu digo, a coisa tá feia [...] Aí eu consegui sair com medo, subindo, indo exatamente ao contrário de onde eu queria ir, subindo a Borges, e quando eu tô chegando na Salgado Filho, sai uma cavalaria, policia montada, de cavalo, e veio, saiu da Salgado Filho, e veio descer a Borges e eu lembro, tem uns edifícios com umas colunas, e eu me lembro que a gurizada 'tava pronta esperando com os saquinhos de bola de gude e começaram a jogar e os cavalos [...] caíram tudo, virou uma gozação porque aí eles não podiam fazer nada, e foi onde eu consegui escapar, e aí eu voltei. E quando eu tô chegando perto da Uruguai ali, quando eu olho atrás de mim vem um brigadiano com um cassetete pronto para me bater [...] E eu digo, meu Deus, o que eu vou fazer, comecei a correr, aí peguei a Sete de Setembro e fui embora, em direção ao Guaíba, né e o guardinha atrás de mim, uma hora eu olhei assim, o cassetete 'tava, mas olha, uns 15 e 20 cm das minhas costas, mas claro, eu era um garotão, correndo legal, ele com botinão, capacete, claro que eu ganhei a corrida dele, porque essa não era a guerra que me interessava [...] **[Era] ir contra a ditadura na paz**".*

À exceção de Rubert Janke, que relata ter tido experiência em organizações clandestinas de esquerda, todos os demais entrevistados não tiveram qualquer participação em grupos de oposição à ditadura antes de ingressarem no MDB. “Ir contra a ditadura na paz” incluía rejeitar as formas extralegais de combate ao regime. Estreitamente conectada a essa questão está a atitude dos entrevistados em relação ao comunismo e à URSS, o que aparece no episódio narrado a seguir:

**Jorge Dupont** - “[...] Eu tinha um amigo na Avenida Rio Grande do Sul, eu morava na Avenida Rio Grande do Sul, 239 em Canoas, e eu estava fazendo o segundo grau, eu estudava no colégio técnico Cristo Redentor. Mas, na frente da minha casa, tinha um rapaz que veio do interior, com o pai e a mãe, se preparando pro pré-vestibular pra fazer arquitetura, e acabou passando, o Zeno Antonio Zanchi, hoje é arquiteto em Carlos Barbosa, e eu ia na casa dele. A gente ficou amigo (...) Bom, e aí, acabei conhecendo a tia dele, e a tia dele tinha um filho que tinha feito universidade na União Soviética, que era o Albano Vanucchi, ele fez a universidade, só que ele fez a universidade Patrice Lumumba lá na União Soviética, e ela falava bem, falava bem, aquilo parece que foi me doutrinando, e eu acabei querendo ir. Aí quando o Fanton foi pra Brasília eu digo, agora tu vai atrás, “tu quer alguma”, sim, eu quero que tu consiga a bolsa pra União Soviética. Aí eu tava já praticamente com todos os documentos em dia pra ir (...) e eu precisava do laudo de perícia médica. ‘Como eu vou conseguir’? O Fanton se desdobrou daqui, se desdobrou dali, o José Nilton Machado, o Machadinho, se desdobrou daqui, se desdobrou dali, moral da história, eu fui chamado na Secretaria da Saúde pra fazer uma perícia médica porque o Fanton conseguiu. Por causa disso, o Jair Soares que era o então secretário, foi chamado no SNI pra dar explicação (risos). Jair de Oliveira Soares ele fala isso, mas ele não sabe que a pessoa era eu que ele autorizou, ou ele não quer dizer, não quer expor, ele diz que ele teve esse problema: ele foi chamado pelas autoridades da época do DOPS federal, não lembro, pra se explicar pro secretário de estado. Deu autorização pra uma pessoa fazer uma perícia médica pra ir pra Rússia estudar, ou a União Soviética...”

O próximo episódio narrado também referencia a Universidade Patrice Lumumba, centro de ensino soviético com grande presença de estudantes estrangeiros. Chama a atenção a coincidência de os dois entrevistados mencionarem a possibilidade de estudar na universidade soviética. À diferença de Jorge Luis Dupont, porém, o entrevistado Gelson Nascimento revela um impedimento para ingressar nessa universidade: seu pai.

**Gelson Nascimento:** *“Não.... eu te confesso que eu tive.... não digo uma experiência.... mas teve um fato comigo, que fez eu amadurecer pensando nisso.... em 1969 quando eu conclui o meu curso aqui no Colégio Comercial de Canoas.... um dos alunos.... colega.... me falou uma coisa.... “olha cara.... se tu tiver interessado em cursar uma universidade no exterior.... tem uma oportunidade”... “opa.... o que é”.... “não, o seguinte, na Rússia tem uma universidade chamada Patrice Lumumba.... que tu só tem o trabalho de pagar passagem, eles financiam tudo, o curso é grátis.... te financiam.... Lá tem alojamento, comida.tudo....só tem que gastar com passagem. E eu me empolguei....não por ser Rússia....mas pensa assim....puxa vida,fazer uma universidade fora do Brasil....sabe....abre os campos....pra quem nunca tinha saído de Canoas....era uma grande. E eu me lembro que peguei dele a documentação pra preencher....e levei ao pai....e o pai “não....tu não vai....isso aqui tu só vai ter passagem de ida....de volta não,porque lá é comunismo....tu lá tu nunca mais vai poder sair....ba ba ba. Me proibiu....claro aí comecei a analisar....”mas que país é esse que tu entra a convite pra frequentar uma universidade”.*

O terceiro episódio que destaquei é o relato de um “encontro” com – supõe ele – a figura de Leonel Brizola:

**Gelson Nascimento:** *“Como te falei eu estudava no Colégio Comercial de Canoas.... e eu pegava por volta de 10 horas da noite....isso eu tô falando em 1968,69... eu pegava o ônibus parada 1,que não tinha o Trensurb e tinha a linha do trem....., então o parada 1 ele ia parando na própria BR.... ele vinha pela BR e quando ele ‘tava chegando lá na Rio Branco tinha uma descida que saía da BR, atravessava os trilhos de chão batido e pegava a Mauá e entrava. Mas o ônibus seguia.... Então o que acontecia? O ônibus Rio Branco ele descia.... mas naquele horário não tinha mais ônibus, então eu pegava o parada 1 e descia ali e eu ia a pé.... Eu atravessava aos trilhos a pé e pegava o Mauá e chegava em casa 10 e meia, 11 horas. E uma noite aconteceu um fato.... quando eu estava exatamente em cima dos trilhos a pé, atravessando, vinha um carro atravessando e como os trilhos eram trilho que vinha e trilho que ia eram vários trilhos e era alto.... Então o automóvel, caminhão, ônibus.... seja o que for tinha que passar ali devagarinho.... né.... e eu lembro que o auto, nós cruzamos exatamente em cima do trilho,eu caminhando e aquele carro foi atravessar pra pegar a BR e ir embora....E por coincidência, curiosidade eu apenas olhei....Se tu me perguntar hoje eu digo, eu confirmo: pra mim era o Brizola no banco de trás. Eram dois homens no banco da frente, o motorista e mais um que eu não consegui identificar, mas o passageiro, porque ali tinha um poste.... né e pra mim era o Brizola. Cheguei em casa...’será que era o Brizola?’ Tudo bem..... Mas como eu saía de manhã pra trabalhar e voltava tarde da noite, não falava com o pai, só ia falar com ele no fim de semana....e aí chegou no sábado e eu digo “pai me diz uma coisa.... eu vi um negócio assim.... um carro assim atravessando tal hora, tal dia.... tantas horas da noite eu tenho,.eu tenho, olha pra mim não tenho dúvida, pra mim era o Brizola, pra mim era o Brizola e ele veio aqui conversar contigo’.... ‘era o Brizola?’....Ele só riu...”*

Os três episódios cristalizam situações que marcam o contato dos entrevistados com elementos externos à ação da “voz” – isto é, a ação política dentro do sistema, de acordo com o que abordei no capítulo 1. Segundo Ricoeur (1997), a intensidade e relevância desses momentos pode ser medida porque, por trás deles, há uma vida que pede para ser contada. O narrador inscreve esses momentos no conjunto geral de sua própria história de vida e da vida em geral, do mundo em que ele habitou e cujos valores e representações ele reconhece como parte do vivido.

O começo dos anos 70 - citado de maneira imprecisa - marca, segundo os depoimentos, o começo da instalação do Setor Jovem do MDB. É o momento que os entrevistados identificam como o início da discussão sobre a formação de um agrupamento ligado à juventude no partido:

**Jorge Dupont:** “Continuando lá, o pessoal da assessoria do Fanton que era notadamente o José Nilton Machado disse assim, ‘tu vai agora lá no Giacomazzi, eu vou te levar; tu vai conhecer o Bonacina que tá organizando o Setor Jovem de Canoas’ [...] Muito bem, aí foi lá, e eu me apresentei, então minha ligação com o Fanton foi se [inaudível] e eu fui chegando ao Bonacina [...] E aí depois me convidou, aí daqui a pouco começou a tomar forma, e começou a vim, o Celso ainda não estava no Setor Jovem”.

**Gelson Nascimento:** “Quando eu comecei, eu falava dos feudos dos vereadores, lembra? Dos feudos, esses vereadores, todos, se engajaram na luta do MDB, então aquela população daquele bairro, que tinha aquele vereador como seu representante, diz, ‘pô, se ele tá nessa aí, nos ‘tamos juntos’. [...] [A transição do PTB para o MDB foi] muito natural, porque eles viam o exemplo, esse vereador, veja, não se tá nem pensando em dizer, mas o que que o vereador pensava pra eu segui-lo, não, o que que esse vereador representa, esse vereador me representava, então ele continua me representando. Então foi muito natural, e mais, aquilo q eu falei a pouco, quando eles começaram a ouvir que esse partido tinha os mesmos anseios que eles, aí foi muito mais fácil pra conseguir arrematar esse apoio.

[...]

*Então eu comecei a sentir um gostinho daquilo que é nato da juventude, o proibido, é proibido então vamos protestar, é proibido então...mas eu não me envolvia na política partidária, eu gostava da política como ciência, sem saber se aquilo era ciência, mas pelo exemplo que o pai dava, a maneira como ele se reportava às pessoas, então o político para mim era aquela pessoa que estava para servir, e não para ser servido.”*

A leitura dos depoimentos nos revela que os entrevistados compartilham experiências políticas familiares ligadas ao trabalhismo. Os trabalhos sobre filiação política de Anne Muxel enfatizam a tendência de os filhos seguirem as escolhas políticas dos pais, bem como as suas orientações ideológicas. Muxel explica essa continuidade pelo fato de a socialização política se fazer precocemente nas famílias, a partir de certo número de exemplos retirados de atitudes e comportamentos dos pais no cotidiano da vida familiar (2010). Nos relatos acima expostos, vemos exemplos de como esses processos de socialização aparecem na formação da orientação ideológica dos militantes, conformando a maneira como entendem a política.

Já se dão, aqui, os momentos de ingresso na atividade política que aparecem ligados a essas experiências familiares. Os entrevistados mencionam o papel decisivo das influências paternas na conformação desse ingresso. Muxel (2010) ressalta, entretanto, sempre que o tempo permite a resignificação destas escolhas: os filhos reposicionam a formação adquirida

dos pais a partir de zonas de debate e diferença, oriundas dos novos contextos políticos. Por isso, Muxel (2010) aponta que o engajamento político dos jovens toma forma a partir de uma dinâmica dupla: da herança e da experimentação. Nas narrativas apresentadas, a herança que os agentes recebem e os eventos demarcadores são expressos em narrativas condensadas, que os agentes identificam como definidoras de sua visão de mundo a partir de experiências.

### 5.3.1.3 Subtema 3: “O golpe de 1964 e a legalidade”

Tendo nascido entre fins dos anos 40 e começo dos anos 50, os entrevistados partilham a memória de alguns momentos decisivos da política nacional - incluindo, aí, os eventos que estão, direta ou indiretamente, ligados ao golpe civil-militar de 1964. Um exemplo é a Campanha da Legalidade.

**Gelson Nascimento:** *“Uma cena que eu me lembro...eu vou praticamente todo fim de semana na casa da minha mãe, que mora na mesma rua, dista 300 metros da casa que eu nasci que está lá. Então eu, é na Hermes da Fonseca, todo fim de semana a gente se reúne, a minha mãe tá com 94 anos, então todos os filhos vão pra lá, vão lá, confraternizar, conversar, todo fim de semana....e sempre eu passo na frente da casa, e cada vez que eu passo eu lembro de um fato, e um fato que eu jamais vou esquecer exatamente da Legalidade, eu lembro que o pai ‘tava no quarto, ouvindo rádio, o discurso aquele famoso discurso do Brizola, e o pai tinha um revólver 22, era não me recordo se no final da tarde...eu me lembro que de repente, e a gente não podia entrar no quarto porque o pai ‘tava recolhido ouvindo o Brizola falar. Mas de repente eu comecei a ouvir tiros, quando eu ouvi tiros eu saí correndo, abri a porta e [...] ele abriu a janela do quarto, botou o revólver pra fora, pra frente da casa, começou a atirar, descarregou o revólver e gritou ‘tá falando o pai dos homens’ [...] Mas a gente ouvia, ‘pô a coisa tá feia’, ‘ô vão bombardear o palácio’, ‘o Brizola tá entrincheirado no palácio’, Legalidade, o que é que é isso, o Tancredo, cara, então a gente ouvia os fatos sem ter o perfeito entendimento do que ‘tava acontecendo”.*

**Rubert Janke:** *“Eu ‘tava lá, por Deus Nosso Senhor, eu ‘tava lá, eu era brizolista, eu tive lá, sem medo de ser feliz, eu peguei e fui, porque tinha que assumir [...] a praça lotada, sempre, sempre, eu escutava o grande Flavio Alcaraz Gomes na Guaíba, ‘Brizola’, aquele negócio todo, aquilo entusiasmava o cara.”*

Os trechos acima destacam a experiência da Campanha da Legalidade de duas formas distintas. O primeiro, dentro de um espaço, a casa, que assume um papel simbólico na narrativa. O segundo, como participante ativo em outro espaço (público), também exercendo um papel simbólico.

O momento da Legalidade também deixou marcas na atuação e os posicionamentos políticos dos agentes, como se vê neste episódio abaixo:

**Linda Lúcia Uequet Pitol:** “A partir de 68, pelo menos aqui em Canoas, para mim, né, ficou marcante que como Canoas era uma cidade da Área de Segurança Nacional, não tinha eleição para prefeito...não, houve, depois aí teve a eleição para prefeito em 1968 e aí foi eleito prefeito e eu participei porque a minha mãe me puxava para ajudar o meu irmão que concorreu a vereador, e eu ia ajudar a minha mãe porque ela queria fazer campanha. Ela ia nas vilas, queria visitar pessoas que ela conhecia, que era tudo a pé, eu ia com ela para ela não ir sozinha, porque as minhas irmãs eram muito tímidas, e eu comecei a ir, e aí...mas eu ia mais com o objetivo de ajudar ela pra ela não ir sozinha. Aí como houve que o Giacomazzi ganhou, e foi decretada Área de Segurança Nacional e ele não pôde assumir, aquilo foi muito forte, foi muito pesado, porque o cara ganhou a eleição e ele era do MDB (...) mas aí como houve aquilo cria-se aquilo, “poxa que injustiça, que coisa ruim, que coisa horrível”, aí vai se formando na tua cabeça, um jovem, alguma coisa assim, “não, não tá certo”, toda a formação que tu tem não é de concordar com uma coisa dessas, uma eleição ser feita, uma eleição e ser escolhido alguém e ‘agora tu não vai entrar’”.

Outro exemplo é o do golpe de 1964:

**Gelson Nascimento:** “[...]me lembro também o estouro que deu no dia 31 de março e primeiro de abril, nessas ocasiões eu estava sentado, né, **nesse halzinho de entrada**, brincando, jogando cinco marias, olha bem, a gente fazia os saquinhos, a mãe preparava os saquinhos de pano e a gente enchia de arroz, jogava cinco marias, brincando ali, né....Porque a gente não tinha muitas opções na rua, não se tinha o que se tem hoje, televisão, videogame, computador, celular, não se tinha, então tinha que inventar e nessas, **nesses momentos, esses três fatos, da Legalidade, da morte do Kennedy e do golpe de 1o. de abril eu estava no mesmo lugar**, fazendo as mesmas coisas, brincando, me lembro perfeitamente porque na hora, o pai ‘tava sempre ligado no rádio, não se tinha televisão pra dar edição extra, aquele negócio, e eu me lembro que o pai ‘tava nervoso, toda a hora falando com a mãe, ‘olha, a coisa tá feia, os militar tão querendo e tá dando rolo, tão querendo pegar o Jango’, e o pai comentava, e a gente sem entender muito, mas começa a ver, ‘alguma coisa tá acontecendo’, né...E depois sim, quando deu o estouro, golpe, os militar tomaram o governo, aí tu começa a perguntar, ‘pai o que houve’ aí ele explicava, ‘não, aconteceu isso, o Jango, que era o presidente, saiu, mandaram ele embora, e aí os militares agora que assumiram, e não se sabe o que vai acontecer’, naquele momento, depois com o tempo a gente foi entendendo melhor”.

**Gelson Nascimento:** “Então foi um baque geral, pra todos nós, quando os caras disseram ‘não, Canoas é area de segurança, há, há, não tem prefeito vai ser o falecido Lagranha’.”

**Linda Lúcia Uequet Pitol:** “Então a revolução de 64 que se falava, não tinha nem a conotação de apoio, era simplesmente um título, acho que as palavras não têm esse poder que querem fazer agora, tanto faz chamar revolução ou golpe, eu a minha vida inteira falei revolução e eu era absolutamente contrária a ela, não significa nada, a meu juízo, são meras palavras modismos, pra marcar uma época. Mas também é uma visão muito pessoal minha. Eu lembro direitinho o dia 31. Eu ‘tava na minha casa, era um dia ensolarado, eu estava ouvindo rádio, e eu ouvia o rádio, o radialista gritar “resista presidente Goulart, resista”, então era o radialista que ‘tava apoiando o governo, gritando pedindo que o presidente Goulart resistisse. Eu não sabia nada de nada, na época, não entendia coisa nenhuma do que estava acontecendo, mas eu achei aquilo tão emocionante, tão entusiasmado que eu gritava “resista, presidente, resista”, talvez ali começou a minha oposição ao regime militar pela voz daquele radialista tão entusiasta pedindo a resistência do presidente (risos), mas enfim, e aí houve a revolução, e pra mim não mudou nada, tinha 11 anos, a minha vida seguiu absolutamente a mesma coisa, não percebi nada, não alterou nada.”

O próprio entrevistado faz referência ao papel fundamental que a casa ocupa em suas

memórias, como um espaço onde transcorrem eventos coletivos significativo daquela época.

A vida sob os primeiros tempos no golpe militar - que coincide, *mutatis mutandis*, com o ingresso dos jovens nos primeiros anos da maioridade - também é ressaltada em vários momentos dos depoimentos. Experiências vividas em ambiente escolar ganham proeminência

**Jorge Dupont:** *“E aí o pessoal por exemplo, como Canoas era Área de Segurança, e Canoas já então, alias na época ainda não era Área de Segurança, ainda se votava em prefeito, mas havia de vez em quando tinha um vuco-vuco lá no colégio, e eu via soldados da Aeronáutica ao redor do colégio, 10, 15 eu acho que pra intimidar [...] Era presença....em 67, 68, foi pior ainda, em 69 foi um horror”.*

**Linda Lúcia Uequed Pitol:** *“Eu já tinha 15 anos, já fazia 4 anos da Revolução, e eu tinha uma colega, tinha colegas, tinha muitas colegas filhas de militares, e as filhas de militares, nessa época o filho do militar era um status social, elas chegavam naquele ônibus azul privativo delas, paravam na frente do colégio, elas desciam.... eles moravam na vila militar, então era um pessoal superior, pelo menos eu via assim. E tinha uma, essa eu não sei se morava na vila, mas eu sei que o pai dela era militar, e tínhamos um professor eu não lembro, de Química ele era ou Física, eu não lembro exatamente que ele falou, mas ele falou alguma coisa que envolvia as atitudes dos militares, isso era 68, 69. Então ‘tava no auge da repressão, AI5, ‘tava no auge [...] quando o professor falou, eu nem prestei muita atenção, eu só vi que ele falou uma coisa, e a guria pulou e ‘alto lá, porque não sei o quê, porque os militares, porque salvando o Brasil’, e o professor, ele ficou meio assim, perdeu um pouco, não bateu boca com ela, só meio explicou, ‘não, é apenas uma visão histórica, não sei o que lá’, e ela ficou louca, ficou neurótica, louca, gritando, levantou-se, e imaginando naquela época o aluno levantar não é como agora que o aluno grita com professores, até batem no professor; naquele tempo o professor era tratado com muito respeito, ainda mais no Auxiliadora [...] próxima aula o professor nunca mais apareceu. Foi substituído. Eu nunca soube o porquê, não soube que fim ele levou, se simplesmente ele foi demitido ou algo pior, não se falou mais no assunto porque era bem repressor o Auxiliadora, não tinha esse espaço de se falar as coisas, não se tocou mais naquele assunto, aquele cara sumiu, é, então ali começou a se enxergar que não era pra falar.”*

Os trechos supramencionados mostram que os eventos transcorrem em espaços que assumem, como percebemos em outros momentos, importância significativa. A palavra “casa” ganha destaque – e aqui devemos nos deter mais cuidadosamente na escolha da palavra. “Casa” tem uma carga semântica em língua portuguesa muito familiar, que ajuda a definir os valores fundamentais de um espaço particular – aqueles valores que, segundo Bachelard, revelam uma adesão inerente à função original do habitar (2005).

Quem entra em casa, sente-se acolhido. Não é um espaço como a rua, ou como outro espaço público qualquer, onde mil convenções sociais nos devem tolher. É um espaço onde aqueles que nele ingressam devem sentir uma liberdade de manifestação e expressão do que sentem. A casa, segundo Bachelard “abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz” (2005, p.26). Em suas palavras, “a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (2005, p.36).

A casa, na narrativa acima, aparece como um espaço de recordação importante. Foi na casa que o narrador recebeu notícias de eventos políticos relevantes, que se tornam ainda mais significativos tendo em vista a origem do entrevistado, filho de um trabalhista. Foi em casa, também, que outros eventos mundiais de relevância na época foram passados. Segundo Ricoeur (1998), as histórias de vida se desenrolam, necessariamente, em espaços de vida. Ao contar a sua história, o homem a insere em espaços por onde passou, aos quais confere referenciais de valor: cada espaço - assim como cada momento - recebe, na reconstrução memorial enredada na narrativa, um valor simbólico e afetivo que marca mudanças temporais.

Mas os eventos não passam apenas em espaços domésticos. Um exemplo são as experiências que transcorrem em espaços escolares, como o episódio da demissão de um professor – que, segundo a entrevistada, deixou claro aos alunos que “não dava para falar”.

### 5.3.2 “Ingressar na oposição”

Nas narrativas dos entrevistados, o momento de ingresso no Setor Jovem representa um ponto de inserção numa nova etapa da narrativa e tem impacto em uma série de concepções que eles irão carregar ao longo do tempo.

Neste tema, que não comportou subtemas, buscamos dar início à análise da ação dos integrantes do Setor Jovem, levando em consideração aquilo que Bobbio (2007) menciona, ou seja, os valores, expectativas e objetivos dos agentes.

**Jorge Dupont:** “Ah, isso já foi em 72, 73 [...] [Estava no Setor Jovem] desde, desde a fundação”.

**Gelson Nascimento:** “[...] E aí eu já tenho meus 19, 20 anos já tinha outra cabeça, eu conhecia o Giacomazzi do tempo da madeira Giacomazzi, eu ia lá com o Pai, aí comecei a andar com ele, comecei a ir nos comícios, nas reuniões políticas, porque.....teve esse movimento com o pai e eu participando junto, e esse movimento que deu junto ao Setor Jovem, estamos falando lá em 69, 70”.

De acordo com os depoimentos, percebe-se que a criação do Setor Jovem do MDB parte de um movimento interno do partido para dar espaço aos mais jovens. Esse movimento, segundo os depoimentos, começa a se estruturar por volta do começo dos anos 70, logo após o momento de instalação da Área de Segurança Nacional, para enfim se colocar definitivamente em 1972, com Jurandir Bonacina como o presidente da comissão provisória para a instalação do Setor Jovem. Como foi visto anteriormente, esse movimento está conectado à renovação da ação oposicionista do MDB nacional - o que é confirmado no depoimento a seguir, onde é

feita uma expressa menção às ordens superiores para criar o Setor Jovem:

**Celso Pitol:** *“Primeiro me filiei no Partido, depois então, com a criação do Setor Jovem, que o doutor. Ulisses [Guimarães]pediu que nós fizéssemos a criação de setores dentro do partido para ajudar a mobilização, e um dos setores que o doutor. Ulisses havia sugerido pra ajudar a arregimentar forças era o Setor Jovem que integrava, que iria fazer parte do espectro político do partido. Ocorreram inúmeras reuniões a nível regional, uma delas nacional, se não me falha a memória em São Paulo, onde a proposta que foi aprovada era de que nos municípios também teriam que ter, quando pudesse, criar os seus setores de mobilização dos jovens, através deste departamento, que seria o setor jovem do MDB de cada município. Nós fundamos em Canoas o setor jovem do MDB por solicitação e por estratégia do diretório estadual e nacional pra fortalecer e chamar a juventude para participar dentro deste canal, foi um movimento importante e que tiveram desdobramentos depois. Logo após, primeiro com a criação da comissão provisória do município, quando foi presidente o Jurandir Bonacina e eu tenha sido logo após eleito como o primeiro presidente da juventude do MDB, eleito pelo voto popular dos filiados do setor jovem do MDB, que era um número bem expressivo”.*

**Linda Lúcia Uequet Pitol:** *“Foi comentado com a direção do partido que era bom criar um segmento para os jovens, que foi criado o Setor Jovem. O Gelson Nascimento que era filho de um vereador do MDB, o seu Alcides Nascimento, que era o vereador mais bem votado da cidade, foi o presidente, primeiro presidente foi o Gelson e nós entramos no Setor Jovem pra criar essa ala jovem do partido.”*

No entanto, o mesmo entrevistado informa que, no momento da instalação, o número de jovens era pequeno. Essa situação é descrita nos trechos abaixo:

**Celso Pitol:** *“É, nós tínhamos um número menor não muito expressivo de jovens, porque também existia o receio da participação da juventude [...] fortes ameaças das forças militares de repressão. Então a própria juventude, **embora sempre todo jovem é mais corajoso, é mais digamos assim, tem menos, vamos dizer, menos receio de consequências que poderiam que poderão advir do regime militar, mesmo assim nós conseguimos amealhar e arregimentar um grande número de jovens que começaram, um número razoável, e com o passar do tempo o número foi aumentando e nós chegamos a possuir em Canoas em torno de 1800, 2000 filiados só no setor jovem do MDB”.***

Os motivos para ingressar são variados:

**Jorge Dupont:** *“Não, eu queria que a sociedade melhorasse. Eu morava na Mathias, eu via tanta coisa lá, a minha mãe tinha uma vida, minha mãe até morreu, até falecer praticamente, tinha um convívio social participando de movimentos lá da igreja, como boa italiana tem que viver grudada na Igreja Católica [...] **Eu era contra o governo** [...] eu acho que todo jovem tem esse pensamento [...] contra o governo existente, **não importa se era militar ou não** [...] achava que tinha que mudar, eu acho.”*

**Linda Lúcia Uequet Pitol:** *“Como a minha motivação foi essa, era quase como um Grenal, eles e nós, não era política. Aí que eu vi, eu não sou política, não me formei na política, aquilo não era política, a política é conversar debater transigir, não, eu fui forjada naquele momento que era vocês contra nós. Então eu era radicalmente contra tudo o que era do outro lado, tudo o que a Arena fazia eu, na minha cabeça, eu era contra, eu me considerava que eu estava lutando contra o mal, era o bem contra o mal, e o MDB então era uma coisa bem fanática que se criava [...] Gera um fanatismo, por isso que a gente conseguia congrega pessoas [...] pra ir pras ruas numa campanha eleitoral, gratuitamente caminhar no solço por aquelas vilas empoeiradas batendo de casa em casa pra levar as candidaturas, nenhuma*

*daquelas pessoas ganhava nada, nenhuma ganhava um pastel, um lanche, eram levadas... coisa nenhuma, pegavam ônibus, iam até o ponto de encontro, iam lá, então era realmente uma cruzada que estavam fazendo, né, em busca duma redemocratização, de quebrar aquele regime para ele se sentir enfraquecido com as bases populares. Então a minha motivação era só essa, eu sou contra a Arena, eu tenho horror dessa arrogância dessa gente que se acha tudo e pode tudo e eu quero que eles saiam.”*

As razões que motivam o ingresso no Setor Jovem do MDB variam entre uma tentativa de propor mudanças sociais para o país e uma vaga noção de “ser oposição” - não importando se era oposição seria direcionada aos militares ou não. Era preciso “mudar”. Menciona-se a atividade oposicionista como típica da juventude e uma referência a um suposto “fanatismo” dos militantes, visto como um elemento (até certo ponto) desejável para a mobilização política. A relação entre a idade dos participantes e o vigor da atividade oposicionista por eles desempenhada aparece com frequência nos depoimentos.

Essa referência ao “fanatismo”, à intransigência e à disposição para tudo, que aparece diversas vezes ao longo dos depoimentos dos ex-integrantes, é própria, segundo René Rémond, de partidos com tendência a propor mudanças radicais na sociedade, como os partidos comunistas (2003). Nesses partidos, os membros militantes são uma espécie de “exército de crentes” (RÉMOND, 2003). No caso do MDB, a mudança radical que o partido declaradamente almejava – isto é, o fim do autoritarismo e a reinstalação da democracia – permite inclui-lo nesse mesmo grupo de partidos, e não é sem razão que a retórica dos líderes do MDB incorporava temas como o já mencionado “somos todos cruzados da mesma cruzada”, presente no discurso da anticandidatura de Ulisses Guimarães.

No depoimento seguinte, vemos:

**Gelson Nascimento:** *“Então a gente gostava, gurizada como hoje também né, tudo que é proibido, ‘vamo lá. Então nós apoiamos, então eu comecei, devagarinho, até pelas amizades que eu fui fazendo, né, aí eu comecei a participar não como um movimento político, eu começava a participar mais pela amizade que eu tinha com o pessoal, o Felo, o Celso, a Linda, a Beth [...] Puxa vida, tanta gente, e como eu me relacionava com esse pessoal, que a gente se encontrava, eu comecei a participar não como procurando espaço político, nunca foi e nunca quis ter esse, almejar esse fato, mas como forma de agregar com outras pessoas a esse movimento de protesto contra a ditadura.”*

A referência à “proibição” deixa à mostra a zona gris de ação da militância do MDB e, em particular, a do Setor Jovem: embora fosse realizada por integrantes de um partido permitido pelo regime autoritário, a ação oposicionista poderia ser “proibida”, uma vez que tinha de se desenvolver em limites estritos, tornando qualquer posicionamento mais forte algo potencialmente perigoso. A ativação da categoria de “juventude” é, nesse caso, relacionada a uma ação proibida, ou seja, que ultrapassa tais limites.

A importância das relações pessoais, descritas aqui como “de amizade”, aparece como um fator aglutinador, que atrai novos quadros para dentro do Setor Jovem e permite que eles continue ali dentro.

**Jurandir Bonacina:** *“Mas aí em 68, foi um marco, aí eu fui apoiar o Giacomazzi, ele esteve lá no bairro, oportunizamos uma reunião, lembro dele de botar lá, e coisa, e aí foi, estreitamos os laços [...] claro que aí a coisa começa a tomar corpo, o meu envolvimento político, e aí eu trabalhei até agosto de 1971, quando por sugestão do Jorge, acho que sugeri ao Giacomazzi o meu nome pra assessora-lo na Assembleia, nunca esqueço aqui na esquina do Schiavon [inaudível], aí eu fui trabalhar com o Giacomazzi assumi na Assembleia dia 13 de setembro de 1971, onde eu fiquei durante 15 pra 16 anos, 15 anos com Giacomazzi, 1 ano com o falecido Elygio Meneghetti. Foi uma experiência extremamente rica. Bom, aí em 68 em função desse contato com o Giacomazzi, aí eu já filiado concorri a vereador em 72, já trabalhando pro Giacomazzi e contei com um grande apoio dos colegas, ex colegas de prefeitura”.*

A trajetória política é feita de escolhas, representações e práticas (MUXEL, 2001a). O momento de ingresso na vida política do jovem pode se dar por várias maneiras. No caso dos integrantes do Setor Jovem, os motivos mencionados giram em torno de propor uma mudança para a sociedade – o que, nas narrativas apresentadas, é ligado à condição de jovem.

O ingresso no Setor Jovem também representa para os entrevistados um processo de socialização, entendida aqui como a instalação consistente de um indivíduo no interior do mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela (MUXEL, 2001a). A inserção dos entrevistados opera relações de proximidade e afastamento com os seus iguais e com os outros (relações que pretendo analisar mais à frente).

A noção de “proibição” de ações dentro da oposição deixa à mostra a situação instável que a condição de “voz” em um regime autoritário assume. As dimensões da voz, expressas no capítulo 1, começam a se delinear a partir daqui. O próximo capítulo, espero, contribuirá para explicitá-las ainda mais.

### 5.3.3 “Ser oposição”

A atividade oposicionista do MDB transcorria dentro de limites estreitos, já delineados anteriormente neste trabalho. Ao partido era permitida a participação em eleições e organização de militância, mas sob estreita vigilância. O integrante vivia em uma situação de corda-bamba, em limites não muito bem definidos de atuação, que a ação do regime de exceção poderia aumentar ou reduzir. Essa “zona gris” a que me referi anteriormente é própria

da ação da “voz” em regimes autoritários, conforme delineado em capítulos anteriores.

Neste tema, os entrevistados relatam a atuação como opositores sob o império da “voz”. Assim, a atividade dos integrantes do Setor Jovem narradas aqui passa pela participação nas eleições permitidas pelo regime (subtema 1), pelas ações políticas desempenhadas (subtema 2) e pela inserção e criação de espaços de atuação política (subtema 3).

### 5.3.3.1 Subtema 1: “Participação nas eleições”

O período de existência do Setor Jovem do MDB coincide com a participação nas eleições de 1972, 1974, 1976 e 1978.

A eleição de 1974 representou uma virada importante para o MDB. Pela primeira vez, o partido conseguia uma vitória eleitoral importante sobre a ARENA, aumentando significativamente a sua bancada na Câmara Federal. Nessa mesma eleição, o partido obteve a imensa maioria no Senado, ocupando 16 das 22 vagas.

Em Canoas, a vitória em 1974 representou o ingresso na Câmara Federal do deputado Jorge Uequet e, na Assembleia Legislativa, dos deputados Carlos Giacomazzi e Eligio Meneghetti.

Para os integrantes do Setor Jovem, embora não houvesse nenhum candidato imediatamente identificado com eles, o momento também produziu impacto, conforme podemos ler nos relatos abaixo. Deve-se atentar para o depoimento de Jurandir Bonacina, o único dos integrantes a ter participado ativamente das eleições para vereador de 1972.

**Jurandir Bonacina:** *“Bom, a eleição de 1972 já era ARENA e MDB e eu consegui, no bairro São Luís, uma espécie de convergência de todas as correntes partidárias, eu tinha todo um trabalho na mocidade, sendo funcionário, a participação na igreja, várias iniciativas [...]. Então, minha votação foi expressiva. Acho que muito em decorrência disso, da participação comunitária. [...] E tivemos as eleições estaduais em 1974. O Jorge foi candidato a deputado federal, o Giacomazzi a estadual e os dois conseguiram bom resultado”.*

O relacionamento da própria candidatura com a situação local e comunitária enfoca a base eleitoral do entrevistado naquele momento: o Bairro São Luís. Outros entrevistados farão referência a esse aspecto particular da candidatura de Bonacina como um diferenciador entre ele e os outros integrantes do Setor Jovem, isto é, a sua caracterização como candidato com base eleitoral já pronta.

O seguinte depoimento enfoca dois objetivos fundamentais do Setor Jovem: primeiro, lutar contra a ditadura; segundo, colocar no poder – isto é, eleger – o maior número de candidatos do MDB.

**Gelson Nascimento:** *“O objetivo maior era o seguinte, era lutar contra a ditadura, e colocar no poder todos aqueles do partido que nós pudéssemos, por isso o engajamento com o Jorge e Giacomazzi nessa campanha de 74. O Giacomazzi foi eleito o deputado estadual terceiro mais votado do RS e o Jorge nós elegemos deputado federal”.*

O entrevistado delinea, assim, a atividade política desenvolvida pelo Setor Jovem: ao lado da participação na militância e na mobilização geral dos jovens, o envolvimento com as eleições assumia um papel central. Segundo René Rémond, a eleição tem um papel central em qualquer regime onde o poder é atribuído, pelo menos em parte, pela opinião pública (2003). Chega mesmo a ritmar o desenrolar da vida política (RÉMOND, 2003), à maneira de um calendário religioso. E seu primeiro ato é justamente a campanha eleitoral (RÉMOND, 2003): muito mais do que simplesmente a explicação dos temas dos partidos e dos programas dos candidatos, a campanha marca a “entrada em operação de estratégias, a interação entre o cálculo dos políticos e dos movimentos de opinião” (RÉMOND, 2003, p. 49).

O relato abaixo mostra como se desenvolveu a campanha de Carlos Giacomazzi em 1974, na visão de um integrante do Setor Jovem que dela participou:

**Gelson Nascimento:** *“O Giacomazzi mandou um recado pelo pai dizendo que queria falar comigo. O Giacomazzi morava aqui na Domingos Martins, aí ele chegou pra mim e disse, ‘eu preciso de ti, vou ser candidato a deputado’, em 74, ele já tinha sido eleito em 70, estadual, como ele não havia sido, sonegaram o direito de ele ser prefeito em 68, em 70 automaticamente ele entrou...então ele ‘tava tentando a reeleição e 74, aí ele disse ‘olha, eu vou ser candidato a deputado estadual e nós vamos lançar o Jorge Uequet pra deputado federal, e eu me lembro que eu disse, ‘mas o Jorge Uequet, era vereador, já pra deputado federal? Mas vamos lá, qual a tua ideia?’. Ele disse, ‘eu quero tu pegue de tarde alguém que puder trabalhar, pessoal do Setor Jovem que faça contigo, pra trabalhar nas ruas de Canoas, fazer esse trabalho, aí começamos várias vezes conversamos e chegamos, aí eu sugeri uma coisa pra ele, ‘deputado, vamos fazer o seguinte, eu vou sair’ - ele até me deu, eu não me lembro o nome do senhor, tinha um senhor que era o fiel escudeiro dele, que estaria disposto a trabalhar de manhã e eu sugeri a ele, o Giacomazzi disse o seguinte, de manhã ‘eu vou sair com ele, vamos fazer o comércio de Canoas, rua por rua, e de tarde com a minha turma do Setor Jovem nós vamos nas casas’, porque na verdade, nós íamos fazer uma coisinha muito simples, no santinho que era basicamente o que nós distribuíamos nas casas, no santinho com o nome e a foto do Giacomazzi deputado estadual, Jorge Uequet deputado federal. Era o nosso mote, até então não tínhamos candidatos em Canoas, e nós tínhamos uns pôsteres do Jorge e do Giacomazzi que era pro comércio, então o que que eu fiz? Aí ele aprovou e eu lembro que ele comprou uma Variant e disse ‘olha, essa caminhonete é pra ti trabalhar durante a campanha’. O que eu fazia? Eu pegava o mapa de Canoas, digamos, essa rua aqui, Luís de Camões, aí eu pegava esse senhor que eu não recordo o nome, ‘nos vamos pegar a Luis de Camões’, então eu pegava e nós íamos, eu e ele, a pé, íamos indo, e tudo que era bar, armazém, tudo que era comércio nós íamos, pi pi pi (...) - Então nós íamos, apresentando basicamente o Jorge, que, era vereador, pessoal pouco conhecia (inaudível), então a gente só dizia*

*isso, ‘tá aqui os candidatos, tá aqui, lembrem deles’. Quando nós terminávamos, se eu fazia com caneta azul, eu não lembro se era azul ou vermelha, qual que era, mas digamos que azul, eu riscava o comércio, e com vermelho eu riscava a rua, ou seja, as casas, três meses nós fizemos isso, quando terminou o nosso trabalho eu cheguei pro Giacomazzi, ah, e todo dia eu ia de manhã cedo, porque o carro não ficava comigo, não queria, todo dia eu pegava o ônibus, e vinha na casa do Giacomazzi, tomava um café da manhã com ele. Nós, às vezes ele pedia uma coisa especial, ‘hoje tu começa na rua tal, visita tal local’, ele me dava alguma instrução, senão eu já sabia, pegávamos o carro e saíamos a fazer. Três meses depois, quando fizemos tudo isso, eu peguei um mapa de Canoas e dei pra ele, todas as ruas à época estavam riscadas em azul e vermelho, claro, veja bem, estou falando de Canoas de 1974.”*

No trecho acima destacado, vemos que a campanha se desenrolava em todas as ruas da cidade, onde o militante tinha participação ativa “rua por rua”.

Dois anos depois, a eleição para vereador em 1976 representou um marco fundamental para a oposição: após a inesperada vitória em 1974, era o momento de encorpar a conquista eleitoral com uma vitória nas eleições municipais.

Os depoimentos dos entrevistados definem essa eleição como fundamental para o Setor Jovem do MDB: era o momento, segundo eles, em que os jovens militantes dos anos anteriores teriam a chance de ocupar um espaço político eletivo no degrau mais elementar do Legislativo, ou seja, a Câmara de Vereadores. O mesmo fenômeno foi registrado em outras cidades do Rio Grande do Sul (REIS, 2001). No caso de Canoas, cidade impedida de eleger seus prefeitos, o espaço no parlamento municipal era a única possibilidade para um membro da oposição ocupar um cargo eletivo dentro do município.

Em 1976, o MDB canoense apresentou três candidatos a vereador que integravam o Setor Jovem: Jurandir Bonacina, Celso Pitol e Sérgio Potrich. A candidatura que recebeu o apoio oficial do Setor Jovem foi a de Celso Pitol. No trecho abaixo, a visão de um militante com participação ativa naquela campanha revela a importância de que se revestia aquela vitória.

**Jorge Luís Dupont:** *“E aí chegou o momento em que o Setor Jovem tinha que lançar um candidato a vereador. Foi meio óbvio, não teve muita dor de cabeça, não teve muita disputa [...] o Celso Pitol tinha infiltração, ele conhecia já, ele palmilhou um pouco mais do que nós as terras de Canoas [...] então, foi natural a campanha do Celso, e aí partimos nós pra uma campanha ferrenha [...] foi muito difícil, porque era muito candidato à época, mesmo sendo só dois partidos, e muito difícil porque tinha um poder econômico muito violento[...] foi o candidato oficial à época, nós debutamos na política como Setor Jovem”.*

O depoimento recorda a dificuldade representada pelo poder econômico dos adversários. Em vários momentos das entrevistas, o MDB é descrito como um partido sem as mesmas condições econômicas da Arena.

**Celso Pitol:** “E culminando com isso, logo depois em 1976, na primeira eleição pra vereador, elegendo o primeiro mandato de um jovem, oriundo das fileiras do MDB jovem, que era a força de apoio do partido elegendo um vereador com grande votação no município, sendo o segundo vereador mais votado [...] que fui eu.”

Ressalta, ainda, a presença de outros vereadores:

**Celso Pitol:** “O próprio Jurandir Bonacina e o vereador Sérgio Potrich que também eram contemporâneos, mas o apoio exclusivamente do Setor Jovem e a campanha comandada pela juventude do MDB foi o meu nome, que foi sufragado nas urnas com 2567 votos sendo o segundo vereador mais votado”.

E ele completa, reforçando o caráter decisivo daquele evento:

**Celso Pitol:** “Foi o grande movimento, o grande digamos assim lucro político que o partido teve foi na eleição de 76 [...] que elegemos inúmeros jovens em todo o RS, no país inteiro, mas no RS eram todos oriundos do MDB”.

A participação na campanha de 1976 é lembrada como totalmente voluntária, o que, segundo os depoimentos, era fomentado pelo companheirismo:

**Jorge Dupont:** “[Era em torno do] Celso, tudo voluntário [...] não só ideologia, por **companheirismo extremo, uma coisa que não existe mais** [...] uma coisa muito mais forte que a amizade, porque nós tínhamos a amizade que era uma coisa, o companheirismo envolve a amizade mais a ideologia.”

**Rubert Janke:** “Eu fiz assim, nunca ganhei nada, só ganhava santinho pra trabalhar e fazia de coração, né, fazia porque queria mudar, mudar a ditadura porque ‘tava demais, os noticiários eram na base do rádio, porque televisão era meio brabo, era meio clandestina a coisa, eu recebia muito assim, era da bancada de Porto Alegre, panfletagem, tudo na base do escondidinho, era muita repressão, e dali conseguia desenvolver o trabalho.”

**Celso Pitol:** “A mobilização das eleições naquele período em 74, 76, e talvez até 78, depois **mudou muito, porque aí passou a ser muito mercantilizada as eleições**, nós tínhamos nas eleições de 74 foi assim, na de 76 foi assim e acho que na de 78 também foi, não me recordo mas também foi, **nós não tínhamos militância paga, muito menos mortadela e muito menos coxinha**, eram pessoas, eram jovens, que destinavam o fim de semana, sábado de tarde, as vezes sábado de manhã e às vezes domingo de manhã para fazer campanha dos nossos candidatos do nosso município. A minha campanha, por exemplo, a vereador em 1976, mas eu concorri em 75, tomei posse em 76, aliás 76 e tomei posse em 77 toda ela foi feita pela militância, o que nós tínhamos para entregar nas casas era propaganda e todos mobilizados, todos muito bem doutrinados, no sentido de convencer as pessoas de que o MDB era o canal para mudar o país, para mudar a política econômica, pra mudar a participação popular, para ter eleições diretas pra prefeito, pra governador e pra presidente, o MDB era o canal e a gente conseguiu com isso, porque não era fácil fazer eleição, fazer campanha naquele período. Como eu disse, não tínhamos nem mortadela, nem sanduíche, nem mortadela e muito menos coxinha, era só água mineral e as vezes água da Corsan”.

**Linda Lúcia Uequet Pitol:** “Hoje quando falam em militância eu até tenho um pouco de nojo, porque só o que existem são pessoas trabalhando porque têm um cargo. Ali ninguém tinha cargo, não existia cargo [...] Não existia esse horizonte, era nos estávamos ali por acreditar, talvez o desencanto ficou tão imenso devido a isso, depois com a política de verdade isso se perdeu, mas naquele momento foi um movimento bem autêntico, bem ideológico, por acreditar que podia mudar uma coisa [...] [A campanha de 1976] foi uma campanha muito bonita (...) porque houve

*uma mobilização daqueles jovens do Setor Jovem em prol da candidatura do Celso muito , muito forte, muito... era uma dedicação assim bonita de se ver, parece uma coisa quase ingênua, todos os sábados se reuniam e saíam pra rua, e ninguém ganhando nada, absolutamente nada ate porque os vereadores da partir dali que começaram a ganhar, mas teve um bom período que vereador não ganhava, até esse período de não ganhar eu acho bom porque houve uma depuração e só ficou quem realmente acreditava.”*

Nos trechos mencionados acima, os entrevistados ressaltam diferenças fundamentais entre as campanhas (e demais ações políticas) realizadas naquele período e as de hoje em dia: o modo atual de se conduzir campanhas é qualificado como “mercantilizado”, em oposição ao que percebiam como “autêntico” e “ideológico” em seus anos de militância. Pode-se perceber uma releitura onde se contrapõem duas formas de atuação política: a atividade militante fundada no “companheirismo extremo”, “pura” (termo que irá aparecer no depoimento de outro entrevistado) e a que existe hoje. Subentende-se, aí, que a política daquele momento é uma política diferente da de hoje.

Isto é ressaltado no próximo trecho, onde o entrevistado narra a própria atuação no dia da eleição:

**Jorge Dupont:** *“Aquele dia eu acordei acho que às 5 da manhã [...] aquele dia foi também, eu ‘tava palpitante, meu coração batia forte, é sério [...] preocupado, emocionado e preocupado. Eu dizia, será que vai dar certo? E pra nós, se nós não elegêssemos o Celso, ia ser uma derrota muito grande, primeiro perante o partido, e aqueles velhos que não gostavam da gente iam se arriar na nossa cabeça (risos) [...]já o Celso [...] já sabia o meu ponto, e já fui pro meu ponto, e quando chegou a hora ‘tava lá...já tinha até levado um bolo de santinho....[Eu contava] aquelas histórias, ‘nosso candidato jovem, vamos mudar pra juventude, aproveite que tem candidato pra juventude’ (...) a gente dizia assim “o, aquele cara lá é da ditadura, lá” (risos) [...] a gente ‘tava muito emocionado ,muito eufórico, muito assim, mas ao mesmo tempo a gente sentia por dentro, ao menos eu sentia por dentro, e o Ildo que me acompanhou de perto, Rupert Janke, a gente sentia assim que era uma missão muito importante, a gente não expressava isso, mas a gente tinha isso intrínseco na vida da gente, que era o nosso teste de fogo, o Setor Jovem estava em teste perante as urnas pela primeira em Canoas.”*

O trecho deixa claro que, no entender dos militantes, a eleição de 1976 era o grande teste do Setor Jovem nas urnas. A vitória do candidato apoiado pelo Setor Jovem - Celso Pitol - é recordada como um grande evento onde o trabalho de todos estava em “teste”, no teste de fogo das urnas, onde o Setor Jovem do MDB poderia enfim ter seu representante na Câmara de Canoas. Importante ressaltar, aqui, que o teste diz respeito ao Setor Jovem, como se o grupo dos jovens tivesse de provar algo naquele momento. Em outro momento da narrativa, vê-se que os jovens nem sempre eram vistos como a devida confiança pelos mais velhos. Ademais, a referência à “missão” dá um caráter quase messiânico à atividade militante.

O entrevistado Gelson Nascimento, filho do vereador Alcides Nascimento, relata que

seus esforços na eleição de 1976 foram para eleger seu pai, antigo político do PTB abrigado dentro do MDB. Já o candidato Jurandir Bonacina, que havia presidido a Comissão Provisória do Setor Jovem, ressalta que foi o mais votado naquela eleição, atribuindo o fato à “vitrine” que já possuía, por ter sido eleito vereador em 1972. Foi referido como um integrante do Setor Jovem que já tinha mandato, ao contrário de Celso, e cuja eleição não consistiria em um desafio.

**Jorge Dupont:** *“O Bonacina era do Setor Jovem, mas ele fundou o Setor Jovem já sendo vereador, era diferente, e o Jurandir Pedro Bonacina saía do bairro São Luís e São José eleito, tu podia contar nas urnas, o resto que ele fazia na cidade era complemento. Ele foi sempre um dos vereadores mais votados da cidade, sempre, então aquele era um ‘hors concours’, não ‘tava fazendo nem a estreia que nem o Celso, e nós tínhamos compromisso com a [...] do Celso, fosse o Celso, fosse eu, fosse outro, nós tínhamos que nos unir e o objetivo era eleger”.*

**Rubert Janke:** *“[...] botar um nosso dentro do comando, dentro da Câmara, para que defendesse os interesses e que lutasse”.*

Um dos episódios relatados merece interesse por ressaltar a condição peculiar do candidato jovem naquele momento:

**Jorge Dupont:** *“[...] Até trabalhamos uma vez com mimeógrafo. Aí se deu a eleição no domingo, eu sempre era convocado pra trabalhar nas eleições, mesmo sendo filiado. Eu tinha um juiz eleitoral em Canoas que era muito amigo do pessoal da Primorosa, onde eu trabalhava, que se chamava-se o Koff, Fábio Koff, o pai, que foi presidente do Grêmio, e ele não me deixava fora, sempre me convocava porque eu era colorado e ele queria me sacrificar, aí ele dispensou um de trabalhar naquela eleição, falei com ele, e aí teve a campanha, eu fiquei encarregado de um núcleo, porque se podia fazer boca de urna, em 76, e eu fiquei encarregado da boca de urna do Grêmio Niterói [...] e aí no dia da campanha foi aquele horror, cara, a gente se deslocou, tinha uma Kombi velha e dirigida [por Celso Pitol] [...] atrás tinha uns papelão enorme com pastel e uns refrigerantes, e na época não tinha plástico, ainda, era feito de vidro, grande e nos davam em copo, em copo pra nós tomarmos, e a gente não se arredava a não ser pra ir pro banheiro, e quando ia sair do banheiro chamava o outro pra dar cobertura pra não largar o ponto, foi quando em Niterói lá pelo meio da manhã tive uma discussão e quase me agarrei, dei um tapa num candidato chamado Mario Almeida Flores”.*

Esse confronto físico ocorre por conta de uma disputa na militância:

**Jorge Dupont:** *“[Ele dizia] ‘Porque vocês não prestam, porque vocês não sei o quê’, e eu digo não, não é assim (...) vocês não sei o quê, vocês são anarquistas, uma coisa assim, e nós éramos um pouco realmente [...]”.*

Outras referências à ação militante da época dão conta dos poucos recursos utilizados nas campanhas:

**Gelson Nascimento:** *“(o vereador Alcides Nascimento) foi eleito em 76, a última vez que ele foi eleito acho que foi em 80, eu me lembro que aí em 84 ele ficou de suplente, mas aí ele já...sabe...aí já era outros partidos [...] A campanha do pai começava no dia 15 de novembro, ele fazia a campanha dele, então o nosso trabalho, em primeiro lugar a gente trabalhava o dia inteiro, cuidava da nossa família [...] Não tinha tempo, e ele fazia a campanha dele, a campanha dele era*

*feita ali na Rio Branco, durante 4 anos, ele nunca fez uma campanha no ano da eleição. Ele começava lá, 4 anos atrás, então ele não precisava fazer campanha, porque a campanha dele era feita no dia a dia, eu te falei há pouco que uma das poucas coisas que a gente fez foi fazer umas plaquinhas, eu lembro que a gente fazia, pegava uma placa de metal, se mandava fazer fora, as letras, furadinhas, e eu me lembro que pegava, botava na madeira e jogava tinta, e pregava nos postes, era o máximo que se fazia”.*

A eleição para as câmaras federal e estadual de 1978 foi a última em que entrevistados participaram enquanto integrantes do Setor Jovem do MDB. Nesta eleição, os candidatos canoenses Jorge Uequed (para deputado federal), Carlos Giacomazzi e Elygio Meneghetti (ambos para o parlamento estadual) se reelegeram. Foi o momento político final da ação dos entrevistados como Setor Jovem do MDB. Por isso, mereceu menos menção:

**Gelson Nascimento:** *“A minha participação aí foi praticamente zero [...] eu compareci em algumas reuniões, ajudava naquilo que podia, conversava com os amigos, né, pra vender a ideia dos candidatos do partido, mas aquela atuação de frente, já não existia mais”.*

O relato dos entrevistados evidencia a relevância da participação eleitoral como parte da ação oposicionista do MDB. Destaca-se, aí, a participação nas eleições de 1976, qualificada como o grande teste que o Setor Jovem enfrentaria nas urnas<sup>11</sup> – teste que, nos relatos colhidos, os jovens saem vencedores, com a eleição de três vereadores, sendo um deles o mais votado da cidade.

Os relatos revelam, ainda, que, embora houvesse uma ação homogeneizadora do projeto do MDB, o momento eleitoral dá espaço para alguns afastamentos no caso das candidaturas – Jurandir Bonacina, por exemplo, aparece como um candidato com perfil um tanto diferente dos demais do Setor Jovem, por já ter mandato desde 1972, ao passo que Celso Pitol surge como o candidato a vereador apoiado pelo Setor Jovem como um todo.

Por fim, o relato da eleição de 1976 traz uma releitura daquele processo de campanha, fundado, segundo os entrevistados, na camaradagem e na amizade, em oposição ao que entendem como sendo a política de hoje em dia. Segundo Gaxie (1977), uma característica típica do militantismo é, justamente, a presença de uma economia de recompensas que não incluem necessariamente ganhos pecuniários ou de cargos, e sim remunerações simbólicas (GAXIE, 1977) – entre elas, a camaradagem e a solidariedade (GAXIE, 1977). As narrativas dos entrevistados mostram um trabalho de memória que enfatiza tais ganhos, qualificando-os como elementos centrais para o bom sucesso nas urnas e como definidores da ação política daquela geração.

<sup>11</sup> Nesse sentido, observa-se que essa noção de que a eleição de 1976 foi o momento decisivo para a juventude do MDB não se verifica apenas em Canoas, mas em outras partes do Estado (REIS, 2001).

### 5.3.3.2 Subtema 2: “Ações e estratégias”

A atuação do Setor Jovem do MDB foi marcada pelas limitações que a ditadura civil-militar impunha aos seus militantes. Nos seguintes depoimentos dos entrevistados, as ações e estratégias de conquista de espaço eleitoral e de mobilização ganham destaque:

**Linda Lúcia Uequed Pitol:** *“(Canoas) era uma cidade operária e com uma tendência a ser contra o governo, então nós a nossa conversa, a eleição do Giacomazzi e a deflagração da Área de Segurança Nacional mexeu muito creio eu com a cidade, ninguém aceita uma barbaridade dessas. ‘Ah, cassaram o cara’...Porque? Ele não tinha feito nada, ele só ganhou a eleição, eu acredito que isso abriu esse espaço, e aí...mas basicamente nós nos apresentávamos como integrantes do Setor Jovem levando, nós não assustávamos [...] nós éramos jovenzinhos ali, Canoazinha, oriundos de bairros, de vilas, mas sem aquele linguajar agressivo, simplesmente contrários ao regime, então tinha uma facilidade de chegar nas casas. Eu vejo assim. E conversar com as pessoas, lógico, quando eram as pessoas da arena, nós éramos mal recebidos naturalmente mas...era assim, com essa ideia de sempre destacando a eleição, que havia sido desrespeitada...”*

**Jorge Dupont:** *“[...] Nós tínhamos múltiplas atividades, nos trabalhávamos e estudávamos, e aonde a gente trabalhava e estudava, a gente conversava, não quer ir lá? Assim, assim, os caras discutiam, o meu método pessoal era quando o cara ‘tava inconformado, ouvia o cara falar, ah, não sei o que, “tu não quer participar la, é o canal que nós temos”, deixava a pessoa primeiro, era com meu jeito pessoal [...] era de boca em boca, de amigo pra amigo, e nos só tínhamos ônibus, nós usávamos carta, as vezes o partido dava uma colher de chá lá pra nos botar uma correspondência [...] não havia impressão, a gente usava mimeógrafo pra fazer as circulares [...]Por exemplo, se eu entrava numa casa ‘olha eu tô aqui representando o seu Celso Pitol’, ‘não, eu sou Bonacina’, que que a gente fazia, ‘muito bom voto, excelente candidato’, a gente jamais, esse era o meu jeito, e acho que os dos meus colegas de Setor Jovem, jamais depreciamos outro candidato, mesmo sendo de partido adversário, essa era uma forma de não ganhar antipatia[...] eu trabalhava [...] onde eu conseguia voto , aquele não adianta trabalhar com o Giacomazzi porque o povo de lá não ia votar no Giacomazzi, eu botava o Meneghetti, a nossa história era conseguir voto, né o celso....era conseguir voto”.*

**Celso Pitol:** *“Caminhava em toda a cidade, de casa em casa, não tinha rua, não tinha beco que nós não visitávamos, e naquele período, apenas um registro, não querendo com isso que a gente passava muito trabalho, era muito divertido, inclusive, mas as ruas não tinham asfalto como têm agora, os valões eram fedorentos e abertos....Hoje tá muito fácil fazer campanha, andamos pela cidade de uma ponta a outra pela cidade, tá tudo com asfalto, a cidade tá limpa tá bonita, muitas vezes nós andamos pelo bairros de Canoas com os sapatos muitos embarrados porque chovia e quando parava a chuva a gente ia fazer campanha [...]Nós saíamos em grupos. Nos reuníamos na sede do partido no centro que era na rua Cândido Machado, no centro da cidade, e dali nós partíamos com um grupo, quem tinha carro ia com carro, ou nós tínhamos uma Kombi que nos levava, enfim, mas eram 40 ou 50 jovens que a cada fim de semana, no sábado de manhã e de tarde, nós nos reuníamos na sede e traçava uma estratégia, Mathias Velho, Niterói, Rio Branco , Estancia Velha, enfim aonde nós não tínhamos ido ainda, levando sempre a mensagem do Setor Jovem e do partido”.*

Nos trechos acima, verifica-se uma ação militante que se desenrolava quase

cotidianamente, ocupando um espaço relevante na vida dos jovens envolvidos. Sobre a reação das pessoas, os entrevistados informam que:

**Celso Pitol:** “Como a maioria já tinha começado a entender, e a politização foi aos poucos e muito pela defesa que se fazia da democracia e do regime democrático [inaudível] **as pessoas começaram a entender que o MDB era o canal**, tanto era o canal que a cada eleição que nós tínhamos para vereador, a grande maioria da cidade votava nos candidatos da oposição, que eram os vereadores. Nós elegemos, uma vez, acho que na eleição de 82, nós elegemos 2 terços da Câmara do MDB, na primeira eleição foram 13 , 13 vereadores contra 8 da Arena. A receptividade as pessoas nos bairros era muito boa, sempre foi muito boa, facilidade de participação e de convencimento de todos nós”.

**Rubert Janke:** “Mas com certeza, pra conscientizar, e eu procurava sempre as vilas mais pobres, coisa que as elites não faziam”.

**Gelson Nascimento:** “O povo quis, e eles não deixaram, o povo elegeu o Giacomazzi deputado em 70. Então a nossa tarefa em 74 foi fácil. Porque foi dizer ó, tá vendo, esse foi o prefeito que eles não deixaram assumir, então vamos mantê-lo na Assembleia, ele é a nossa voz de Canoas, de Canoas na Assembleia, e esse aqui é o vereador, o Jorge também, o Jorge quando pegava a palavra, bicho, sai da frente [...]e esse aqui é o nosso vereador, nós temos que levar pra ser a voz de Canoas em Brasília, e o pessoal gostava disso, porque o pessoal aceitava, e o pessoal não engoliu essa rejeição do Governo Federal em botar o Giacomazzi prefeito, não engoliu isso, porque não esquece, era MDB e Arena, ou tu era contra ou era a favor, a Arena em ultima análise foi contra a posse do Giacomazzi como prefeito....Então vamos mantê-lo na Assembleia e o Jorge vamos mandar pra Brasília pra brigar por nós. Então foi muito pacífico, muito tranquilo, claro que volta e meia a gente recebia umas pedradas, "vão se mandar daqui, o que vocês estão pensando", mas isso era raro [...] é a mesma coisa fazendo um paralelo bem desproporcional, mas mesmo assim, quem por exemplo não gosta de futebol diz ‘ah, eu não vou torcer pra esses caras, torcer pra Grêmio, pra Internacional, esses caras tão ganhando um caminhão de dinheiro eu quero que se ralem, eu não tô nem aí’, seria a mesma coisa, ‘ah, esses políticos não fazem nada pra nós, os militares tão fazendo, ohunn, e começaram, né, realmente, começaram, tá aí, a Transamazônica, viadutos, aqui e ali, uma obra ali , e foi foi foi.”

**Gelson Nascimento:** “[...] A linguagem era muito clara. Queremos liberdade, que se tinha, razoável, queremos democracia, queremos ter o direito de escolher os nossos representantes, e não que venha um general que assuma [...] [As pessoas] entendiam e queriam isso. Então quando elas viram que o MDB ‘tava falando a linguagem daquilo que, daquilo que eles almejavam, poxa vida, aí foi fácil, ne , aí começou a vim.”

Nos depoimentos acima, ressalta-se a necessidade de atuarem de maneira moderada no contato com um eleitorado, que, segundo eles, tendia a rejeitar atitudes mais radicais. Além disso, o ponto acima evidencia um discurso próprio do MDB naquele período, conforme apresentei no primeiro capítulo: ressaltar a discrepância entre o bom desempenho econômico do país e os problemas sociais decorrentes da condução da economia. O partido passa, assim, a assumir um papel de mediação entre os anseios populares e a realização efetiva desses anseios em âmbito político. De acordo com René Rémond, essa articulação das necessidades e aspirações da população em uma linguagem – mais ou menos como uma “tradução” - é um

dos papéis fundamentais de um partido político (2003).

Marca dessa “tradução” está na relação que o Setor Jovem estabeleceu com os seus coetâneos. Foi elaborado um discurso dos jovens para os jovens, apostando numa relação de cumplicidade baseada na faixa etária e numa percepção de que a juventude seria mais propensa a apoiar a oposição, o que é ressaltado em vários momentos dos depoimentos:

**Gelson Nascimento:** *“Muito simples. Mostrar a realidade do Brasil. Eu me lembro que nós dizíamos assim, ‘olha aqui, ó, o que que nos temos hoje no Brasil, nos temos nós aqui e eles ali, você pesa, vê o que que vale a pena, claro que eu tô falando pra juventude [...] ‘tu acha que o que tá acontecendo aqui tá legal’, ‘não, não tá legal’, ‘então tu só tem uma saída, vem pro nosso lado’, aí do nosso lado eu tinha que convencer a outra parte, porque do outro lado tem o MR8, por exemplo, eu não podia trazer [...] Então, na verdade, o anseio da população, principalmente do jovem, foi fácil pro MDB, foi fácil, muito fácil, porque a gente em primeiro lugar falava a linguagem deles, e em segundo, o pessoal também não tava muito a fim de luta armada, porque aqueles da luta armada, claro, já tava bem definida, né, então a gente fazia o primeiro contato, sentia o que que era a ideia do cara, ‘bom se esse aí já tá com essa ideia’ [...]”.*

As estratégias envolviam alguns recursos discursivos como “falar a linguagem do jovem” e tratar de problemas que os jovens compreenderiam como seus. São marcas de proximidade utilizadas como referenciais estratégicos para a ação.

**Gelson Nascimento:** *“Não, não, era assim, ó, nós éramos um grupo relativamente pequeno que foi aumentando gradativamente, então cada vez que a gente se reunia a gente dava palavra de ordem, ‘consigam entre o seu rol de amigos gente pra vir pro nosso lado’, então era fácil, cada um ia lá, conseguia cinco, seis, cinco seis, o efeito multiplicador foi monstro. Por isso que nós fizemos, na convenção, um fim de semana, tu imagina, tu conseguir trazer a juventude num, se não me engano num domingo, tu botar seiscentos e tantos convencionais que votaram [...] É, hoje, com isso aqui, ó em redes sociais conclamando o pessoal, mesmo assim tu não consegue, imagina que a gente não tinha nada disso, tinha que ser boca a boca, cada um tinha que convencer o pessoal e a gente fazia as reuniões preparatórias e tal.”*

Nesse trecho, a narrativa ressalta, mais uma vez, uma diferença entre a ação militante atual e a de então. Como pudemos observar, é uma constante em todos os depoimentos colhidos. Uma das ações lembradas deixa à mostra a relação algo conflituosa entre os integrantes do Setor Jovem que comandavam a direção naquele momento e o MR-8 (Movimento Revolucionário Oito de Outubro)<sup>12</sup>.

**Celso Pitol:** *“Nós tínhamos alguns companheiros como eu disse como era uma sigla que abrigava a todos, a todos aqueles que o regime militar não servia, e o MR8, que era chamado o Movimento Revolucionário 8 de outubro, que pregava a luta armada, sequestros, enfim, e que tinha como prática em alguns casos até a violência, nós tínhamos aqui um nichozinho pequeno mas nós tínhamos, tão pequeno foi que fomos*

<sup>12</sup>O Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8) foi uma organização de extrema-esquerda fundada em 1967. Responsável por atos de guerrilha urbana e sequestros, como o do embaixador norte-americano no Brasil, Charles Elbrick, o MR-8 mudou sua orientação a partir de 1972, preferindo a luta política conta a ditadura militar no interior do MDB

*pro embate eleitoral e fizeram 5 ou 6% dos votos numa convenção [...]1800 filiados no Setor Jovem do MDB, votaram eu acho que 95%, 1700 a 1800 pessoas, tendo o MR8 feito, se não me falha a memória, 2 membros do diretório, foi muito insignificante a participação deles e era muito pequena, e era no país inteiro, era um movimento que fazia muito barulho [...] “E nós fazíamos oposição, nós, Santa Maria, Pelotas, Caxias do Sul, eram todos antagônicos, a maioria de Porto Alegre, antagônicos ao Movimento Revolucionário. 8 de outubro. Que alguns deles andam por aí hoje, o Movimento Revolucionário hoje agregou, hoje é partido, o PPL, que é o partido que representa, tendo inclusive um deputado aqui no RS que se elegeu na última eleição, mas era um movimento muito pequeno, muito, ou liderado ou ajudado em São Paulo pelo ex-senador e ex-governador de São Paulo Orestes Quercia, era o cara do MR8 era o movimento nacional, mas era um movimento que estava abrigado no MDB”.*

**Gelson Nascimento:** *“Como a situação nossa ‘tava muito ruim, porque nós estávamos vendo que, de repente o Setor Jovem de Canoas, que era muito atuante, estava pra cair na mão do MR8, nós começamos a fazer uma articulação geral com a juventude de Canoas, veja, eu posso tá equivocado, mas nós fizemos uma convenção pra basicamente fazer eleição do presidente do Setor Jovem que iria me substituir, teve 600 e tantos votantes [...] Só do Setor Jovem de Canoas (ênfase). Deve estar nos anais eu acredito do ‘Timoneiro’, deve ter esses anais. E uma cena que eu nunca vou me esquecer, claro que como nós tínhamos arregimentado o grosso dessa juventude que nós queríamos que votasse conosco, o pessoal do MR8 resolveu esculhambar com a eleição, tumultuar a eleição, pra qualquer atitude que eu tomava, comandando o processo eleitoral, o pessoal do MR8, foi na Câmara isso, foi na Câmara, o dia inteiro, mas na hora lá do início da votação [...] E eles subindo a mesa, começou aos brados, gritar, e aí o pessoal deles, bem articulado.... mas tumultuaram de uma tal maneira, que a mim só restava uma coisa, suspender tudo, parar com todo, porque não tinha clima pra nada. Mas, é aquilo né, a gente começa a ter uma certa malandragem, pega a malandragem principalmente do Celso, aí a gente começou, o próprio Dupont, a gente começou a fazer o ânimos se acalmarem, se acalmarem, quando a coisa ‘tava acalmada, inicia o processo, e eles não achavam que isso ia acontecer, quando eu dei sinal de que começou a votação, eles não podiam fazer mais nada, demos um banho neles, ganhamos as eleições. Claro que, engolimos sapo o dia inteiro, porque eles sabiam que só tinham uma saída, tumultuar pra não deixar sair a eleição aquele dia pra se articular, porque eles não sabiam que a gente ia levar centenas de convencionais filiados”.*

No trecho abaixo, há a descrição de um exemplo de reação do regime a atividades desenvolvidas que ultrapassassem os limites permitidos.

**Gelson Nascimento:** *“Não e vou te contar uma coisa, quando eu via sinal desse fogo eu saía de perto. Vou te contar um fato, eu quando era presidente do Setor Jovem eu me recordo que nós tivemos uma convenção interna, não me lembro exatamente do que que foi, e eu me lembro que o pessoal da Radio Real me entrevistou, e eu aproveitei, fugindo até um pouco da minha característica de paz e amor, e comecei, ‘abaixo a ditadura, os militares’, mas baixe o cacete. Muito bem, tô falando da Radio Real [...]aí passou uns 2 ou 3 dias, eu tô chegando em casa, e disse o pai, ‘assim, vem cá tche, que que houve’, eu trabalhava, tô trabalhando, cheguei em casa o pai” que que houve”, “porque”, “o pessoal do DOPS teve aqui atrás de ti” eu digo, ‘bah’, ‘que que tu fez’, ‘nah, o que eu fiz foi um pronunciamento na radio, mas...’ ‘é, mas cuida q os caras tão atrás de ti’. Aí, que eu fiz? Cara, sumi, na época meu tio, irmão do meu pai, morava na rua Boavista, na Rio Branco, ah, não tive duvida, peguei meia dúzia de roupinha (inaudível) sai correndo, fiquei uma semana morando com meu tio, nem trabalhar trabalhei, fiquei lá escondido, uma semana, só avisei minha empresa que eu trabalhava que, ‘ô, to com um problema de saúde, não vou poder trabalhar’ [...] ‘isso deve ter sido em setenta e, acho que setenta e cinco, setenta e cinco’ [...] e os caras me conheciam, sabiam quem eu era, onde é que eu trabalhava, onde é que eu morava, e mesmo*

*assim, não tive problema a não ser por isso, foi exatamente o único momento que eu acho que eu extrapolei, que eu entrei, foi assim, dizer assim ó, um discurso de extrema, extrema-esquerda mesmo, né, pedindo pra entrar na guerra, foi mais ou menos por aí, fugindo a aquilo que eu pensava, e aí quase me dei mal. [...] O brasileiro, o cara de bem, ele queria uma coisa, ele queria democracia [...] Queria votar. Queria que a sua voz, através de um seu representante, chegasse lá em cima. Ele não queria saber de assaltar banco, fazer sequestro, de matar, isso não interessava”.*

Essa ênfase na escolha de um caminho longe da radicalidade é, como vimos, enfatizada várias vezes no discurso dos entrevistados.

Os depoimentos também deixam claro que a atividade do Setor Jovem não se resumia à atração de militantes e à ação na esfera eleitoral: deveria incluir também um trabalho de conscientização política do povo brasileiro:

**Jurandir Bonacina:** *“E o Setor Jovem foi uma coisa natural da juventude, dos seus ideais, sabe que é próprio de vocês, da juventude, pra nós, como jovens, todo jovem é idealista, e tem que ser, é sonhador, idealista, e tem que ser assim mesmo, as coisas tão certas, empurram os velhos e não deixam se acomodar, e aí foi se estruturando o sentimento de formar o Setor Jovem, pra apoiar digamos o partido, e foi se formando os diferentes setores, Setor Feminino, Setor Trabalhista, e aqueles órgãos de apoio, setores de apoio do partido, foi muito importante porque trouxe toda essa juventude, essas lideranças também que existiam, tu já contaste com algumas, mesmo o Jorge Dupont, o Rubert Janke, e outro que foi meu cliente aqui há algum tempo, já faz tempo, com uma voz de locutor, muitas, muitas lideranças, o Celso, o Gelson Nascimento [...] então foi uma coisa natural dessa juventude ter o seu espaço dentro do partido, poder se articular e dar suporte pras ações do partido, todos os movimentos, passeatas, essa participação em todas, digamos, o trabalho que o partido fazia, e era importantíssimo nas campanhas também, o importante é que o Setor Jovem não atuava só nas campanhas, era um órgão do setor permanente do partido”.*

Um exemplo desse trabalho de conscientização e mobilização pode ser visto no trecho abaixo, onde é relatada a vinda de José Lutzenberger. O ambientalista gaúcho, símbolo da luta pelo meio ambiente, aparece na narrativa como uma figura até então estranha ao mundo político. O fato de o Setor Jovem do Canoas tê-lo escolhido para dar uma palestra recebe o qualificativo de “inovador”, e serve para ressaltar o que os narradores entendem como uma posição de vanguarda assumida pelo Setor Jovem canoense.

**Jorge Dupont:** *“Nós éramos inovadores, quando eu vejo, eu mesmo fui pego de surpresa quando Celso Pitol e Elisabeth Uequet, eu não lembro mais quem tava nessa inconfidência, vamos dizer assim, no bom sentido, ‘ó, vamos trazer o Lutzenberger em Canoas’, a tua missão, veja bem como eu tou dizendo, nós partilhávamos missões ou tarefas, é conseguir ao menos confeccionar as faixas, “deixa comigo”[...] A recepção foi no Salão de Atos do La Salle, na segunda metade dos anos 70.”*

**Celso Pitol:** *“Eu acho que seria interessante mencionar as teses que o partido, que o MDB jovem começou a defender, obviamente que muitas delas foram incorporadas o discurso dos próprios vereadores que compunham a Câmara de Canoas, mas, por exemplo, a causa ambiental foi uma, foi a proposta mais*

*importante, a mais debatida fortemente foi a defesa do meio ambiente, tanto é que, oriundo desses debates todos, nós tivemos aqui a formação de uma ONG de proteção à natureza da qual eu fui o primeiro vice-presidente, o primeiro presidente foi o ex-vereador Nilton Leal Maria, que era a entidade denominada ASCAPAN - Associação Canoense de Proteção ao Ambiente Natural - mas outras teses nós tivemos aqui e participamos com movimentos comunitários de [inaudível] mas sempre tinha como norte o retorno da eleição do prefeito da cidade. Sempre todos os movimentos que se fez, da causa ambiental, do combate à ditadura, da mobilização comunitária, sempre tinha como norte convencer o governo federal de que Canoas tinha que ter eleição direta para prefeito. Até que conseguimos em 83”.*

Também é ressaltada a ação política do Setor Feminino do MDB de Canoas, com o qual o Setor Jovem, segundo os relatos, mantinha proximidade.

**Celso Pitol:** *“Como eu disse antes anteriormente, abrigava tanto no MDB como nos órgãos auxiliares que era o Setor Jovem, e depois criamos o Setor Feminino, e abro um parêntese para dizer que o Setor Feminino de Canoas foi presidido pela companheira Linda Lucia Uequet e a primeira presidente da ala feminina (inaudível) chamada ala feminina do MDB, ela presidiu por muito tempo e teve uma efetiva participação, foi uma companheira de grande valor de nós todos, que participava junto com grande número de mulheres que ela conseguiu mobilizar em torno do nome dela e também da luta. Ela teve profunda participação na conquista das eleições pra prefeito logo depois”.*

Assim, verifica-se que as narrativas dos integrantes conferem à ação oposicionista, bem como às atividades militantes a ela relacionadas, um espaço central em suas vidas. Essa ação se desenvolve em certos limites, não podendo ser considerada “radical” demais e nem provocar “antipatia” no eleitorado, uma vez que ele precisa ser convencido. Ressalta-se, também, o papel de certas ações de conscientização política e de apresentação de novas propostas, tidas como “inovadoras”, relevantes e bem sucedidas, celebrando o seu resultado e atribuindo a elas uma centralidade e relevância.

Segundo Pasquino (1998), a oposição é um elemento integrante de qualquer regime democrático, e a qualidade do regime depende do papel desempenhado pela oposição. Esse papel tem características específicas no caso de oposições toleradas por regimes autoritários, conforme vimos nas considerações de Krane, baseado em Hirschman (KRANE, 1983), sobre a ação da voz, onde quatro dimensões comportamentais da ação oposicionista são estabelecidas. A primeira é a fonte de insatisfação (de um indivíduo, um grupo ou uma aliança); a segunda é o remédio para o problema (resolver os problemas com mudança total, de um grupo ou pontual); a terceira é a centralidade da política de oposição (se é contra um ponto específico ou contra a própria natureza do regime); e a quarta é o grau de publicidade da voz descontente (se é direta ou indireta, se explícita ou implícita).

Essas quatro dimensões – em particular, a terceira e a quarta – deixam claro que a voz descontente oscila entre o implícito e o explícito, entre o sutil e o direto, entre o francamente

confrontativo e o tangenciamento: uma atitude francamente confrontativa pode trazer problemas, seja com o eleitorado, seja com o governo. Nos depoimentos acima, essa dicotomia aparece em todos os momentos, com resultados adversos bem marcados quando certos limites são ultrapassados.

O momento é descrito, também, como particularmente atrativo para o discurso de oposição – em particular a atração do jovem, definida como sendo mais permeável a esse discurso oposicionista. Há, no entanto, demarcação de posicionamentos a partir da descrição de disputa com o MR-8, grupo a que o Setor Jovem se opunha em nível municipal e estadual.

Ressalta-se, ainda, a necessidade de a atividade da militância transcorrer em todos espaços por onde os entrevistados circulavam, de modo a trazer mais simpatizantes para o partido. Segundo Gaxie, a integração do partido e da militância na vida do militante tende a ser plena (GAXIE, 1977). O militante o é em todos os espaços onde atua – e, em todos esses espaços, deve buscar novos companheiros, votos e apoio. Essa ação aparece na narrativa dos entrevistados como um elemento diferenciador em relação ao que, segundo eles, se vê nos dias de hoje, marcando o pertencimento de grupo e de época.

### 5.3.3.3 Subtema 3: “Espaços de atuação”

As entrevistas revelam que as ações desempenhadas no setor jovem do MDB se deram em certos espaços que ganham proeminência na narrativa, inclusive pelo seu potencial simbólico.

Mencionei anteriormente o espaço da casa como um espaço privado. No entanto, o espaço público, onde a voz é enunciada, pode ser também uma “casa”, como se vê na narrativa abaixo acerca das reuniões do Setor Jovem estadual na Assembleia Legislativa:

**Celso Pitol:** *“Era fim semana, começava na sexta-feira de noite na abertura de sexta-feira e se estendia até domingo de tarde. Eu fiquei vários grenais que eu deixei de assistir no Olímpico porque nós estávamos na Assembleia discutindo o futuro do estado, futuro do país, mas era em Porto Alegre, **era no plenário da Assembleia que era a nossa casa**, que era onde nos reuníamos com o interior inteiro, sempre o plenário lotado de jovens. Aí recebíamos sempre a presença lá no domingo pra encerrar, naquele período era deputado estadual, o presidente do MDB, o hoje senador, o ex-senador Pedro Simon, naquele período era deputado estadual e líder da oposição, ele que encerrava sempre ao final. Mas nós tivemos aqui inúmeras conferências, palestras de pessoas de fora, Fernando Henrique Cardoso, Mario Covas, Teotônio Vilela, Jarbas Vasconcelos, JG de Araújo Jorge do Rio de Janeiro, juntamente com outros companheiros aqui do RS, mas era fato um movimento muito forte que mobilizou e empurrou o MDB, o Simon dizia que nós éramos quem empurrava o MDB”.*

O emprego de “casa” em sentido figurado confere à Assembleia Legislativa, onde eram realizadas as reuniões, a condição de espaço onde os integrantes do Setor Jovem podiam sentir-se tranquilos e à vontade.

Outro espaço destacável é a praça, conforme o depoimento abaixo:

**Gelson Nascimento:** *“A Praça da Matriz, né, e de repente, e talvez por isso que impressionava o nosso número, não entrava um ou outro, nós entrávamos em massa com faixa, cartazes, e quando nos davam o direito de falar, se falava aquilo que o pessoal queria ouvir, ou para esclarecer alguma coisa, ou pra dar um sentido de orientação....porque, como eu falei há pouco, pelo número que nós tínhamos, pela representatividade que nos tínhamos, né, o pessoal nos respeitava muito, e gostava de nos ouvir, então esse sentimento assim, ó, de respeito, ‘poxa vida, esse pessoal tá fazendo em Canoas um trabalho bacana, vamos ver como eles vão agindo, vamos ouvir’, era esse pelo menos o sentido....o sentimento que eu tinha daquilo que se levava”.*

A praça da Matriz é mencionada de duas maneiras: como um ponto de mobilização e como um espaço de reconhecimento entre pares, ou seja, o local onde o Setor Jovem do MDB de Canoas se reúne diante de outros jovens, de outras cidades, e onde demonstra a sua força militante.

Outro espaço mencionado nas narrativas é o do IEPES (Instituto de Estudos Políticos e Sociais). Órgão destinado à promoção de debates e à formação política, era presidido pelo sociólogo André Forster:

**Celso Pitol:** *“O IEPES foi um instituto, também sem CNPJ e sem CPF, era um órgão de colaboração e informação política do partido e por ali passaram, ele foi arquitetado, pensado e forjado pelo falecido André Forster, e inclusive aqui em Canoas fizemos vários cursos de formação política com um público excelente. Fizemos aqui, na sociedade Clube Cultural Canoense, que tinha ali um salão amplo, sempre lotado o salão de pessoas que vinham e que participavam, eram filiadas e não eram, eram pessoas que não eram filiadas mas simpatizantes da causa, então o IEPES foi um grande centro de formação política e de pensadores do partido. O Cezar Busatto por exemplo, era um cara que teve uma participação efetiva no desenvolvimento e na fundação do IEPES [...] João Torres Brum é outro, o Cezar Busatto, o de Pelotas, o Getúlio Dias, o Nadyr Rossetti (...), o Pedro Bisch Neto, e tantos outros que eu não me recordo agora, mas eram formadores políticos que tiveram efetiva participação e grandes, relevantes serviços prestados à causa da democracia no Brasil (...) O André era um ele era meio que um Dom Quixote, porque no período quando todos tinham receio de botar a cara na rua e falar em democracia, falar em eleição, falar em voto, o André andava pelo estado inteiro, nos pontos mais longínquos do estado, lá ia o André fazer a formação de jovens e formar lá núcleos de base, que nos chamávamos núcleos de base do MDB, e por óbvio ,criar núcleos de base do Setor Jovem. O André foi um grande defensor, e um benemerente da causa pública, também pensador, e foi um formulador político junto com outros que nós tínhamos aqui”.*

Verifica-se, portanto, a constituição de alguns espaços de mobilização política. Espaços que, também, são ativadores de memória, conferindo sentidos às práticas ali desenvolvidas. Conforme pontua Paul Ricoeur,

Inicialmente, toda história de vida se desenrola em um espaço de vida. A inscrição da ação no curso das coisas consiste em marcar o espaço com eventos que afetam a disposição espacial das coisas. [...] O que Hannah Arendt chamava “espaço público de aparição” não é apenas o espaço metafórico de palavras trocadas, mas o espaço material e terreno. Inversamente, seja ele espaço de fixação ou espaço de circulação, o espaço construído consiste em um sistema de gestos, de ritos para as interações maiores da vida (RICOEUR, 1998).

O espaço público é uma esfera privilegiada de ação política (BESSE, 2010: ele é o local onde a voz é enunciada: é, segundo Besse, o local onde se dá a tomada de consciência da presença do outro - onde eu posso fazer entender minha voz e entender a voz dos outros (2010).

Neste espaço da voz, destaca-se a praça. Conforme lembra Besse, a praça é, ontologicamente falando, o lugar fundador da cidade, o seu centro organizador e, ao mesmo tempo, um espaço público aberto, que representa a visibilidade e o encontro. Um espaço, em suma, onde se desenrolam os eventos excepcionais da história da cidade (BESSE, 2010).

Assim, a praça surge no relato como um espaço de voz e de ação política, de encontro de iguais e de demonstração de poder político. É o ponto onde os cidadãos em geral se encontram – e onde a militância se encontra para atuar politicamente, dando vazão a processos de reconhecimento.

Verifica-se, portanto, que os espaços de atuação mencionados são rememorados com uma carga valorativa, que os adjetiva e individualiza.

#### *5.3.4 Eu, nós e os outros*

Ao logo deste estudo, os entrevistados inserem a sua participação política no interior de grupos, constituídos a partir de cortes, aproximações, distanciamentos e contatos.

Neste tema, apareceram os seguintes subtemas: “A condição de jovem”, “Visão de si”, “Relação do Setor Jovem com outros”, “Visão do Setor Jovem do MDB”. Nesses subtemas, emergem unidades de sentido que demonstram os movimentos de aproximação e distanciamento dos entrevistados em relação aos integrantes do Setor Jovem de outras cidades, do MDB “adulto” e da Arena. Podemos verificar, também, a presença de pontos de vista, representações e releituras de si mesmos como militantes e do Setor Jovem como um todo.

### 5.3.4.1 Subtema 1: “A condição de jovem”

Os entrevistados relacionam a criação do Setor Jovem do MDB à categoria “juventude” em diversos momentos. Nos relatos, essa categoria conecta-se ao voluntarismo, ao experimentalismo político e, em vários momentos, ao próprio “sentir-se” oposição, como demonstram os trechos seguintes:

**Gelson Nascimento:** *“Então eu comecei a sentir um gostinho daquilo **que é nato da juventude, o proibido, é proibido então vamos protestar, é proibido então...**mas eu não me envolvia na política partidária, eu gostava da política como ciência, sem saber se aquilo era ciência, mas pelo exemplo que o pai dava, a maneira como ele se reportava às pessoas. Então o político para mim era aquela pessoa que estava para servir, e não para ser servido. [...] Então a gente gostava, **gurizada como hoje também né, tudo que é proibido, ‘vamo lá’**, então nós apoiamos. Então eu comecei, devagarinho, até pelas amizades que eu fui fazendo, né, aí eu comecei a participar não como um movimento político, eu começava a participar mais pela amizade que eu tinha com o pessoal, o Felô, o Celso, a Linda, a Beth”.*

**Jorge Dupont:** *“Eu era contra o governo [...] eu acho que todo jovem tem esse pensamento.”*

**Jurandir Bonacina:** *“Essa força jovem, esse entusiasmo, esse sentimento de liberdade, sentimento de oposição à ditadura que com certeza era muito mais forte na juventude libertária do que nos mais velhos num sentido, né, a juventude, entenda, queria o seu espaço, a redemocratização, essa era a nossa expectativa de contribuir efetivamente nesse processo, e contribuimos, o Setor Jovem contribuiu muito digamos com a sua juventude, a sua energia, nessas iniciativas do partido, nos comícios, nas reuniões partidárias, o Setor Jovem foi uma referência importantíssima nesse processo com certeza”.*

Verifica-se, nesses trechos, uma reflexão sobre as próprias memórias e uma tentativa de generalização das experiências vividas pelos entrevistados para todos os membros de uma faixa etária semelhante. Revela-se um vínculo entre a condição de jovem naquele momento e à ação oposicionista definida como “mais combativa”. A presença de adjetivos como “idealista” e “sonhador”, além da definição do “proibido” como algo a ser buscado, reforçam a ideia de que o jovem tem, dentro das narrativas apresentadas, uma propensão maior a assumir a oposição à ditadura do que os mais velhos.

A condição de jovens militantes também é ressaltada como uma forma de aproximação com a juventude, utilizada inclusive como estratégia de mobilização.

**Gelson Nascimento:** *“[A estratégia era] muito simples. **Mostrar a realidade do Brasil.** Eu me lembro que nós dizíamos assim, ‘olha aqui, ó, o que que nós temos hoje no Brasil, nós temos nós aqui e eles ali’, você pesa, vê o que que vale a pena, **claro que eu tô falando pra juventude** [...] ‘tu acha que o que tá acontecendo aqui tá legal’, ‘não, não tá legal’, ‘então tu só tem uma saída, vem pro nosso lado’ [...]”.*

Os depoimentos apresentados mostram uma leitura do que é “ser jovem” e do que é ,

ou deve ser, a ação política de um jovem. De acordo com Muxel, é frequente a associação da juventude com

um tempo específico no processo da socialização política, com todos seus riscos e seus rearranjos constantes. Um tempo também no qual existe, sem dúvida alguma, uma disponibilidade talvez mais acentuada à rebelião. E podemos dizer, pelo menos, que há uma energia, nessa idade da vida, que facilita a passagem à ação; e os engajamentos, mesmo que provisórios estarão mais predispostos à radicalidade política, em comparação a outras idades da vida. (TOMIZAKI; DANILIAUSKAS, 2018)

Ainda de acordo com Muxel, o tempo da juventude é o tempo da construção da identidade política (TOMIZAKI; DANILIAUSKAS, 2018), atuando de forma a cristalizar posicionamentos e inserções políticas. É, também, um tempo de experimento, onde a visão política recebida da família e as demais visões oriundas dos diversos processos de socialização são atualizadas e ressignificadas. Nos depoimentos desse trabalho, foi possível observar essas ressignificações em diversos momentos.

#### 5.3.4.2 Subtema 2: “A visão de si”

Ao longo dos depoimentos, os entrevistados definem os papéis por eles desempenhados na trajetória de militância política, bem como os posicionamentos individuais de cada um..

**Jorge Dupont:** “Eu nunca fui comunista, eu sempre tive uma ideologia socializante [...] Eu me tornei socializante quando trabalhei na metalúrgica”.

**Jorge Dupont:** “Ele (Celso Pitol) era o líder, eu era o cara muito trabalhador de bastidor, né Celso, eu tinha que buscar não sei o quê tinha que fazer não sei o quê, era eu, era aquele pau pra toda obra, eu gostava disso, gostava, sempre gostei, porque o meu primeiro emprego administrativo depois da metalúrgica foi estafeta, office boy”.

**Linda Lúcia Ueque Pitol:** “Eu me via assim, eu era contra o regime porque o regime era autoritário, porque o regime tinha tirado o nosso prefeito e porque eu ouvia histórias de arbitrariedades e pessoas sumindo, ponto, era isso que eu era contra, eu era contra o regime porque ele era arbitrário, porque não era eleito, porque eram aqueles militares se achando os bonzão lá, era só por isso...e esse pessoal tinha fundamentos históricos, eu não sabia o que isso lá, o marxismo, isso ou aquilo”.

A construção da identidade política dos entrevistados – o “quem” da ação, usando as palavras de Ricoeur – revela-se com a atribuição de papéis desempenhados. Essa identidade está diretamente ligada ao tempo; é o tempo que representa a dimensão mais decisiva para compreender a construção da identidade política (MUXEL, 2001a). A reinterpretação das

trajetórias de cada um envolve uma releitura de si, dos papéis desempenhados e do posicionamento ideológico aos olhos de hoje, a partir da construção de uma narrativa onde os agentes assumem uma posição. Novamente entra em cena uma visão individual da atuação política: cada um atua de uma forma específica, apesar de todos entenderem que fazem parte de uma coletividade.

#### 5.3.4.3 Subtema 3: “Relação do Setor Jovem com outros”

Os depoimentos fazem referência frequente a grupos distintos daquele que os entrevistados integram. Tais grupos ostentam graus variados de aproximação e distanciamento e são limitados por diversos cortes, que os separam dos integrantes do Setor Jovem canoense e/ou dos indivíduos que enunciam o depoimento.

Assim, neste subtema, aparece a constituição de elementos de diferenciação e aproximação entre esses grupos. Os “outros” que aparecem nas entrevistas são os integrantes do Setor Jovem de outras cidades do RS; os integrantes da Arena Jovem; os do MR-8; e os integrantes mais do MDB.

O Setor Jovem do MDB de Canoas estava em contato frequente com o de outras cidades do Rio Grande do Sul. As convenções, as reuniões e as ações políticas conjuntas aproximavam os jovens de diversas cidades. Essas ações são mencionadas nos relatos, que explicitam uma rede de relações entre os integrantes de Canoas e os de outras cidades, conformando o posicionamento dos militantes canoenses em nível macro.

**Jorge Dupont:** *“O de Porto Alegre a esquerda dominava, era Marcos Klassmann, apesar de ter o André Forster que era tipo mediador, mas tinha o Raul Pont a Jussara Cony, então isso era interessante porque nós tivemos participação (...) por exemplo, de Caxias, a gente tinha mais intimidade com o Sartori do que com o Rigotto, Domingos Tódero era originário do PC do B, junto com o Sartori que era do PC do B.”*

**Jurandir Bonacina:** *“O André Forster sempre uma referência, o Paulo Ziulkoski hoje, presidente da Confederação Nacional dos Municípios, o Paulo entrou comigo na Assembleia, polaco, uma figuraça, mas sempre foi muito participativo o Paulo, uma pessoa muito articulada...quem mais nós tínhamos lá...nos tínhamos figuras do meio artístico, Leopoldo Rassier...né...que fazia...havia outros mais recentes mas o Rassier é mais meu contemporâneo, participava com canções de protesto, enfim, Rassier era muito bom....”*

**Celso Pitol:** *“E aí, por óbvio, com isso Canoas começou a se salientar no cenário estadual. Juntamente com outros municípios, Santa Maria, Pelotas, Porto Alegre, Caxias, em Santa Maria nós tínhamos lá em Santa Maria valorosos companheiros que naquele período também integravam o setor jovem do MDB de Santa Maria,*

que era por exemplo, o ex-companheiro, o companheiro Sérgio Weigert, que era membro do Setor Jovem de Santa Maria, bem como a Rita, Maria Rita de Assis Brasil, que hoje inclusive preside ou presidiu o Sindicato Medico do RS, ela formou-se medica logo depois, assim bem como também o Adelmo Genro filho, que é irmão do ex-governador do RS, o Tarso Fernando Genro, o Adelmo era um companheiro, um valoroso companheiro do Setor Jovem do MDB que tinha uma grande participação lá na cidade de origem dele, Santa Maria, e nos ajudava muito aqui em Canoas, e nós ajudávamos em Santa Maria, tanto é que votávamos sempre de maneira unificada e uniforme com as teses de Santa Maria, as teses de Santa Maria e as teses de Canoas e Santa Maria eram sempre defendidas por Canoas e Santa Maria, e as teses de Santa Maria defendidas por Canoas. Todos os companheiros que participaram naquele período, tinham no Sérgio, na Maria Rita, no Sérgio Weigert, na Maria Rita e no Adelmo as 3 grandes expressões, não deixando de mencionar César Schirmer, João Gilberto Lucas Coelho, Coelho e outros companheiros de Santa Maria que tinham participação efetiva, mas as 3 expressões maiores de Santa Maria eram na figura da Maria Rita, do Adelmo Genro e no Sérgio Weigert. Depois, no decorrer do tempo nós verificamos também que tinha em Porto Alegre outros companheiros como Marcos Klassman, em Guaíba Calino Pacheco Filho, de Mariana Pimentel o Paulo Ziulkowski, de Pelotas o Flavio Coswig, de Caxias o Domingos Tódero, todos ainda, alguns já faleceram, mas todos tinham como norte na sua luta onde era a área de segurança, que era o caso de Santa Maria, o norte também era voltar a ter a eleição para prefeito, e por óbvio os outros municípios o caso de Pelotas por exemplo, o combate ao regime de ditadura era algo muito forte por parte dos companheiros. O Klassmann perdeu o mandato de vereador eleito que foi em 76 junto comigo, ele perdeu o mandato dele logo depois, se não me engano em 77, 78, pelo ex-ministro Armando Falcão que decretou a perda do mandato do Klassmann, juntamente com o ex-deputado Nadyr Rossetti e Amaury Muller, e tinha um outro aqui no RS que eu não me recordo agora quem era, mas enfim, foram, e o Klassmann e o Glênio Peres foram os dois vereadores cassados numa canetada só por parte do ex-ministro da justiça Armando Falcão, por óbvio com a orientação do governo e da revolução (...) Nós tínhamos mais afinidade com Santa Maria, no fim tornou-se uma questão, tal a aproximação que nós tínhamos, e afinidade ideológica, que tornou-se, nós tivemos uma relação mais próxima quase pessoal, de amizade com eles, não deixando de mencionar também a participação de outros companheiros que nós tivemos, que também tinham afinidade muito próxima, o caso do hoje secretário da fazenda Giovani Feltes que naquele período morava em Campo Bom, e também se elegeu logo depois, em 1982, se não me falha a memória, elegeu-se vereador em Campo Bom com o apoio do Setor Jovem do MDB lá de Campo Bom.(...) O André, André de Alexandri também era um outro que participou, que participava do movimento jovem de São Leopoldo, vindo a elege-se vereador também, se não me engano em 76, no mesmo ano que eu me elegi. Foi um movimento muito rico em novas lideranças”.

**Linda Lúcia Uequed Pitol:** “(Eram) sábados à tarde quando tinham as convenções, então tinham aqueles movimentos dentro do Setor Jovem, tinha o MR8 que eram mais radicais, tinham os chamados "troscos", que eram outros grupos, então aí nos fomos evoluindo (....) Os mais fortes eram Santa Maria, Caxias, Pelotas, a nossa afinidade maior era com os de Santa Maria, nós respeitávamos eles, eles tinham muito fundamento teórico, o Sergio Weigert, o Adelmo Genro filho, e eles, a Maria Rita, eles tinham esses fundamentos mas eles também sabiam chegar nos outros que não eram (...) Como eles eram uns jovens muito, muito evoluídos nessas questões, eles conseguiam ver uma base popular em ação, e eles gostavam disso com toda a certeza, assim como nós respeitávamos a cultura deles em ação eles respeitavam essa base popular se mexendo espontaneamente, tenho certeza de que era isso, então, dava muito certo as alianças que se fazia”.

Os relatos deixam à mostra as redes de relacionamento do Setor Jovem do MDB de Canoas. Destaca-se a proximidade com os integrantes do Setor Jovem de Caxias, onde José

Ivo Sartori é descrito como um membro da ala mais à esquerda do MDB daquela cidade.

Uma menção especial é feita ao Setor Jovem do MDB da cidade de Santa Maria, em particular às pessoas de Sérgio Weigert, Maria Rita de Assis Brasil e Adelmo Genro Filho. Qualificados como "valorosos, grandes expressões", são colocados como os mais próximos do grupo de Canoas dentre os de todas as cidades. O depoimento de dois integrantes desse Setor Jovem – Sérgio Weigert e Maria Rita de Assis Brasil – pode ajudar a explicitar esse mútuo reconhecimento.

**Maria Rita de Assis Brasil:** *“Acho que [o Setor Jovem de Canoas] era um dos grupos mais articulados das cidades, não só a gente tinha proximidades como eu lembro que sempre num programa mínimo da nossa militância Canoas sempre teve próximo, eram bons militantes, tolerantes e dispostos à militância, essas coisas, nisso Canoas era uma cidade com Setor Jovem muito forte [...] Eles eram bons militantes, eram pessoas tolerantes, assim, porque tinha alguns que era difícil de tu lidar, e dispostos à militância, assim, essas coisas, de trabalhar, de fazer, de articular, isso Canoas era pra nós uma cidade muito forte. Via de regra quase sempre Canoas estava junto conosco, era do nosso espectro de alianças.*

Sérgio Weigert refere o Setor Jovem de Canoas como sendo do “mesmo time” e aponta algumas qualidades que, segundo ele, eram próprias de seus integrantes.

**Sérgio Weigert:** *“Eu acho que chamava a atenção a disposição [...], entendeu, era isso, eram caras que tavam ali e dispostos a tocar o barco, pro que fosse”.*

A referência à disposição, à tolerância e à força militante é mencionada também pelos integrantes do Setor Jovem de Canoas no que respeita aos de Santa Maria. Nos depoimentos, aparece a configuração de uma frente mais “à esquerda” dentro dos Setores Jovens do MDB do Rio Grande do Sul, composta pelos agrupamentos de cidades como Canoas, Santa Maria, Porto Alegre, Pelotas e Caxias do Sul.

**Maria Rita de Assis Brasil:** *“[Tinha] um discurso mais à esquerda o de Canoas, todos na mesma frente. Em 76 passamos a ter mandato [...]. Tínhamos mais proximidade com o mandato de Canoas, depois o Flavio Coswig, alguns iam a reboque da gente...não só dessa nossa frente, Marcos, Klassman, Celso, esse grupo aí fechavam conosco, era uma grande frente [...]”.*

Maria Rita identifica esse grupo como sendo autor de propostas mais à esquerda e como tendo uma relação, também mais próxima, com o sociólogo André Forster, presidente do IEPES.

Nos depoimentos dos integrantes de Canoas, essa noção de um grupo de setores jovens no Rio Grande do Sul com proposta mais progressista é mencionada como uma colaboração entre o Setor Jovem do MDB de Canoas e o das outras cidades. Aparece, também, como ligada a um interesse de colaboração para criar uma proposta socialista para o MDB.

**Celso Pitol:** *“Tinha alguns companheiros, o próprio Sérgio Weigert, o Marcos Klassmann, o Calino Pacheco filho, o Adelmo Genro [...] aqui de Canoas achava que o MDB tinha que marchar pra redemocratizar o país ,mas tendo como norte o socialismo, eu também não sei se era o socialismo virado a Cuba, China, Albânia, Rússia, mas eram teses da juventude [...] a gente sabia que ia ser muito difícil”.*

A relação do Setor Jovem Canoas com a Arena é descrita em termos de competição e diferenciação. Há uma quase identificação entre a atividade oposicionista e a juventude, pois os integrantes da Arena são descritos como mais velhos e conservadores - razão pela qual, segundo os relatos, a Arena Jovem seria pouco representativa.

**Jorge Dupont:** *“[...] Uma das coisas que me impressionaram muito quando eu ia no colégio, na primeira campanha do Luís Antonio Possebon que era da Arena Jovem, (...)e eu via as barraquinhas que ele montava na frente do Colégio São José, atual Colégio La Salle, na época se chamava São José, era fora, ele tinha uma série de barraquinhas, e aquilo me chamava a atenção, eu digo ‘olha, nós temos q fazer coisa melhor, entendeu’, então ele foi importante.”*

**Gelson Nascimento:** *“Cara, veja bem, a militância da Arena Jovem era insignificante (...) aquilo que eu te falei, o jovem queria o seguinte, os militares da ditadura querem isso, nós somos contra, então somos contra os militares, contra a ditadura, de um modo geral a juventude fazia isso, né, claro que tinha alguns...mas a gente convivia bem, não tinha atrito, de se encontrar e bater boca, não tinha, porque cada um defendia o seu , a sua ideia, né.”*

**Gelson Nascimento:** *“(A Arena era) um pessoal que não representa nada, é submisso ao poder, são os capachos dos militares, não tinham direito a nada, eles tinham direito a que, puxar o saco dos caras, dos milicos, eventualmente isso já no auge da ditadura, pegar um carguinho lá de prefeito numa cidadezinha. Ou se for um cara mais ohhh, um governador nomeado, um senador, porque tinha o senador biônico, né? Mas isso no alto escalação, mas aqui embaixo, no povão, o povão deles, era submisso, e bater palma. [...] Eles não tinham voz ativa pra nada, nos tínhamos, porque nós propugnávamos por um ideal, eles não tinham ideal pra votar”.*

**Rubert Janke:** *“O MDB era do trabalhador, era do povo, da classe excluída, dos excluídos, e era difícil botar gente lá, porque era a classe dominante que mandava”.*

**Celso Pitol:** *“Aqui nós tínhamos na cidade, com o bipartidarismo, a Arena sempre foi o partido que representava a ditadura e tinha alguns membros que se intitulavam membros da juventude arenista mas a camada social que apoiava a Arena sempre foi acamada mais abastada da cidade, muitos deles eram oriundos do PL, do PRP, que já eram partidos de direita e se abrigaram na Arena, por óbvio.”*

**Celso Pitol:** *“[O eleitorado] do MDB era mais a classe trabalhadora votava no MDB, nós tínhamos agregados no MDB ou abrigados no MDB vários sindicalistas, o sindicato dos portuários que era fortíssimo em Porto Alegre, no cais do porto, através do companheiro Martim Januário, que eu não sei se é vivo, ou se é morto, mas enfim, ele presidiu o Sindicato dos Portuários do RS , era um sindicato muito forte, o sindicato dos estivadores, o Zolmar Machado dos Santos que foi vereador do PTB, era membro do sindicato dos estivadores, estivador era aquele que carregava o saco no ombro, feijão, arroz, batata, pros navios e esses companheiros eram aqueles que faziam participavam desses movimentos todos.”*

Nos trechos acima aparece uma identificação, feita muitas vezes ao longo das entrevistas, entre a oposição à ditadura e a juventude. E, no último trecho, uma verificação de

que a base eleitoral do MDB era mais popular que a da Arena. Mesmo com todo o grau de oposição entre a Arena e o MDB, foi ressaltado que não foram alvos de agressões.

**Jorge Dupont:** *"Eles nunca nos agrediram [...] neste ponto, nós temos que dizer que a ditadura pra nós não foi cruel, porque eles achavam que nós éramos inofensivos [...] tanto é que certas coisas nós não nos envolvíamos, até avisávamos, quem quer ir problema teu. Agora, nós sabíamos que tinha de se galgar passo a passo aos poucos, e nós tínhamos exemplo lá de Brasília, dos malucos dos deputados que tocavam alguns discursos violentos e depois eram cassados [...] outro exemplo foi o Marcos Klassmann, inclusive o mote ou o título máximo da campanha dele era bem enorme, 'Vote contra o governo'"*.

A relação dos jovens com o MDB "adulto" também é mencionada, numa relação que oscilava entre a disputa e a colaboração:

**Celso Pitol:** *"E nós nunca tivemos uma relação muito pacífica com o, digamos assim, o MDB oficial. O Setor Jovem não era um órgão com registro oficial, não tinha naquela época CPF, não tinha CNPJ, era um órgão de contribuição política para dentro [...] a relação, eu 'tava dizendo aqui, a relação com os digamos assim, com o oficialismo partidário, que era a executiva municipal do MDB e também o seu diretório por vezes era truncada porque a juventude queria avançar na luta política e os mais antigos companheiros naquele período tinham receio, até pelo receio que possuíam de represália por parte da própria ditadura, do regime militar, mas nós, no embate político, a gente sempre acabava convencendo e a participação dos mais antigos do partido sempre foi muito efetiva e sempre teve a compreensão do tamanho da luta que nós tínhamos que empreender [...] eu lembraria do próprio presidente da Executiva Municipal, Paulo Enor da Silva Nunes, Osmar Raimundo da Paz, dos ex-vereadores Zolmar Machado dos Santos, Alcides Nascimento, João Osório Pereira, Galvão Soares Chaves, Hernane Fonseca Bastos, Nilton Leal Maria, Brasil da Fontoura Cabral, que eram integrantes mais velhos da Câmara e todos eles integravam a corrente antiga do partido e eram vereadores ao mesmo tempo, mas o Paulo Enor foi um companheiro que teve o grande alcance de entender a mudança de postura do partido, pelo tamanho que era, já que naquele período já tínhamos um deputado estadual e um federal, por isso mudamos de patamar político, porque Canoas passou a ser conhecida no país inteiro, quando tem um deputado em Brasília que fala em nome da cidade menciona Canoas como sendo a sua cidade de origem, quando um deputado vai à tribuna na Assembleia, mencionava que era oriundo da cidade de Canoas, então nós mudamos de patamar, isso foi um fato incontroverso que aconteceu na cidade, graças em muito à participação efetiva da juventude do nosso município, dos integrantes do MDB jovem"*.

**Jurandir Bonacina:** *"Eu acho que a participação crítica do Setor Jovem foi muito importante também, principalmente porque o pessoal, digamos assim mais vivido do partido, tu sabe que na época a maioria dos nossos companheiros não tinha uma formação, né, digamos maior, num sentido, tinha toda uma inteligência, uma experiência, uma bagagem respeitável, mas essa juventude vinha com pensamento da universidade e trazia pra dentro do partido [...] essa outra rapaziada mais jovem do que eu trouxeram essa ebulição, né, efervescência que existia dentro das universidades que foi um dos pontos de apoio nessa luta da democratização, a redemocratização, tu sabes que as universidades, o movimento estudantil foi fundamental, isso, e claro que os nossos colegas, os companheiros que estavam no setor jovem traziam todo esse sentimento essa articulação, essa efervescência pra dentro do partido. Foi uma oxigenação muito importante pra dentro do partido, principalmente em relação aos mais antigos, mais vividos, mais velhos né? Que evidentemente não tiveram essas oportunidades e não vivenciaram com tanta intensidade o que estava acontecendo, porque as coisas aconteciam mais no âmbito do movimento estudantil... realmente foi fundamental, tu sabes disso, os sindicatos, colegas participavam dos sindicatos, muitos importantes nessa luta também, os*

*movimentos sociais, CPERSs, esses órgãos todos, vários colegas participavam dos sindicatos, muitos importantes nessa luta também, os movimentos sociais, CPERS, esses órgãos todos, vários colegas participantes disso traziam essa contribuição, o que se discutia, qual era o sentimento, e oxigenava o partido, com certeza....”*

**Jorge Dupont:** *“Ah, alguns eram bem aceitos, outros eram resistentes, outros se fazia que gostavam e no fundo a gente sabia que não gostavam, eles ‘tavam vendo aparecer lideranças jovens, porque os nosso políticos de então eram de muito pouca escolaridade, eram líderes de vila, conhecedor de vila, mas pouco conhecimento, eram no máximo formado no primário, por aí”.*

**Gelson Nascimento:** *“Ah, cara, todo mundo se espelhava nesses caras, então quando nós tínhamos, íamos ter uma convenção mesmo adulto aqui em Canoas, né, que nós não tínhamos nada que ver, nós vínhamos até pra aprender um pouco mais, e tal, e a gente sabia que tinha um Pedro Simon, um Brossard, um Adroaldo...qualquer um desses políticos, a gente fazia questão de participar, pra aprender.”*

Note-se que, ao longo dos depoimentos, há uma demarcação clara de uma linha separatória entre a atividade oposicionista dos jovens e dos mais velhos. Essa convivência de gerações diferentes é, de acordo com René Rémond (2003), própria da dinâmica de todos os partidos políticos, e as diferenças entre uma e outra se explicam, segundo ele, pelas determinantes que influenciam o comportamento dos integrantes de cada uma delas. Tais determinantes foram mencionadas nos depoimentos acima e fundam a demarcação geracional. Essa demarcação é feita sob dois aspectos: em primeiro lugar, a maior propensão dos jovens a radicalizar o discurso oposicionista; em segundo lugar, um grau maior de formação escolar da juventude emedebista que, segundo os relatos, traria temas e práticas oriundas da vivência universitária para dentro do MDB.

As relações de alteridade se davam também no interior do Setor Jovem. As disputas com o MR-8 são enfatizadas no sentido de buscar espaços:

**Gelson Nascimento:** *“Eu me lembro bem do pessoal do MR-8, principalmente do Claudio Manfroi como cabeça do MR-8, eu abro os olhos e tô imaginando ele. Esse movimento eu me lembro, até porque ....veja bem.... como eu me preocupava vamos lá, processo de democratização, abaixo a ditadura, eu não me preocupava, te confesso que até hoje não me preocupo, quem é direita, quem é esquerda, pra mim ideologia de papel, o resto são atitudes. Então nunca me preocupei com esse tipo de coisa, eu queria uma coisa, eu queria que voltasse a democracia, mas pelas vias pacíficas, claro que a gente viu no decorrer do tempo que não era bem assim, que se tinha que tomar uma atitude mais drástica, mas não seria por meu intermédio”.*

Assim, os depoimentos identificam uma série de movimentos que revelam jogos de proximidade e distância e ajudam a definir o tipo de ação política que desempenham.

No trabalho de memória dos entrevistados, os cortes que demarcam a alteridade dos agentes em relação aos demais – sejam os de natureza etária, de natureza política ou quaisquer outros – são também fatores de individualização do Setor Jovem canoense e representam um

processo que inclui, em muitos casos, a própria valorização. É o caso da relação com a Arena, descrita como um espaço sem militância jovem, que “não representa nada”, em oposição ao Setor Jovem do MDB, que representaria o oposto.

Ressalta-se, ainda, a composição com outros setores jovens, em particular o de Santa Maria e a inserção do Setor Jovem de Canoas na criação de uma proposta socialista dentro do MDB, o que ajuda a reforçar a condição de jovens opositoristas dispostos a enunciar o discurso de oposição mais vigoroso do que os demais – incluindo os integrantes mais velhos do próprio MDB.

#### 5.3.4.4 Subtema 4: “Visão do Setor Jovem do MDB” (“Olhar para dentro”)

Os depoimentos trazem pontos de vista acerca da atuação do Canoas como um todo. Esses pontos de vista se dividem em dois tipos: o primeiro é uma visão geral do Setor Jovem desde a sua condição de grupo; o segundo é uma visão dos integrantes ali presentes e dos grupos que dele faziam parte.

Essa visão dos grupos mostra a relação de proximidade entre os integrantes:

**Jorge Dupont:** *“E ai no começo quem era mais ardente dos Uequed era a dona Elisabeth Uequed [...] Registre-se isso. Alias, eu quero voltar um pouco no tempo, a primeira vez que eu conheci a Beth Uequed tinha nos falado, eu morava na RS, morava bem pertinho, morava a meia quadra do colégio São Carlos, onde eu estudava, ‘olha vai ter uma reuniãozinha pra tratar dos assuntos aqui da comunidade’, acho que foi umas 10, 15 pessoas e eu fui junto, que eu encontro lá, um tal de Suca, Delcy Pacheco e a dona Elisabeth Uequed.”*

**Gelson Nascimento:** *“É, não, no meu tempo eu, o Celso falava muito bem, até hoje o Celso sempre falou muito bem, a Beth gostava de falar, a Beth gostava, a Linda falava, mas a Linda era mais das reuniões nossas, porque a Linda sempre foi muito mais, vou chamar um termo assim, mais doce, ela era mais, claro quando tinha que bater ela batia, mas era diferente da Beth, não, a Beth não, eu me lembro das convenções ela subia lá pra cima e fogo no circo e era isso que as vezes o pessoal gostava de ver, porque não queria só paz e amor, e gostava de guerra também, e a Beth transmitia isso, e ela o pessoal já conhecia ela, e se tivesse que ir pro enfrentamento físico ela ia, a Beth ia, né, então basicamente seria essa”.*

As narrativas acima ressaltam visões dos papéis desempenhados por cada um dos integrantes, aos quais são associadas determinadas características. Foi feita a menção, em vários momentos, a Elisabeth Regina Uequed, militante identificada por manter posicionamentos qualificados como “mais radicais”.

Nos trechos abaixo, aparece uma visão de coletividade que apaga as diferenças e vê o

grupo de modo homogêneo:

**Jorge Dupont:** “*Nós tínhamos uma identidade própria muito forte [...] nós éramos um pensamento mais cultural, acho que nós tínhamos mais assim...aqui também tinha grandes pensadores, os caras que ficaram a noite toda filosofando tomando chope , nos não, nós víamos , discutíamos assuntos, tinha uma noticia a gente procurava discernir aquela notícia...*”

**Jorge Dupont:** “*Nós éramos um grande time, nos éramos, acabei de dizer, nós não éramos, não tínhamos uniformidade, nós tínhamos discussões, tínhamos problemas, mas nos sempre procurávamos o entendimento, no final o objetivo comum, qual era o nosso objetivo maior por exemplo em tal coisa, então esse vai ser, nos vamos nos abraçar nisso e vamos até o fim nisso, nos abrimos mão de certas coisas.*”

**Jorge Dupont :** “*Canoas tinha direito a 21 votos na Convenção Estadual, tô falando do Setor Jovem, nós tínhamos briga interna, discussão, mas não passava disso, chegávamos na convenção estadual e nosso voto era fiel todo ele [...]*”

**Jurandir Bonacina –** “*Não, havia né, se sentia né, mas não era uma coisa tão, mas havia pessoas mais digamos mais progressistas pra usar uma expressão mais...no MDB mas no geral a grande maioria tinha uma visão mais progressista como todo jovem, uma visão mais progressista, a grande maioria tinha uma visão, né, dessa transformação social da sociedade, é o normal, é o sentimento [...] o nosso setor foi muito participativo*”.

**Gelson Nascimento:** “*[Havia] muito respeito pelo que Canoas pensava, balizava muito o entendimento deles, claro que a gente tinha setores jovens de algumas cidades extremamente radicais na mão de MR-8, enfim, qualquer movimento*”.

**Gelson Nascimento:** “*E vou te dizer mais. Eu me lembro que nós, depois, analisando o total de votantes e analisando as votações de todas as cidades do RS, o MDB estadual, nós tivemos mais votantes convencionais do que o próprio MDB estadual na sua convenção [...] Eu me lembro que a gente ia em massa e era impressionante quando Canoas se manifestava, e o respeito que todas as cidades e o próprio MDB Jovem do Estado reconhecendo a força de Canoas [...]*”.

Os trechos ressaltam uma homogeneização das ações, que apaga as diferenças de posicionamento dos integrantes. A essa noção, os entrevistados associam uma série de valorizações da trajetória desempenhada (“éramos um grande time”, “tínhamos uma identidade muito forte”, “éramos muito participativos”, “havia muito respeito pelo que Canoas pensava”) que seriam reconhecidas pelo Setor Jovem de outras cidades.

Apesar da diversidade inerente à condição de frente de oposições, os integrantes do Setor Jovem canoense situam-no dentro do espectro político da esquerda – algo que é reforçado, como vimos acima, pelos depoimentos dos integrantes de Santa Maria:

**Celso Pitol:** “*A média era centro-esquerda. Tínhamos gente dentro do Setor Jovem que era de extrema-esquerda [...] E tinha alguns que nós tínhamos profunda divergência, a estes o próprio vereador Nilton Leal Maria encontrou um apelido muito interessante, que eu até hoje não sei qual o significado da expressão ‘bigorrilho’, o Nilton, ele dizia o fulano é reacionário e bigorrilho, e era uma expressão que eu nunca esqueci, porque era uma expressão diferente, eu também não fui buscar no dicionário para saber qual é a definição de bigorrilho, mas deve ser alguma coisa assim do tipo, é traidor, é um reacionário ou um direitista*”.

**Jurandir Bonacina:** *“Como eu digo, o PMDB foi o grande guarda chuva de todo aquele pensamento que se opunha a ditadura, todas as correntes que se opunham e logico com o pluripartidarismo se procurou fazer cada um se encaminhar digamos, pra um partido que tivesse mais o seu perfil, mais à esquerda, e menos de esquerda, [...] nós na verdade sempre fomos de centro-esquerda [...] se analisar uma visão de compromisso social, de transformação social de diminuição das desigualdades, questão da reforma agrária todas essas grandes bandeiras é claro que eu me enquadraria de centro-esquerda”.*

Verifica-se, nesse processo de “olhar para dentro”, um trabalho de valorização do Setor Jovem de Canoas. Ressalte-se a relevância das ações políticas conduzidas pelo grupo, atribuindo-se-lhe uma “voz ativa” distinta. Visando reforçar os pontos de vista expressos, convoca-se o reconhecimento dos agrupamentos das outras cidades. Emerge, também, uma leitura de grupo como portador de bandeiras “progressistas”, de “centro-esquerda” ou de “esquerda”, o que vem acompanhado de uma celebração da participação do Setor Jovem na vida política, envolvendo a consagração de algumas pessoas e do grupo ao qual pertencem. Esse processo enfatiza, ao fim, uma identidade própria do Setor Jovem de Canoas.

### 5.3.5 Fim do MDB e releituras

As leituras retrospectivas realizadas anos após o ocorrido permitem aos agentes situar aquele momento vivido na sua trajetória de vida inteira. O rememorar assume o papel de avaliação daquele momento vivido, assim como da ação dos demais colegas de militância. Segundo Paul Ricoeur, o reconhecimento de si e do outro é um ato fundamental para a constituição da memória (RICOEUR, 2007).

Essas leituras aparecem nesta unidade temática. Delas emergem os seguintes subtemas: “O que o Setor Jovem me deu” e “Estávamos todos juntos, depois nos separamos”.

#### 5.3.5.1 Subtema 1: “O que o Setor Jovem me deu”

Os depoimentos abaixo ressaltam a importância que a participação no Setor Jovem do MDB teve na formação pessoal e política dos entrevistados:

**Jorge Dupont:** *“Porque foi o Setor Jovem que me deu todo o lastro de conhecimento e eu era muito metido, as vezes eu ia tomar café lá na bancada conversar com um cara muito, vamos dizer assim, uma pessoa que era um vereador meio azedo, mas era uma ótima pessoa, que era o Nilton Leal Maria, sempre estava com a cara de azedo [...]”.*

**Linda Lúcia Uequed Pitol:** “Porque tu ouve falar, tu começa....tu é de Canoas, tu mora na Triângulo, tu só convive com um segmento populacional sem nenhuma cultura política....a única coisa, ah, que eram trabalhistas e tal, tu começa a conhecer que existiu um Lênin, que existiu um Trotsky, eu nunca tinha ouvido falar nesses caras [...] não tinha Internet, não tinha Google pra eu ir procurar, então tu ia ouvindo e tal, a Beth, aí a Beth começou a comprar livros, sobre a Revolução Russa, mas era escondido, porque a minha mãe tinha muito medo se eles batessem numa casa que tivesse aqueles livros, tu ias preso. O nosso vizinho de baixo, que era primo do Brizola e tinha sido expurgado da Aeronáutica, o seu Ney Calixto, porque integrou aquele grupo que tentou uma resistência quando deu a revolução...era nosso vizinho de baixo, ele invadiram a casa dele, o apartamento de baixo e levaram todos os livros, e a minha mãe sabia dessas histórias. Então ela tinha muito medo daqueles livros que a Beth tinha, ela estava sempre escondendo porque pensavam ‘vai que cheguem aqui’”.

**Gelson Nascimento:** “Então em primeiro lugar, o Setor Jovem ela me deu assim, ó, me abriu uma visão mais geral de mundo, do mundo político, geral. Segundo, ele despertou em mim uma coisa que pelo menos o pessoal que convive comigo em todas as áreas entende que eu tenho, uma relativa liderança, e eu consegui isso no Setor Jovem [...] Me deu isso. Tanto é que quando eu fui a, que nós estávamos já em preparativos lá pra nomeação, a eleição do futuro presidente e o meu nome foi jogado e eu fui eleito, eu vi ali uma oportunidade de crescimento, de liderança, porque liderança é uma coisa que tu adquire, mas tu já tem que ter, como aquilo, de repente ela tá lá, quietinha, de repente ela aflora. Mas é uma coisa que tu vai ao longo do tempo amadurecendo e isso dentro do Setor Jovem fez eu amadurecer, e isso me criou uma perspectiva de vida pessoal e profissional pro resto da vida. Hoje, muito do que a minha visão que eu tenho não só visão política, mas visão de vida, de ser humano, eu consegui dentro do Setor Jovem, a própria humildade de reconhecer as coisas, aceitar as coisas, e brigar por um ideal, mas brigar de uma maneira justa, eu volto ao termo, paz e amor, sem derramamento de sangue, porque é um ideal que tu adquire. E se tu fizer uma coisa diferente tu vai quebrar, como eu falei há pouco também que eu quando quase fui candidato em 80 a vereador, eu estaria quebrando não digo uma promessa, mas uma norma pessoal de nunca concorrer, entende, porque a minha visão da coisa era brigar por aquilo que entendo, como um cidadão, sem ter mandato para continuar”.

**Gelson Nascimento:** “Eu diria assim, ó, eu não seria o que eu sou hoje se eu não tivesse tido a oportunidade e o prazer de militar durante esses anos todos no Setor Jovem, as lições que eu aprendi, as convicções que eu tinha e foram reafirmadas, e os compromissos que eu adquiri lá e continuam até hoje. Volta e meia eu encontro um outro, ou, ‘fazia tempo que não te encontrava, pô, cara eu pensei que eu ia encontrar aqui um vereador em Canoas’ eu digo, ‘não, cara, sabe que eu penso, que eu disse que eu nunca ia conseguir’, ou seja, são valores, que eu formei, foi o período da minha vida, que é de formação. [...] Pensa assim, tu, pelo menos comigo é assim, com a maioria do pessoal que eu convivo, até 18, 19 20, anos tu tá vendo pra onde tu vai, mas depois dali, até os 25, 26, tu tá formando a tua bagagem futura e foi exatamente esse período que eu peguei [...] Foi dentro do Setor Jovem. Então eu te diria assim, ó, eu tive uma formação acadêmica, eu tive uma formação familiar excepcional, muito do que eu sou em termos de atitude e caráter eu devo ao meu pai e minha mãe, e muito do que eu sou, mas muito mesmo, foram das lições que eu falei, que eu aprendi e tive no Setor Jovem, sem contar claro as amizades que a gente fez, os fatos que a gente presenciou, isso é impagável, a memória às vezes falha um pouco, mas alguém por aí que conviveu deve ter registros fotográficos, diferente hoje, né, se fosse hoje ‘tava tudo registrado, Whatsapp, Facebook, enfim na época nós não tínhamos, então a gente hoje aquilo que tá registrado, alguém deve ter alguma foto ou outra, que registra esse momento, mas....”

**Rubert Janke:** “Fez eu ver um mundo diferente. Um mundo diferente. Eu tinha pouco estudo, eu cheguei a ser gerente de loja [...] a gente não esquece daquele

*tempo, ali, é um tempo assim que era muito bom, era divertido, era muito bacana, era o medo e a vontade de vencer, e se venceu através da batalha, se não tivéssemos batalhado não sei. E como sempre dizia uma andorinha só não faz verão, né? São várias andorinhas, tem umas andorinhas que são meio paradinhas, outras são mais ecléticas, mais ágeis...eu sempre tive mais olhos de águia, assim, mais de observador, vendo o que que as pessoas falam, pra depois tirar conclusão, fazer uma síntese do que as pessoas fala. E muitas vezes tu não peca em não falar, observa, daí sim tu tem a tua palavra e aí tu fala com convicção, muitas vezes que nem o discurso desse noiado desse Tiririca, de despedida dele do congresso, aquilo foi um escárnio, um voto de protesto que nem uma vez o cacareco foi eleito deputado, voto de protesto [...].”*

**Celso Pitol:** *“Ele foi decisivo. A participação no Setor Jovem foi decisiva porque, na medida em que nós tínhamos, eu logo em seguida integrei o diretório do MDB, mas no diretório a grande maioria era de companheiros de muito mais idade do que eu tinha naquele período, eu era um jovem com vinte e poucos anos, vinte e dois anos, e a minha formação, né, se deu, inclusive ideológica, ela foi ela surgiu e eu aprimorei dentro do movimento do MDB, ali eu consegui discernir o que era certo e o que era errado, no que tange às liberdades democráticas, embora com todas as dificuldades que nós tínhamos e as divergências internas que as vezes a gente possuía, eu consegui formatar minha cabeça, a minha mente e me definir ideologicamente. [...] o Setor Jovem foi a minha grande formação política [...] Mantenho relação com vários, o Cezar Schirmer eu encontro com ele seguido, semana passada encontrei o Pedro Bisch Neto, Paulo Ziulkowski era companheiro meu, visitei o Sérgio Weigert ano passado e a Maria Rita de Assis Brasil.....então, quando de vez em quando encontro com já dificuldade pra reconhecer, o cabelo tá branco, a relação tá mantida.”*

A avaliação do “patrimônio” comum do MDB aparece nos seguintes trechos:

**Jorge Dupont:** *“Então eu quero dizer o seguinte, o Setor Jovem produziu, em suma, algumas pessoas, o Celso foi vereador, o Potrich foi vereador...o próprio Jurandir Pedro Bonacina acho q foi oito vezes vereador, isso tudo foi um trabalho que o setor jovem deixou um lastro, o setor jovem também compunha esse patrimônio [...] formou bons políticos que não se formam mais hoje, formou líderes, não digo formou, porque os líderes já existiam, ele foi o lugar onde acolheu e aprimorou e os caras tiveram, vamos dizer assim, a oportunidade de poder começar a se abrir mais, começar a marchar.”*

**Celso Pitol:** *“Naquele período de 75, 76, pra diante, muitas delas hoje são aí, são deputados estaduais, federais, alguns secretários, advogados, brilhantes advogados, professores, o Adelmo Genro foi depois logo depois foi ser, se não me engano, pró-reitor e professor universitário em Santa Catarina, a na Universidade de Santa Catarina, o Sergio também foi, e foi assessorar deputados e senadores em Brasília, o Sergio Weigert, mas todos eles foram adquiriram a experiência política e a sua formação ideológica no movimento jovem do MDB, eu não tenho nenhuma dúvida em afirmar isso, foi um grande movimento político que nós tivemos no estado do RS e que se espalhou por todo o país”.*

**Maria Rita de Assis Brasil:** *Essa geração aí é uma geração de militantes e que, de alguma maneira continua militante. As lideranças continuam militantes, cada um na sua área, mas...o Zé Ivo é hoje governador do Estado, o Memo não está aqui mas foi um intelectual reconhecidíssimo, eu tenho uma militância sindical hoje enfim, sou inquieta até hoje e tal, e assim vai, o Celso tá aí, quer dizer...*

A condição de “momento especial” aparece nos depoimentos sob dois enfoques. O primeiro diz respeito ao coletivo: o Setor Jovem do MDB é definido como um espaço de

formação de atores políticos cujo legado pode ser visto, hoje, nos muitos “agressos” que ocupam posições na vida pública. O segundo é o individual: os entrevistados inserem os anos de Setor Jovem na grande narrativa de suas vidas, atribuindo-lhes a obtenção de vários ativos. São os verdadeiros “anos de formação” desses entrevistados, passados em meio à ação política.

A atribuição desse significado é, segundo Olivier Ihl, um elemento fundamental para a constituição da “condição política”. Segundo ele, tal condição se elabora a partir de uma sucessão de relações de interdependência que escapam ao cálculo racional e ao mecanicismo: ela reflete um passado representado e celebrado em comum (IHL, 2002). É esse passado celebrado e representado através das narrativas memoriais que orienta a significação conferida pelo momento vivido e o inscreve na trajetória de vida. Trata-se, portanto, de um momento fundamental para formar a identidade política daquele grupo.

Ao mesmo tempo, lança-se mão de elementos integradores, conforme se verá no próximo subtema.

### 5.3.5.2 Subtema 2: “Fim dos tempos de pureza”

O período do fim do MDB e do bipartidarismo é referido como um momento de transição na vida dos entrevistados:

**Jurandir Bonacina:** *“E na verdade, foi um momento de muita ebulição, de muita efervescência daqueles que compunham o MDB, porque aí houve toda aquela questão de vou te dizer assim a luta do Brizola, da formação do PTB da perda da sigla pra Ivete em função do Golbery que articulou toda aquela questão, tô assim tentando fazer a memória funcionar, então aqui também as acomodações de cada um seguiam aí n razões, cada um tem a suas razões respeitáveis, por exemplo o Nilton Leal Maria era um exemplo de cidadão e de político, pra citar um entre tanto que eu poderia citar como o Zolmar machado e outros, o Nilton tinha uma vertente muito forte no velho PTB, e foi pro PTB e depois com a perda da sigla foi se formou o PDT, e o Nilton evidentemente foi pro PDT, um exemplo, então deixou do digamos assim o MDB, deixou o PMDB no caso são pessoas saíram do que seria o caminho deles, ó, somos o MDB o caminho é o PMDB não, com o pluripartidarismo cada um procurou se encaminhar pra sua vertente, talvez, né, o Nilton do velho PTB, eu fiquei no MDB, aí tu tinha toda uma ligação com o Giacomazzi, aquelas questões contextuais do momento que eu te falei antes, cada um procurou seguir digamos o seu caminho, a sua consciência partidária e tem de ser respeitada e são todos merecedores do maior respeito”.*

**Gelson Nascimento:** *“...Tinha um colega bom falante....morador da Rio Branco.... que também já ‘tava entrando na política...já gostava.... aí eu me encontrei um dia....puxa vida....não lembro com quem do partido....e disse....olha.... eu resolvi não concorrer...mas eu tenho um cara lá da Rio Branco.... quente lá pra vocês....o Mauro Guedes.... os caras....”pô legal....vamos ver”....aí começaram a articular....*

*convidaram o Mauro....o Mauro foi...foi eleito vereador...né...então eu diria assim....a partir desse momento....da eleição de 80.... como eu digamos assim.... foi o ultimo sopro digamos assim de perspectiva de continuar.... mas aí de uma maneira diferente.... aí já procurando um espaço político.... de repente até conseguindo uma cadeira na Câmara.... o que seria contra os meus princípios.... e quando tirei esse peso das minhas costas.... ‘eu não vou concorrer porque posso estar prejudicando o pai’....naquele momento eu definitivamente abdiquei e sepultei qualquer interesse político eleitoreiro que eu quisesse....e depois.... **por razões óbvias tu começa a te afastar porque aí o momento era outro.... pluripartidarismo.... né.... aí explodiu. [...]**Aí apareceu um monte de partidos....um monte de interesses..”*

Esse momento é mencionado nos depoimentos como o fim do período da ação política desinteressada e militante.

**Gelson Nascimento:** *“Pureza. Eu chamo de pureza [...]Veja bem, todo esse tempo que eu falei nós falávamos de um período da década de 60 e 70, em que o político pagava pra ser vereador, o político sem mandato ele fazia aquilo porque ele lutava por um objetivo, democracia, liberdade, voto aberto, e aquilo era pureza, do sentimento da pessoa, e no momento em que acabou isso, com o bipartidarismo, o multipartidarismo, aí tu abriu a porteira”.*

**Gelson Nascimento:** *“E tem uma coisa muito interessante, não sei se algum desses que tu já entrevistou teve falando, mas eu me lembro exatamente da época de transição do bipartidarismo para o pluripartidarismo, e era muito comum termos convenções, convenções não, mas reuniões, é.....qualquer evento político que vinha elementos ou companheiros de outros partidos [...] Porque era gente que ‘tava umbilicalmente ligada ao MDB e por razões pessoais, de liderança do Brizola, por exemplo, foram pra outro partido, mas igualmente estavam ligados ao MDB [...]então quando tinha algum evento do MDB ou PMDB vinham pessoal dos outros partidos, vinham porque , porque ainda eram **companheiros fraternos**, não se viam , como hoje, inimigos políticos, não, a bandeira era a mesma, só que numa sigla diferente, o respeito continuava, a amizade continuava, então era muito comum.”*

Perceba-se que, nos momentos imediatamente posteriores ao fim do bipartidarismo, a “pureza” aludida pelo entrevistado ainda tem lugar. Aos poucos, contudo, ela desaparece e a relação entre “companheiros fraternos” cede lugar à disputa política no interior da oposição.

Emerge, assim, a ideia de que a atuação política do Setor Jovem do MDB está relacionada à “pureza” de uma “Idade do Ouro”, de harmonia e união, à semelhança da Idade do Ouro da Grécia antiga; e, como a antiga Idade do Ouro, a dissolução daquele período está ligada ao fim da unidade. Essa construção de memória apaga as diferenças internas que, aqui ou acolá, foram mencionadas anteriormente entre os integrantes do MDB para construir uma ideia de que a ação política daquele momento, ao contrário da desenvolvida hoje, era marcada pela “pureza” mencionada.

#### 5.4 A memória de uma geração

A abordagem do tema da geração que procurei fazer – e que está exposta nas partes 3.1.3 e 3.2 deste trabalho - define-a como uma comunidade de recordação fundada na partilha de experiências em eventos decisivos passados no período da formação de esquemas cognitivos do real, isto é, no período da juventude. Tais eventos foram objeto de releituras por parte dos entrevistados, que lhe atribuem um valor especial através de uma reconstrução memorial. Funda-se, assim, essa comunidade de recordação, capaz de elaborar uma narrativa memorial comum de um tempo vivido.

Nessa pesquisa, os entrevistados concentram seus depoimentos em torno de sua participação na oposição à oposição ditadura civil-militar brasileira inserida no Setor Jovem do MDB de Canoas (RS). A experiência nesse momento da oposição à ditadura une os entrevistados e sedimenta uma ideia de pertencimento a um grupo que atua em um dado período – entre os anos de 1972 e 1979 – e em um dado espaço físico, isto é, a cidade de Canoas. Esse momento é alvo de interpretações, que o inscrevem em um nóculo narrativo comum.

Dentro dessa narrativa, destaca-se a experiência em eventos decisivos, como a campanha eleitoral de 1976, onde o Setor Jovem de Canoas alcança, assim como o de outras cidades, um espaço na Câmara de Vereadores, elegendo três candidatos. Esse evento traz em seu bojo uma série de aproximações e diferenciações, que operam cortes em relação a grupos com diversos graus de distinção: a Arena e seus candidatos e militantes; o MDB “adulto”; os integrantes de grupos rivais dentro do Setor Jovem; e os militantes dos Setor Jovens de outras cidades.

Também são constituídos uma série de espaços de inscrição memorial, aos quais as narrativas dos entrevistados conferem relevância simbólica. É o caso da Assembleia Legislativa e de espaços a ela relacionados, como a Praça da Matriz, o plenário e o IEPES.

As releituras do período enfatizam dois pontos: a formação dos agentes, tanto em nível pessoal como em nível político, por coincidir com os anos de amadurecimento; e a consagração daquele momento, definido como “extraordinário”, onde a união prevalecia sobre o individualismo – sendo este último identificado com a migração para os partidos que surgem a partir dos anos 1980. A adesão ao projeto comum de combate à ditadura, com pouco espaço para eventuais divergências de pensamento, ajuda a compor a ideia de uma política “diferente” da de hoje, onde os partidos e militantes disputam por motivos tidos como

“menores”, sem o grande objetivo comum.

Essa comunidade de recordação, ao articular essa narrativa comum, elabora uma memória de ação política fundada na *voz*, onde jovens indivíduos políticos realizam sua inserção política numa organização partidária de oposição em um regime autoritário. Essa memória é composta por elementos de aproximação, conjunção e separação, que servem para, através de processos de diferenciação e identificação, estruturar uma narrativa com identidade própria.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui desenvolvido teve como foco o estudo dos relatos memoriais dos ex-integrantes do Setor Jovem do MDB de Canoas. Ao longo do trabalho, busquei compreender como a construção das memórias – através da narrativa – desses ex-integrantes informava acerca de sua constituição como atores políticos e como, nessas memórias, apareciam percepções, leituras e releituras sobre a própria atuação, a visão que tinham do grupo (ou dos grupos) onde se inseriam, a época em que viveram e o espaço onde atuavam.

As narrativas se passam em uma Canoas marcada por uma vida urbana que se desenrola sobretudo nas vilas, onde, antes do golpe civil-militar de 1964, tem força a ação política do antigo Partido Trabalhista Brasileiro. Essa força é demonstrada a partir da formação pessoal dos próprios entrevistados, todos eles filhos de pessoas ligadas ao partido ou simpatizantes dele. Os depoimentos enfatizam a relevância dessa formação.

Também ganham relevo, nos depoimentos, a menção a eventos da época, como a Campanha da Legalidade, o golpe civil-militar de 1964 e a decretação da Área de Segurança Nacional em Canoas. Esses eventos constituem marcas na formação e na mentalidade dos entrevistados.

O ingresso no Setor Jovem do MDB se dá no começo dos anos 70 e deixa à mostra uma relação ambivalente com a noção de proibição: se, por um lado, os integrantes participavam da oposição legal à ditadura civil-militar, tendo, portanto, a sua atividade permitida, por outro atuam em limites pouco discerníveis, e transpassa-los poderia trazer problemas. Essa “zona gris” a que aludi em dado momento da dissertação conforma as ações políticas desenvolvidas, que oscilam entre a moderação (que é frequentemente identificada com os mais velhos do MDB) e a ousadia (identificada como sendo próprio da juventude). O trabalho de memória desenvolvido pelos entrevistados enfatiza essa dicotomia em vários momentos.

Essa condição de oposição revela-se nas ações políticas desenvolvidas ao longo do período. Aí se destacam as estratégias de mobilização, que incluem a denúncia do modelo socioeconômico, a crítica à falta de liberdade na ditadura e, no caso dos jovens, o uso de uma linguagem mais acessível a fim de promover laços de aproximação com o eleitorado desta faixa etária. Também é mencionada uma ação inovadora, consubstanciada no apoio a certos temas fundamentais como a questão da mulher e do ambientalismo. Tais ações transcorrem

numa recusa ao que entendem como "radicalismo", que aparece como um potencial adversário para a conquista dos seus objetivos políticos.

As campanhas políticas desenvolvidas naquele período assumem um papel decisivo. É o caso, em particular, da campanha de 1976, quando o Setor Jovem, na pessoa dos seus candidatos a vereador, ganha um novo espaço político.

A ação militante é descrita dentro de um marco de proximidade, camaradagem e cumplicidade, ao qual se opõe, nas narrativas, o tipo de militância que ocorre hoje. Essa ação ocupa um espaço fundamental nos depoimentos dos entrevistados.

Nessa ação, a condição de jovens ganha proeminência nas narrativas e na reconstrução memorial, sendo um dos muitos cortes demarcadores daquele grupo em relação aos demais. Associa-se a atuação dentro da oposição à condição de jovem.

São mencionadas as relações de proximidade e distanciamento com outros grupos - o MDB "adulto", os Setores Jovens de outras cidades, o MR-8 e a Arena. Dentre os agrupamentos, recebe particular destaque o Setor Jovem de Santa Maria, tido como mais próximo dos integrantes canoenses. Em todas essas relações de proximidade e diferenciação, conceitos como oposição, juventude e, ocasionalmente, esquerda (em suas diversas matizes) aparecem como fatores de aproximação e distanciamento.

Também emergem espaços que assumem significados, como a Assembleia Legislativa, descrita simbolicamente como "casa", a Praça da Matriz, como o espaço de reunião e demonstração de poder político, onde opera-se o reconhecimento dos pares, e vários locais dentro da cidade de Canoas (vilas, bairros e outros.).

Na caracterização como grupo, aparecem releituras consagratórias, às quais se associa a relevância do Setor de Canoas e a sua identidade distintiva.

Por fim, a participação no Setor Jovem é mencionada como um momento excepcional, decisivo para a formação política e pessoal dos entrevistados. São os "anos de aprendizagem e formação". Parte da "excepcionalidade" desses anos aparece ligada à ideia de união em torno de causas, desprendimento e "pureza", à qual se opõe a política de hoje, marcada por individualismo. Surge uma noção de geração constituída por uma comunidade de recordação, que se afirma a partir de certos eventos vividos em comum e uma atribuição comum de sentidos às práticas desenvolvidas pelos integrantes do Setor Jovem.

Assim, a construção das memórias daquele período mostra a importância daqueles

anos para a sua constituição como atores políticos e, mais do que isso, como sujeitos atuantes em todos os níveis. A ação política destes jovens desenvolve-se dentro do marco da voz no sentido de Hirschman, com todas as ambivalências e dificuldades próprias deste tipo de ação em um regime autoritário.

No que diz respeito à metodologia, devo dizer que a História Oral não apenas satisfaz plenamente todos os objetivos busquei atingir neste trabalho: ela também abriu para mim um novo campo de investigação. Importante ressaltar aqui o que já foi dito no começo do trabalho: os estudos sobre a ação da oposição à ditadura no Brasil têm ainda muitas lacunas. No caso específico da juventude do MDB canoense e rio-grandense, temas como o momento de passagem do bipartidarismo para o pluripartidarismo, as relações entre os jovens de diversas cidades e os vários discursos políticos existentes no interior do Setor Jovem são alguns dos novos caminhos de pesquisa que, creio, este trabalho pode abrir.

## BIBLIOGRAFIA

- ADRIAANSEN, Robbert-Jan. **Between experience and memory**. Disponível em: <<https://www.eur.nl/sites/corporate/files/adriaansen.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016
- ALBERTI, Verena ; PEREIRA, Amílcar Araújo. **História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas de história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004. 15f.
- ALBERTI, Verena. Da “versão” à “narrativa” no Manual de História Oral. In: **História Oral**, v. 15, n. 5, p. 159-166, jul-dez 2012.
- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- ANGELI, Douglas Souza. Partidos, eleições e poder local: análise das trajetórias eleitorais do PTB e do MDB em Canoas/RS (1947-1976). **Escritas: Revista do Curso de História de Araguaína**, [S.l.], v. 6, n. 1, maio 2015. ISSN 2238-7188. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1430>>. Acesso em: 24 outubro 2017.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARASH, Jeffrey A. O lugar da lembrança. Reflexões sobre a teoria da memória coletiva em Paul Ricœur. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2 n.6, Jan/Jun.2012. p. 64-75.
- BENEVIDES, Maria Victoria. Ai que Saudades do MDB. **Lua Nova**, Vol 3, N 1, 1986.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- BESSE, Jean Marc. Le paysage, espace sensible, espace public. **META: Research in Hermeneutics, Phenomenology, and Practical Philosophy**. V. II, n. 2, 2010.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora UnB, 13ª Ed., Vol. 2, 2007
- CARVALHO, Alessandra. **“Democracia e desenvolvimento” versus “Segurança e desenvolvimento”**. As eleições de 1974 e a construção de uma ação oposicionista pelo MDB na década de 1970. vol.28, no 48. Belo Horizonte: VARIA HISTORIA, jul/dez 2012. p.555-572.
- COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à Ditadura Militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1997
- FROTA, Sylvio. **Ideais traídos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006
- GASKELL, George; BAUER, Martin W. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 4º ed. Petrópolis: editora Vozes, 2005
- GAUTHIER, Guy, **O documentário: um outro cinema**, Campinas: Papyrus. 2011

GAXIE, Daniel. Économie des partis et rétributions du militantisme. In: **Revue française de science politique**, vol. 27, n° 2, fev. 1977

GUIMARÃES, Ulysses. **Navegar é preciso, viver não é preciso**: Navegar é preciso, viver não é preciso. Disponível em: <[http://www4.tce.sp.gov.br/sites/tcesp/files/downloads/navegar\\_e\\_preciso\\_-\\_viver\\_ao\\_e\\_preciso.pdf](http://www4.tce.sp.gov.br/sites/tcesp/files/downloads/navegar_e_preciso_-_viver_ao_e_preciso.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HIRSCHMAN, Albert. **Exit, voice and loyalty**: responses to decline in firms, organizations and States. Harvard University Press, 1970

HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IHL, Olivier. Socialisation et événements politiques , **Revue française de science politique**, vol. 52, n° 2, 2002.

KINZO, Maria D'Alva Gil. **Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB, (1966-1979)**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988

KRANE, Dale. "Opposition Strategy and Survival in Praetorian Brazil, 1964–79." *Journal of Politics*, vol. 45, fev. 1983.

LAMOUNIER, Bolívar. **Presidente Prudente: O Crescimento da Oposição num Reduto Arenista**. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/45qyc/pdf/lamounier-9788599662960.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

LINDSETH, Anders; NORBERG, Astrid. A phenomenological hermeneutical method for researching lived experience. **Scandinavian Journal Of Caring Sciences**, v. 18, n. 2, p.145-153, 2004

LINZ, Juan José. 1987. **La quiebra de las democracias**. Madrid: Alianza

LUCENA, C. T. **Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes**. Belo Horizonte: Arte e Ciência, 1999.

MANNHEIM, K. "El problema de las generaciones", **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, v. 62, 1993.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011

MOREIRA ALVES, Maria Helena. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

MUXEL, Anne, L'engagement politique dans la chaîne des générations, **Revue Projet**, n° 316, 2010.

MUXEL, Anne. Les choix politiques des jeunes à l'épreuve du temps. Une enquête longitudinale. **Revue Française de Science Politique**, v. 51, n. 3, p 409-430, 2001a.

MUXEL, Anne. **L'expérience politique des jeunes**, Paris, Presses de Sciences Po, 2001b.

NADER, Beatriz. **Os autênticos do MDB, semeadores da democracia**. São Paulo, Editora Paz&Terra, 1998.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. **Topoi**, Rio de Janeiro, 2017, vol.18, n.35, pp.429-446

OLIVEIRA, Ueber José de. **Configuração político-partidária do Estado do Espírito Santo no contexto do regime militar: um estudo regional acerca das trajetórias da ARENA e MDB (1964-1982)**. Tese (Doutorado) UFSCAR, São Carlos, UFSCAR, 2013.

PASQUINO, Gianfranco. **La Oposición**, ed. Alianza Universidad, 1997.

DE PAULA, A. C.; SPERBER, S. F. (Org.). **Teoria Literária e Hermenêutica Ricoeuriana: Um Diálogo Possível**. 1 ed. Dourados: Editora UFGD, 2011

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PUCINI, Sérgio. Introdução ao roteiro de documentário. **Revista digital de cinema documentário**. Doc On-line, n. 6, p. 173-190, ago. 2009.  
Disponível em: [http://www.doc.ubi.pt/06/artigo\\_sergio\\_puccini.pdf](http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_sergio_puccini.pdf). Acesso em: 18 mar. 2018.

RANINCHESKI, Sonia. **História, poder local, representação: a Câmara de Vereadores de Canoas**. Canoas: La Salle / Câmara Municipal, 1998.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (orgs.). **A ditadura que mudou o Brasil**. 50 anos do golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014

REIS, Eliana Tavares dos. **Juventude, Intelectualidade e Política: espaços de atuação e repertórios de mobilização no MDB gaúcho dos anos 70**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001

RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003

REMOND, René. Por que a história política? **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 7-19.

RICOEUR Paul. **Soi-même comme un autre**, Seuil, 1990

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007

RICOEUR, Paul. Arquitetura e narratividade. in: **Urbanisme**, n.303, nov/dez, p. 44-51, 1998.

RICOEUR, Paul. **Do texto à acção**. Ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés-Editora, 1989

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa, v. 1.** Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa, v. 2.** Campinas: Papyrus, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa, v. 3.** Campinas: Papyrus, 1997.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. A formação do MDB e a influência do quadro político anterior. **Revista de Sociologia e Política**, [S.l.], n. 06-07, p. 201-212, dez. 1996

SEREZA, Haroldo Ceravolo. **Em São Paulo, teatro lotado de intelectuais assiste à estreia do ‘filme de FHC’.** Disponível em: <<http://cebrap.org.br/em-sao-paulo-teatro-lotado-de-intelectuais-assiste-a-estreia-do-filme-de-fhc/>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

TOMAIM, Cássio dos Santos. **O documentário e sua ‘Intencionalidade Histórica’.** **Doc On-line**, n. 15, Dezembro 2013, [www.doc.ubi.pt](http://www.doc.ubi.pt), pp. 31 Artigo, disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5366128.pdf>. Acesso em: 09/12/2017

TOMIZAKI, Kimi; DANILIAUSKAS, Marcelo. Os jovens e a política: do mal-estar a novas formas de expressão na vida pública. Entrevista com Anne Muxel. **Proposições**, Campinas, v. 29, n. 1, p. 347-356, Apr. 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072018000100347&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072018000100347&lng=en&nrm=iso)>. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ait/ait-02-65.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ait/ait-02-65.htm)

VERISSIMO, Erico. **Um lugar ao sol.** Porto Alegre: Globo, 1982

### **Publicações oficiais**

Ato Institucional nº 1 de 9 de abril de 1964. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-01-64.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-01-64.htm). Acesso em: 20 de setembro de 2017.

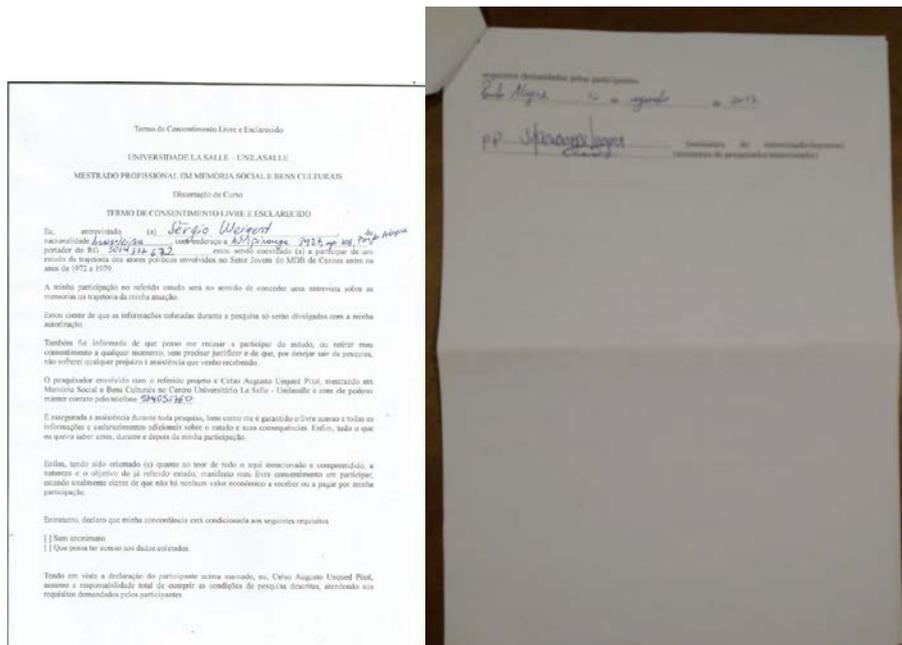
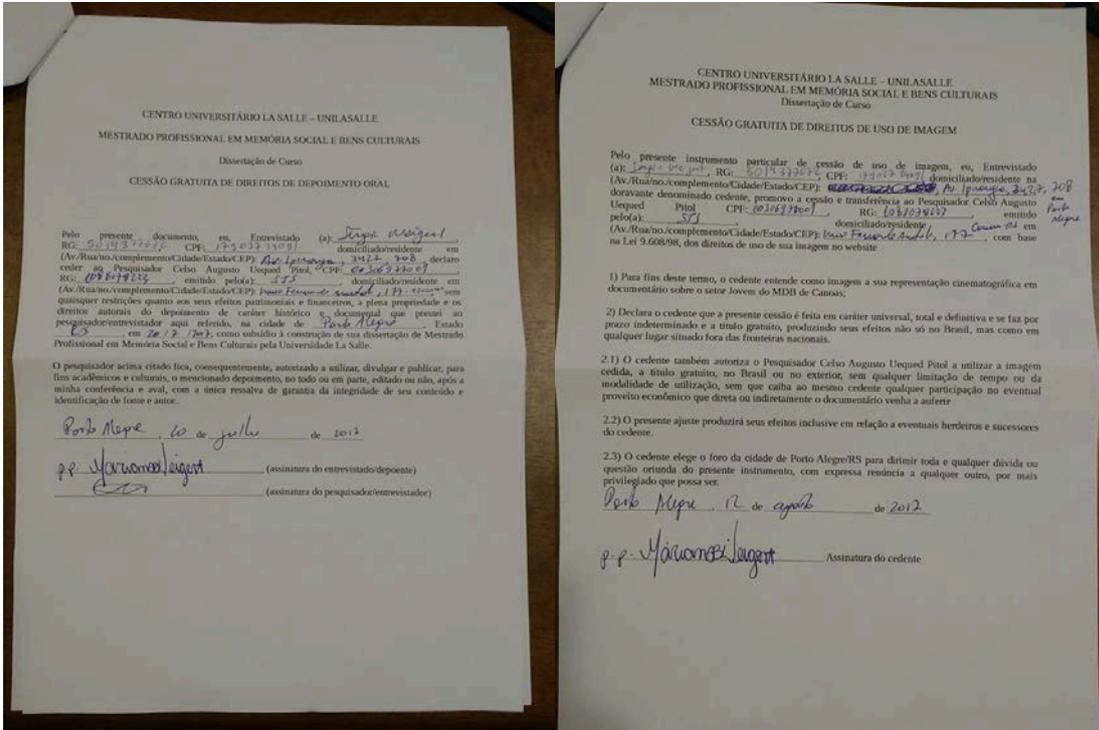
Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-02-65.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-02-65.htm). Acesso em: 20 de setembro de 2017.

Ato Institucional nº 4, de 7 de dezembro de 1966. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-04-66.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-04-66.htm). Acesso em: 20 de setembro de 2017

Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-05-68.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm). Acesso em: 20 de setembro de 2017.



# APÊNDICE A – Cópias dos termos de consentimento livres e esclarecidos



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE LA SALLE - UNILASALLE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
Dissertação de Curso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, entrevistado (a) Robert Jensen de nacionalidade Ameghino, com endereço a N. Pellegrini 122, Caceres e portador do RG 102.462.022.292, assim sendo, declaro (a) a participação de um estudo de pesquisa dos atores políticos envolvidos no Setor Juvenil do MDB de Caceres entre os anos de 1972 e 1979.

A minha participação no referido estudo será ao acatado de conceder uma entrevista sobre as memórias no trajeto da minha atuação.

Fatos ciente de que as informações coletadas durante a pesquisa não serão divulgadas com a minha autorização.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e de que, por designar-se da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo a assistência que venho recebendo.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é Celso Augusto Uequed Pitol, matriculado em Matrícula Social e Bens Culturais no Centro Universitário La Salle - Unilasalle e com ele podem manter contato pelo telefone: 3192655920.

É assegurado a sua integridade durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Então, falo o que eu quero sobre estes, durante a duração da minha participação.

Então, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Entretanto, declaro que minha concordância está condicionada aos seguintes requisitos:

Sem anonimato.  
 Que possa ter acesso aos dados coletados.

Tendo em vista a declaração do participante acima assinado, eu, Celso Augusto Uequed Pitol, assumo a responsabilidade total de cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos demandados pelos participantes.

Caceres, 10 de Janeiro de 2018

(Assinatura do entrevistado/deposito)

(Assinatura do pesquisador/entrevistador)

Então, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Entretanto, declaro que minha concordância está condicionada aos seguintes requisitos:

Sem anonimato.  
 Que possa ter acesso aos dados coletados.

Tendo em vista a declaração do participante acima assinado, eu, Celso Augusto Uequed Pitol, assumo a responsabilidade total de cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos demandados pelos participantes.

Caceres, 10 de Janeiro de 2018

(Assinatura do entrevistado/deposito)

(Assinatura do pesquisador/entrevistador)

UNIVERSIDADE LA SALLE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
Dissertação de Curso  
CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular de cessão de uso de imagem, eu, Entrevistado (a) Luiz Ed. J. J. J. J., RG 107.862.022.335, emitido pelo (a) S. S. S., CPF: 141.8.16.52272, domiciliado/residente na (Av. Raulino) (complemento) Cidade/Estado: CEP: 11000-000, 113 - Caceres - RJ, estado e transferência ao pesquisador Celso Augusto Uequed Pitol, CPF: 00.266.91201, RG 104.603.227, emitido em peleto) - 5.5.1, domiciliado/residente na (Av. Raulino) (complemento) Cidade/Estado: CEP: 11000-000, 113 - Caceres - RJ, com base na Lei 9.608/98, dos direitos de uso de sua imagem no website.

1) Para fins deste termo, o cedente entende como imagem a sua representação cinematográfica em documentário sobre o setor Juvenil do MDB.

2) Declara o cedente que o presente cessão é feita em caráter universal, total e definitiva e se faz por prazo indeterminado e a título gratuito, produzindo seus efeitos não só no Brasil, mas como em qualquer lugar situado fora das fronteiras nacionais.

2.1) O cedente também autoriza o Pesquisador Celso Augusto Uequed Pitol a utilizar a imagem cedida, a título gratuito, no Brasil ou no exterior, sem qualquer limitação de tempo ou da modalidade de utilização, sem que caiba ao mesmo cedente qualquer participação no eventual proveito econômico que direta ou indiretamente o documentário venha a auferir.

2.2) O presente ajuste produzirá seus efeitos inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores do cedente.

2.1) O cedente também autoriza o Pesquisador Celso Augusto Uequed Pitol a utilizar a imagem cedida, a título gratuito, no Brasil ou no exterior, sem qualquer limitação de tempo ou da modalidade de utilização, sem que caiba ao mesmo cedente qualquer participação no eventual proveito econômico que direta ou indiretamente o documentário venha a auferir.

Caceres, 10 de Janeiro de 2018

(Assinatura do cedente)

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE - UNILASALLE  
 Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais  
 Dissertação de Curso  
 CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Entrevistado (s) Maria Betha Salvo de Azevedo em RG: 103 828 254 CPF: 23025974700 domiciliado residente em (Av. Ruanho, Complemento Cidade/Estado/CEP) Av. de São João, 113/114 - 91140-000 declaro ceder ao Pesquisador Celso Augusto Uequed Pitol, CPF: 00182220111 Estado RS RG: 103828254 emitido pelo(a) RS domiciliado residente em (Av. Ruanho, Complemento Cidade/Estado/CEP) Passo D'Água, 113, Canoas/RS quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a título de propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que presta ao pesquisador/entrevistado aqui referido, na cidade de Porto Alegre, Estado RS, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle.

O pesquisador acima citado fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, após a minha conferência e aval, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Porto Alegre, 20 de junho de 2017

[Assinatura] (assinatura do entrevistado/depoente)  
[Assinatura] (assinatura do pesquisador/entrevistado)

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE - UNILASALLE  
 Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais  
 Dissertação de Curso  
 CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular de cessão de uso de imagem, eu, Entrevistado (s) Maria Betha Salvo de Azevedo em RG: 103 828 254 CPF: 23025974700 domiciliado residente em (Av. Ruanho, Complemento Cidade/Estado/CEP) Av. de São João, 113/114 - 91140-000 observante denominado cedente, promovo a cessão e transferência ao Pesquisador Celso Augusto Uequed Pitol, CPF: 00182220111, RG: 103828254 emitido pelo(a) RS domiciliado residente em (Av. Ruanho, Complemento Cidade/Estado/CEP) Passo D'Água, 113, Canoas/RS com base na Lei 9.608/98, dos direitos de uso de sua imagem no website.

1) Para fins deste termo, o cedente entende como imagem a sua representação cinematográfica em documentação sobre o setor jovem da MDB de Canoas;

2) Declara o cedente que a presente cessão é feita em caráter universal, total e definitiva e se faz por prazo indeterminado e a título gratuito, produzindo seus efeitos não só no Brasil, mas como em qualquer lugar situado fora das fronteiras nacionais.

2.1) O cedente também autoriza o Pesquisador Celso Augusto Uequed Pitol a utilizar a imagem cedida, a título gratuito, no Brasil ou no exterior, sem qualquer limitação de tempo ou de modalidade de utilização, sem que caiba ao mesmo cedente qualquer participação no eventual proveito econômico que direta ou indiretamente o documentário venha a auferir.

2.2) O presente ajuste produzirá seus efeitos inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores do cedente.

2.3) O cedente elige o foro da cidade de Porto Alegre/RS para dirimir toda e qualquer dúvida ou questão oriunda do presente instrumento, com expressa renúncia a qualquer outro, por mais privilegiado que possa ser.

Porto Alegre, 12 de abril de 2017

[Assinatura] Assinatura do cedente

requisitos demandados pelos participantes

Porto Alegre, 12 de agosto de 2017

[Assinatura] (assinatura do entrevistado/depoente)  
[Assinatura] (assinatura do pesquisador/entrevistado)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE LA SALLE - UNILASALLE  
 Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais  
 Dissertação de Curso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, entrevistado (s) Maria Betha Salvo de Azevedo de nacionalidade brasileira com endereço a Av. São João, 113/114 - 91140-000 Porto Alegre/RS portador do RG 103 828 254 estou sendo convidado (a) a participar de um estudo da trajetória dos líderes políticos envolvidos no Setor Jovem do MDB de Canoas entre os anos de 1972 e 1979.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista sobre as memórias na trajetória da minha atuação.

Estou ciente de que as informações coletadas durante a pesquisa só serão divulgadas com a minha autorização.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e de que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é Celso Augusto Uequed Pitol, mestrando em Memória Social e Bens Culturais no Centro Universitário La Salle - Unilasalle e com ele poderei manter contato pelo telefone 989051360.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Entretanto, declaro que minha concordância está condicionada aos seguintes requisitos

Sem anonimato.  
 Que possa ter acesso aos dados coletados.

Tendo em vista a declaração do participante acima assinado, eu, Celso Augusto Uequed Pitol, assumo a responsabilidade total de cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos demandados pelos participantes.

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE - UNILASALLE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
Dissertação de Curso

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular de cessão de uso de imagem, eu, Entrevistado (a) Luana Pedro Barreira, RG: 603632986, CPF: 087492608, domiciliado/residente na (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP): R. Desemb. Barreira, Colinas, RJ, doravante denominado cedente, prometo a cessão e transferência ao Pesquisador Célio Augusto Uequed Pitol, RG: 603829001, CPF: 03809222, emitido pelo(a): SJ, domiciliado/residente em (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP): Rua Tenente Amador, 172, com base na Lei 9.608/98, dos direitos de uso de sua imagem no website

- 1) Para fins deste termo, o cedente entende como imagem a sua representação cinematográfica em documentário sobre o setor Jovem do MDB de Canoas;
- 2) Declara o cedente que a presente cessão é feita em caráter universal, total e definitiva e se faz por prazo indeterminado e a título gratuito, produzindo seus efeitos não só no Brasil, mas cetero em qualquer lugar situado fora das fronteiras nacionais.

2.1) O cedente também autoriza o Pesquisador Célio Augusto Uequed Pitol a utilizar a imagem cedida, a título gratuito, no Brasil ou no exterior, sem qualquer limitação de tempo ou da modalidade de utilização, sem que caiba ao mesmo cedente qualquer participação no eventual proveito econômico que direta ou indiretamente o documentário venha a auferir

2.2) O presente ajuste produzirá seus efeitos inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores do cedente.

2.3) O cedente elige o foro da cidade de Porto Alegre/RS para dirimir toda e qualquer dúvida ou questão oriunda do presente instrumento, com expressa renúncia a qualquer outro, por mais privilegiado que possa ser.

Luana, 17 de outubro de 2017

Luana Assinatura do cedente

requisitos demandados pelos participantes.

Luana, 17 de outubro de 2017

Luana (assinatura do entrevistado/deponente)  
Célio (assinatura do pesquisador/entrevistado)

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE - UNILASALLE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
Dissertação de Curso

CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Entrevistado (a) Jussara Pado Barreira, RG: 603632986, CPF: 087492608, domiciliado/residente em (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP): R. Desemb. Barreira, Colinas, RJ, declaro ceder ao Pesquisador Célio Augusto Uequed Pitol, RG: 603829001, CPF: 03809222, emitido pelo(a): SJ, domiciliado/residente em (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP): Rua Tenente Amador, 172, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que preseri ao pesquisador/entrevistado aqui referido, na cidade de Canoas, Estado RS, em 17, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle.

O pesquisador acima citado fica, consequentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, após a minha conferência e aval, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Luana, 17 de outubro de 2017

Luana (assinatura do entrevistado/deponente)  
Célio (assinatura do pesquisador/entrevistado)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE LA SALLE - UNILASALLE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
Dissertação de Curso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, entrevistado (a) Jussara Pado Barreira, de nacionalidade brasileira, com endereço a R. Desemb. Barreira, Colinas, RJ, sou portador do RG 603632986 estou sendo convidado (a) a participar de um estudo da trajetória dos atores políticos envolvidos no Setor Jovem do MDB de Canoas entre os anos de 1972 e 1979.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista sobre as memórias na trajetória da minha atuação.

Estou ciente de que as informações coletadas durante a pesquisa só serão divulgadas com a minha autorização.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e de que, por desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é Célio Augusto Uequed Pitol, mestrando em Memória Social e Bens Culturais no Centro Universitário La Salle - Unilasalle e com ele poderei manter contato pelo telefone 511655760.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Entretanto, declaro que minha concordância está condicionada aos seguintes requisitos

Sem anonimato  
 Que possa ter acesso aos dados coletados.

Tendo em vista a declaração do participante acima assinado, eu, Célio Augusto Uequed Pitol, assumo a responsabilidade total de cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos demandados pelos participantes.

Titulo de Consentimento Livre e Esclarecido  
 UNIVERSIDADE LA SALLE - UNILASALLE  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
 Dissertação de Curso  
 TÍTULO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, entrevistado (a) JORGE LUIZ DUPONT, de nacionalidade brasileira, nascido a 14 de janeiro de 1954, com estado civil casado, de profissão Administrador, com endereço a sua Rua Roque Calage, nº 886 apt. 501 bairro Passo D'Área - Porto Alegre e portador do RG: 440872999 / RS, estou sendo convidado (a) a participar de um estudo da trajetória dos atores públicos envolvidos no Setor Juvenil do MDB de Canoas entre os anos de 1972 e 1979.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista sobre as memórias na trajetória da minha atuação.

Estou ciente de que as informações coletadas durante a pesquisa só serão divulgadas com a minha autorização.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e de que, por deixar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é Celso Augusto Uequed Pinó, mestreando em Memória Social e Bens Culturais no Centro Universitário La Salle - Unilasalle e com ele poderei manter contato pelo telefone (51) 995.181.980.

É assegurada a anonimato durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Enfim, tudo o que eu quiser saber antes, durante e depois da minha participação.

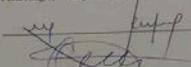
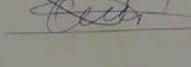
Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Entretanto, declaro que minha concordância está condicionada aos seguintes requisitos

[X] Sem anonimato.  
 [ ] (que possa ter acesso aos dados coletados).

Tendo em vista a declaração do participante acima assinado, eu, Celso Augusto Uequed Pinó, assumo a responsabilidade total de cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos demandados pelos participantes.

Porto Alegre, 20 de junho de 2018.

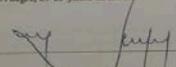
 (assinatura do entrevistado/deponente)  
 (assinatura do pesquisador/entrevistador)

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE - UNILASALLE  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
 Dissertação de Curso  
 CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Entrevistado JORGE LUIZ DUPONT, RG: 440872999 / RS, CPF: 151.140.070/88, domiciliado/residente em Porto Alegre (RS), na Rua Roque Calage, nº 886 - apt. 501 - bairro Passo D'Área (CEP) 91.350-090, declaro ceder ao Pesquisador Celso Augusto Uequed Pinó, CPF: 00306977001, RG: 1088079223, emitido pelo(a) SJS, domiciliado/residente em (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP) R. Lemes Feres - mundo Assatelli, 177, Canoas, RS, CEP 92020-140, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que pretens o pesquisador/entrevistador aqui referido, na cidade de Canoas e Porto Alegre, Estado RS, em 1/1 como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle.

O pesquisador acima citado fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, após a minha conferência e aval, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Porto Alegre, 20 de junho de 2018.

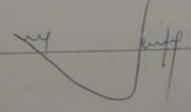
 (assinatura do entrevistado/deponente)  
 (assinatura do pesquisador/entrevistador)

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE - UNILASALLE  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
 Dissertação de Curso  
 CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular de cessão de uso de imagem, eu, Entrevistado JORGE LUIZ DUPONT, RG: 440872999 / RS, CPF: 151.140.070/88, domiciliado/residente na Rua Roque Calage, nº 886 - apt. 501 - bairro Passo D'Área em Porto Alegre/RS (CEP) 91.350-090, doravante denominado cedente, pretendo a cessão e transferência ao Pesquisador Celso Augusto Uequed Pinó, CPF: 00306977001, RG: 101102222, emitido pelo(a) SJS, residente/domiciliado em (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP) R. Lemes Feres mundo Assatelli, 177, Canoas, RS, CEP 92020-140, sem base na Lei 9.608/98, dos direitos de uso de sua imagem no âmbito:

- 1) Para fins deste termo, o cedente autoriza o uso de sua imagem a sua representação cinematográfica em documentário sobre o setor Juvenil do MDB de Canoas.
- 2) Declara o cedente que a presente cessão é feita em caráter universal, total e definitiva e se faz por prazo indeterminado e a título gratuito, produzindo seus efeitos não só no Brasil, mas como em qualquer lugar situado fora das fronteiras nacionais.
- 2.1) O cedente também autoriza o Pesquisador Celso Augusto Uequed Pinó a utilizar a imagem cedida, a título gratuito, no Brasil ou no exterior, sem qualquer limitação de tempo ou de modalidade de utilização, sem que caiba ao mesmo cedente qualquer participação no eventual projeto econômico que direta ou indiretamente o documentário venha a auferir.
- 2.2) O presente ajuste produzirá seus efeitos inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores do cedente.
- 2.3) O cedente elige o foro da cidade de Porto Alegre/RS para dirimir toda e qualquer dúvida ou questão oriunda do presente instrumento, com expressa renúncia a qualquer outro, por mais privilegiado que possa ser.

Porto Alegre, 20 de junho de 2018.

 Assinatura do cedente

UNIVERSIDADE LA SALLE  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMORIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
 Dissertação de Curso  
 CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular de cessão de uso de imagem, eu, Entrevistado (a) Celso Pitol, RG. 800338246, estado pelo (a) SP, CPF. 00000000000, residente em \_\_\_\_\_, (Av. Rio das Antilhas/Cidade Estado/CEP) João Fernando Amador, 117, apartamento \_\_\_\_\_, cidade de \_\_\_\_\_, inscrita em \_\_\_\_\_ no \_\_\_\_\_, CPF. 00000000000, estado pelo(a) SP, RG. 101804132, (Av. Rio das Antilhas/Cidade Estado/CEP) João Fernando Amador, 117, apartamento \_\_\_\_\_, com base na Lei 9.608/98, deslizo de uso de sua imagem no seguinte:

1) Para fins deste termo, o cedente entende como imagem a sua representação cinematográfica em documentação sobre o setor Ivoan da MDR.

2) Declara o cedente que a presente cessão é feita em caráter irrevocável, total e definitiva e se faz por prazo indeterminado e a título gratuito, produzindo seus efeitos não só no Brasil, mas como em qualquer lugar situado fora das fronteiras nacionais.

2.1) O cedente também autoriza o Pesquisador Celso Augusto Uequed Pitol a utilizar a imagem cedida a título gratuito, no Brasil ou no exterior, sem qualquer limitação de tempo ou de modalidade de utilização, sem que caiba ao mesmo cedente qualquer participação no eventual proveito econômico que direta ou indiretamente o documentário venha a auferir.

2.2) O presente ajuste produzirá seus efeitos inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores do cedente.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE LA SALLE - UNILASALLE  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMORIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
 Dissertação de Curso  
 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, entrevistado (a) Celso Pitol, de nacionalidade brasileira, com endereço a João Fernando Amador, 117, apartamento \_\_\_\_\_, cidade estado inscritado na e participo de um estudo da pesquisa dos atores políticos envolvidos no Setor Ivoan da MDR de Caxias entre os anos de 1972 e 1979.

A minha participação no referido estudo visa ao sentido de conceder uma entrevista sobre os assuntos em questão da minha atuação.

Estou ciente de que as informações coletadas durante a pesquisa são sendo divulgadas com a minha autorização.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meus comentários a qualquer momento, sem qualquer sanção de que, por desejo meu de participar, não sofrerá qualquer prejuízo a manutenção que venha recebendo.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é Celso Augusto Uequed Pitol, mestrando em Memória Social e Bens Culturais no Curso Universidade La Salle - Unilasalle e com ele poderei manter contato pelo telefone: 920232520.

É assegurada a confidencialidade de toda pesquisa, bem como ter a garantia de livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas etapas. Então, tudo o que eu quiser saber antes, durante e depois da minha participação.

Então, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o que foi mencionado e compreendido, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifestei meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhuma valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Entretanto, declaro que minha concordância está condicionada aos seguintes requisitos:

Sem remuneração;  
 Que possa ter acesso aos dados coletados.

Tendo em vista a declaração do participante acima assinada, eu, Celso Augusto Uequed Pitol, assumo a responsabilidade total de cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos demandados pelas partes participantes.

2.3) O cedente elega o foro da cidade de Porto Alegre/RS para dirimir toda e qualquer dúvida ou questão oriunda do presente instrumento, com expressa renúncia a qualquer outro, por mais privilegiado que possa ser.

Caxias, 10 de fevereiro de 2018

[Assinatura]  
 Assinatura do cedente

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE - UNILASALLE  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMORIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
 Dissertação de Curso  
 CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOSITO ORAL

Pelo presente documento, eu, Entrevistado (a) Celso Pitol, RG. 800338246, estado pelo (a) SP, CPF. 00000000000, residente em \_\_\_\_\_, (Av. Rio das Antilhas/Cidade Estado/CEP) João Fernando Amador, 117, apartamento \_\_\_\_\_, declara under ao Pesquisador Celso Augusto Uequed Pitol, CPF. 90704140001, RG. 101804132, estado pelo(a) SP, RG. 101804132, (Av. Rio das Antilhas/Cidade Estado/CEP) João Fernando Amador, 117, apartamento \_\_\_\_\_, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e econômicos, a plena propriedade e os direitos autorais do depósito de caráter histórico-patrimonial que possui no pesquisador entrevistado aqui referido, na cidade de Caxias, Estado RS, em 02/12/18 que possa subsistir a constituição de sua dissertação de Mestrado em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle.

O pesquisador acima citado fica, concomitantemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depósito, em todo ou em parte, editado ou não, após a minha confirmação e assentada, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Caxias, 10 de fevereiro de 2018

[Assinatura]  
 Assinatura do entrevistado/depositante

[Assinatura]  
 Assinatura do pesquisador/entrevistador



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
 Dissertação de Curso  
 CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular de cessão de uso de imagem, eu, Entrevistado Roberto Medeiros, RG: 1218063382, CPF: 1140811008, domiciliado residente na (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP) R. Luis de Camões, Unipol, RS, 91104-8167, em nome do Pesquisador/Entrevistador Roberto Medeiros, RG: 1218063382, CPF: 1140811008, domiciliado residente em (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP) R. Manoel Feraud, Av. 172, com base na Lei 9.608/98, dos direitos de uso de sua imagem no website

1) Para fins deste termo, o cedente entende como imagem a sua representação cinematográfica em documentação sobre o setor Juven do MEB do Campus.

2) Declara o cedente que a presente cessão é feita em caráter universal, total e definitivo e se faz por prazo indeterminado e a título gratuito, produzindo seus efeitos não só no Brasil, mas como em qualquer lugar situado fora das fronteiras nacionais.

2.1) O cedente também autoriza o Pesquisador Celso Augusto Uequop Pinol a utilizar a imagem cedida, a título gratuito, no Brasil ou no exterior, sem qualquer limitação de tempo ou de modalidade de utilização, sem que caiba ao mesmo cedente qualquer participação no eventual proveito econômico que direta ou indiretamente o documentação venha a auferir.

2.2) O presente ajuste produzirá seus efeitos inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores do cedente.

2.3) O cedente elige o foro da cidade de Porto Alegre/RS para dirimir toda e qualquer dúvida ou questão oriunda do presente instrumento, com expressa renúncia a qualquer outro, por mais privilegiado que possa ser.

Celso Augusto Uequop Pinol, 12 de dezembro de 2017.  
 Assinatura do cedente

Imagem documentada pelo participante  
Celso Augusto Uequop Pinol, 12 de dezembro de 2017  
 Assinatura do entrevistado/deponente  
 Assinatura do pesquisador/entrevistador

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
 Dissertação de Curso  
 CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, Entrevistado (a) Linda Lavinha Vozel Petrol, RG: 120332853, CPF: 22603284048, domiciliado residente em (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP) R. Manoel Feraud, Av. 172, declaro ceder ao Pesquisador Celso Augusto Uequop Pinol, CPF: 1230877001, RG: 108807823, emitido pelo(a) S. S. S., domiciliado residente em (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP) R. Manoel Feraud, Av. 172, em quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e em direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que presto ao pesquisador/entrevistador aqui referido, na cidade de Caxias, RS, em 16 de 12, como subsidiado à conclusão de sua dissertação de Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle.

O pesquisador acima citado fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, após a minha conferência e aval, com a única ressalva de garantia da integridade do seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Celso Augusto Uequop Pinol, 12 de Janeiro de 2018.  
 Assinatura do entrevistado/deponente  
Linda Lavinha Vozel Petrol, Assinatura do pesquisador/entrevistador

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE – UNILASALLE  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS  
 Dissertação de Curso  
 CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE USO DE IMAGEM

Pelo presente instrumento particular de cessão de uso de imagem, eu, Entrevistado (a) Linda Lavinha Vozel Petrol, RG: 120332853, CPF: 22603284048, domiciliado residente na (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP) R. Manoel Feraud, Av. 172, declaro ceder ao Pesquisador Celso Augusto Uequop Pinol, CPF: 1230877001, RG: 108807823, emitido pelo(a) S. S. S., domiciliado residente em (Av./Rua/rua/complemento/Cidade/Estado/CEP) R. Manoel Feraud, Av. 172, com base na Lei 9.608/98, dos direitos de uso de sua imagem no website

1) Para fins deste termo, o cedente entende como imagem a sua representação cinematográfica em documentação sobre o setor Juven do MEB do Campus.

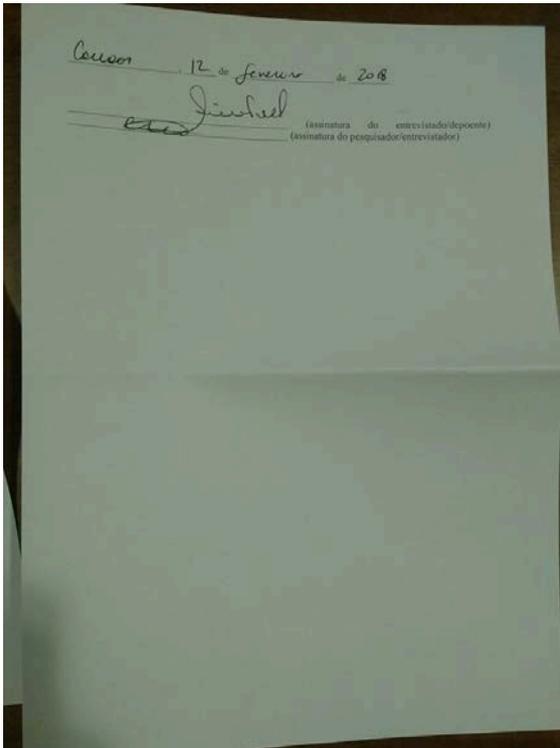
2) Declara o cedente que a presente cessão é feita em caráter universal, total e definitivo e se faz por prazo indeterminado e a título gratuito, produzindo seus efeitos não só no Brasil, mas como em qualquer lugar situado fora das fronteiras nacionais.

2.1) O cedente também autoriza o Pesquisador Celso Augusto Uequop Pinol a utilizar a imagem cedida, a título gratuito, no Brasil ou no exterior, sem qualquer limitação de tempo ou de modalidade de utilização, sem que caiba ao mesmo cedente qualquer participação no eventual proveito econômico que direta ou indiretamente o documentação venha a auferir.

2.2) O presente ajuste produzirá seus efeitos inclusive em relação a eventuais herdeiros e sucessores do cedente.

2.3) O cedente elige o foro da cidade de Porto Alegre/RS para dirimir toda e qualquer dúvida ou questão oriunda do presente instrumento, com expressa renúncia a qualquer outro, por mais privilegiado que possa ser.

Celso Augusto Uequop Pinol, 12 de Janeiro de 2018.  
 Assinatura do cedente



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE LA SALLE - UNILASALLE

MESTRADO PROFISSIONAL EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS

Dissertação de Curso

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, entrevistado (a) Linda Lúcia Ueque Pitol de nacionalidade brasileira com endereço a Imunidade Social, 174, Canoas portador do RG 33228531 estou sendo convidado (a) a participar de um estudo da trajetória dos atores políticos envolvidos no Setor Jovem do MDB de Canoas entre os anos de 1972 e 1979.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista sobre as memórias na trajetória da minha atuação.

Estou ciente de que as informações coletadas durante a pesquisa só serão divulgadas com a minha autorização.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e de que, por desejar sair da pesquisa, não soferei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo.

O pesquisador envolvido com o referido projeto é Celso Augusto Ueque Pitol, mestrando em Memória Social e Bens Culturais no Centro Universitário La Salle - Unilasalle e com ele poderei manter contato pelo telefone 914053260.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido, a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar por minha participação.

Entretanto, declaro que minha concordância está condicionada aos seguintes requisitos

Sem anonimato.

Que possa ter acesso aos dados coletados.

Tendo em vista a declaração do participante acima assinado, eu, Celso Augusto Ueque Pitol, assumo a responsabilidade total de cumprir as condições de pesquisa descritas, atendendo aos requisitos demandados pelos participantes.